

TRÓPICO DE PARIS

paulo antonio paranaguá





Trópico de paris



Colección Libros
Imposibles



PAULO ANTONIO PARANAGUÁ

TRÓPICO DE PARIS

O esquisitíssimo mistério do cadáver flutuante em busca de um encontro indesejado

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2024-

Paranaguá, Paulo Antonio. 1955 / Trópico de Paris / Paulo Antonio Paranaguá,
--1ª ed.-- Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2024.
212 p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 8 > <Digital>
1. Ensaio autobiográfico brasileiro. 2. Literatura brasileira. I. Título.

Primera edición, 2024

Colección Libros Imposibles #8

Trópico de Paris

© Paulo Antonio Paranaguá

Diseño editorial:

Melvyn Aguilar

Portada & ensayo fotográfico:

Florianio Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Corrección filológica:

El autor





PARIS

Fluctuat nec mergitur. Esqueci o latim, mas leio essa divisa há décadas no escudo de Paris. Boio e não afundo, por quê? Cento e dez quilos desafiam a lei da gravidade. Antes carregava duzentos livros, agora carreguei duzentas libras com as mãos abanando. Como é possível? Esqueci também as aulas de física. Apesar de virado de boca pra baixo, não sinto pressão na pança, Sancho, colchão d'água é fofo. Assim mesmo, a posição é incômoda, amolece meu raciocínio, amortece meus sentidos, ouço apenas ruídos abafados, não distingo as vozes, sinto certa agitação na superfície. Talvez já tenha sido descoberto. Apesar dos olhos abertos, esbugalhados, não vejo nada, nem sequer o fundo da piscina. Quem dera ter uma aspirina, *ela reenfoca, para o corpo inteiro, o borroso de ao redor, e o reafina*, poetizava João Cabral de Melo Neto, eminência em farmacologia. Não consigo mexer, a sensação é desagradável, mas pelo menos não sinto minha dor nas costas. *Je suis fatigué*, estou fatigado, cansado, esgotado. Minha ladainha de velho amolecido, que acorda com o corpo enrijecido e a cabeça em estado líquido. A rigidez cadavérica principiou comigo vivo. Quando não se sente mais dor nenhuma, então é sinal de que se está morto. Andei falando à toa, à torto e à direito, que um romance ou série policial devia começar com um cadáver, para garantir a dose de adrenalina. Besteira. Mas também não precisava ser logo o meu corpanzil deitado numa piscina pública de Paris. Cadáver flutuante. Esquisito. Esquisitíssimo. Tenho a impressão de ter visto esse filme. *Déjà vu*. A situação não podia ser mais ridícula, como é que vou então contar a história? Mas que história? Na certa, a história mal contada de uma travessia. Nem comecei e já perdi o fio da meada, tenho somente fragmentos de memória, como se houvessem estilhaçado meu crânio. Parece a piada do computador português, que não tem memória, apenas vagas lembranças. Bem-feito, não de via brincar com estereótipos. Juntar os pedaços não vai ser fácil,

assim sem movimentos, sem instrumentos, sem poder escrever, sem resiliência nem serenidade. De que adianta reconstituir o quebra-cabeça se não posso mais falar nem transmitir nada? As peças desgastadas e deformadas não encaixam. Tudo que é sólido desmancha no ar com o passar do tempo. Como é que vou encontrar alguma coerência com estas sobras? Conforme diz o ditado, não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Maldita sabedoria popular, é pior que catecismo. Agora é tarde, não adianta reclamar, ninguém ouve nem dá mais a mínima. Você pode não ser o Anatole France trancado numa caixa de livros à beira do Sena, prestes a ser jogado no rio, mas agora você é um cadáver, corpo sem vida, inanimado, não é metáfora ou insulto, não existe mais, acabou, ponto final. A indiferença e o esquecimento iniciaram o trabalho implacável do tempo, daqui a uns anos seu nome terá desaparecido dos registros ou ficará reduzido a uma linha nas genealogias, com as dúvidas e erros típicos dessas esqueléticas reconstruções de linhagem, patéticas letras apagadas, pífio passatempo, sem sentido nem sentimentos, sem carne nem alma. Sem legado, anônimo, apátrida, avassalado, assepsiado, atropelado, aniquilado, apodrecido. Consumado, consumido, sumido. Lá vem você com seu palavrório e suas digressões, não aprende, não cresce nem amadurece, não toma jeito nem morto, não tem juízo, não tem maturidade nem defunto, é mesmo um caso perdido. O pior é que nem lembro como aterrissei nesta detestável piscina, não sei como vim até aqui. Nunca consegui fazer natação neste clima, imagina só sair molhado ou recém banhado no frio ou na chuva, com o céu cinzento ou escuro prestes a desabar e a precipitar a depressão em qualquer tropicalista. Não exagero, eu não sou daqui, nasci à beira-mar, no trópico, carioca da gema. Nadar teria sido bom para as costas envilecidas, mas não consegui criar coragem, não tive nem força de vontade nem perseverança. Sempre fui preguiçoso, um preguiçoso frustrado, porém preguiçoso. Ninguém reparou porque eu era obcecado, uma obsessão ou monomania foi substituindo a outra e assim sucessivamente, como se eu fosse um *workaholic* ou um *stakhanovista*. *Tovaritch Pavel Stakhanovich, spasiba*. Ai

que preguiça. Sobrevivi às ditaduras no Brasil e na Argentina, como é que fui acabar assim numa piscina parisiense? Sobreviver foi um sacrifício. Acenderam as luzes, na certa vão me tirar daqui, mas é tarde demais. Certeza não, não existe mais, troquei o certo pelo incerto. Continuo sem saber como cheguei a este ponto. Não percebo sequer que piscina é. Tomara que seja uma das antigas, bonitas, Pailleron, Pontoise, Molitor, Butte-aux-Cailles. Tanto faz agora. Não devo ter vindo sozinho ou então tinha encontro marcado e não podia ser só com a Parca, porque alguém se encarregou de apressar o desenlace, de adiantar minha última hora. Jaz aqui um cadáver tropical, insubmersível, insepulto, insone, insensato, insinuante, instável, insistente, insubmisso, infosismável, insuportável, insípido, inosso, inservível, insignificante, insensível, insondável, insanável, insalubre, insolúvel, insaciado. Eu não sou daqui, eu não tenho amor. Não costumo esquecer os compromissos, mas não acredito que tenha marcado com ninguém e muito menos neste lugar com cheiro a cloro. Como posso ser tão inconsequente? Para destrinchar os mistérios do inconsciente, Billy Wilder, o moralista vienense de Sunset Boulevard, em Beverly Hills, aconselhava: *Cherchez la femme*, encontre essa mulher. No século passado, complexo de Édipo constava nas Tabuas da Lei. Agora pretendem abolir. Nasci no século passado, sou do século passado, ultrapassado, passadista secular, pretérito e preterível. Não sou deste tempo, não sou de ninguém, não sou mais nada. *No future, has been, nobody*. Agora não se pode mais expressar pensamentos destemperados. Correto? *Nobody is perfect*, ninguém é perfeito. Tira a mão daí! Juro que não fiz nada, não posso nem mexer, mais morto que vivo, de molho n'água clorada. Falta só a pá de cal... depois da autópsia. Detesto bisturi, ainda bem que não sinto nada, nem vou precisar de anestesista. Espírito positivo até debaixo d'água.



MONTMARTRE

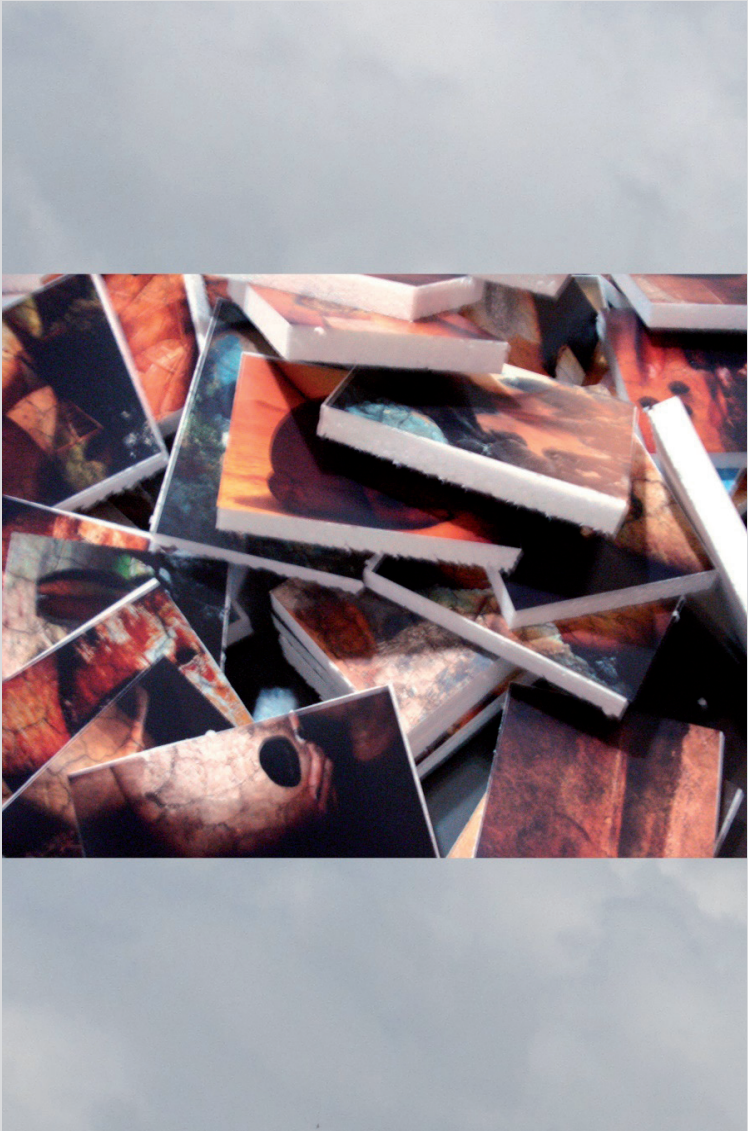
A degringolada começou depois daquela reunião perto do cemitério de Montmartre. Devia ter desconfiado, dá azar passar perto. Xô. Chega pra lá. Ainda por cima, resolvi aproveitar o sol da primavera tardia para dar uma volta antes e depois do breve encontro. Procurar o calor do sol é um requisito de sobrevivência para la-gartixa e tropicalista desterrado. O percurso teve paradas sentimentais. Fazia meio século que visitara o Museu Gustave Moreau. Na ocasião ficamos horas. Além dos quadros, era possível olhar livremente os desenhos que estavam em painéis debaixo das janelas ou no móvel do último andar. Agora é preciso pedir licença aos vigias enfrascados nos seus smartphones. Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão, disse Glauber Rocha. Agora é um selfie em mente e um telefone na mão. De qualquer jeito, não tinha demasiado tempo. Acho que está tudo igual, como na época em que era residência e ateliê do pintor. Além de *Jupiter et Sémélé*, cuja reprodução conservei durante anos, e outras figuras da mitologia ou fadas, desta vez reparei na luta travada entre São Jorge e o Dragão. Então você vai interpretar o Santo Guerreiro e uma moça vai fazer o papel do Dragão da Maldade? *La vida te da sorpresas*. Na primeira visita, nos idos de 1968, ficamos impregnados daquela feminidade exaltada, divinizada, barroca, requintada, desbordante de vida e luxúria, repleta de luxo e apetrechos. Gustave Moreau foi um precursor dos carnavalescos. Conhecíamos os elogios de André Breton, por isso fomos lá, para conferir e descobrir com nossos próprios olhos. Estávamos na disposição ideal para captar a sensualidade e o erotismo daquelas representações hieráticas que desafiavam as convenções. Vivíamos com a sensibilidade à flor da pele, com uma receptividade inédita para todos os estímulos, num estado alterado, nossos pés não tocavam quase o chão, era uma levitação imperceptível fora da nossa bolha. Apesar da nossa discricção, os amigos da Promenade de Vénus, o café onde nos víamos às seis da tarde,

perceberam. Ninguém comentou, mas alguns olhos brilharam e aprovaram. As ruas estavam em polvorosa, os corações também, aquela primavera foi maravilhosa, única. Voltar sobre seus passos, visitar o museu sozinho é sentir a distância e a diferença no estado de espírito. O passado não tem volta, regressar é impossível, não cabe a saudade, somente a melancolia de um momento esgotado e de sensações evanescentes, cada vez mais apagadas. Ao descer a escada em espiral com uma leve vertigem, senti que talvez não tivesse sido uma boa ideia, mas estava atrasado, não tinha como recuar. Subi a ladeira para o meu encontro de trabalho sem muita convicção. No caminho, percebi uma produtora, Les Productions du Golem, cuja vitrine revela modestas atividades audiovisuais. O Museu de Arte Judaica dedicou uma exposição ao Golem, o gigante de barro. Fiz um curto desvio para passar na frente do apartamento da rua Fontaine, onde puseram uma placa: *André Breton (1896-1966), Je cherche l'or du temps* [Procuro o ouro do tempo], *fez do 42 rue Fontaine o centro do movimento surrealista de 1922 a 1966*. O ateliê ficava no edifício de trás, inacessível por causa do portão da rua fechado, como em tudo que é lugar agora em Paris. De qualquer jeito, o apartamento foi esvaziado, sobrou a reconstituição da parede detrás do escritório do poeta, com as prateleiras cheias de objetos e quadros pendurados, com o retrato de Elisa Breton no meio das peças trazidas das Américas, da Oceania ou da África. Aquela arrumação desarrumada virou objeto museográfico no Centro Pompidou, como a casa de Gustave Moreau. Subir a rua Lepic foi penoso, porque o turismo tomou conta do pedaço depois da imagem colorida divulgada pela Amélie Poulain. Lá em cima a rua dá uma volta em torno da colina de Montmartre, isso me fez perder o rumo, precisei desandar parte do caminho antes de encontrar a direção certa. Depois da reunião retomei o que a essas alturas parecia uma peregrinação fadada ao fracasso, sem promessa de redenção. Contornei o cemitério, onde estão enterrados Jeanne Moreau e François Truffaut, Dalida e Pierre Barouh, Stendhal e a Dama das Camélias. Os turistas ignoram o Studio 28, quase centenário, que mantém uma programação fílmica voltada para

a vizinhança, porque ninguém mais se abala até lá para a estreia de *L'Age d'or* de Luis Buñuel ou para destruir os quadros surrealistas pendurados no hall. A Idade de ouro acabou. A rua das Abbesses é tão agitada quanto a Lepic, mas não me detenho nas pessoas, procuro o espírito do lugar apesar das inevitáveis mudanças. Vejo com impotência as diferenças, as camadas superpostas de anos e mais anos, como se estivesse fazendo um vulgar inventário urbanístico para o município. O banco está no mesmo local, completamente automatizado. O correio também. No meio da praça, o acesso do metrô Abbesses está escondido por um carrossel. Costumava encontrar ali o corpulento poeta Roberto Armijo, representante da guerrilha salvadorenha, vizinho de Montmartre, com sua cabeleira afro, testa larga, barba frondosa e esbranquiçada. O jornalista aleijado e mal-humorado, sentado na sua cadeira de rodas, foi o primeiro a ceder o local para uma butique. A livraria sobreviveu, com uma oferta diferente virada para os estrangeiros. Felizmente, não dá para ver a horrível basílica do Sacré-Cœur, construída em ação de graças pelo aniquilamento da Comuna de Paris. Deviam transformar aquele merengue gigante em mesquita, para expiar os pecados das Igrejas. Lá em cima salva-se apenas a vista. Por mim, podiam doar a torre Eiffel a algum país pobre precisado de atrações, o ferro-velho já deu o que tinha que dar. Por que não consigo valorizar as novidades positivas? *La eterna miseria que es el acto de recordar*, escreveu Virgilio Piñera. O Théâtre des Abbesses, municipal, onde assisti um *Dom Quixote* do colombiano Omar Porras, é uma construção bonita e um foco que atrai espectadores de outros bairros. Nossa pizzaria da esquina virou uma agência imobiliária. Cheguei finalmente à rua de Orsel. A padaria da esquina com a rua dos Martyrs continua firme, a da outra ponta do quarteirão virou uma loja de moda, mas os painéis que exaltam as plantações de trigo e o trabalho dos padeiros ficaram, mesmo desgastados, malcuidados. O Théâtre de l'Atelier, o antigo teatro de Charles Dullin, domina a praça desde o século XIX. *Esprit d'Antonin Artaud, es-tu là?* Espírito de Artaud, estás aí? No Atelier, Artaud le Momo conheceu a atriz Génica Athanasiou, a

paixão da sua vida atormentada. Contra a dramaturgia convencional, Artaud e seu Duplo imaginaram o Teatro da Crueldade. Rue d'Orsel, o Kokolion deixou de existir há muitos anos. O jantar começava sempre com a salada Kokolion, *cervelas et pommes à l'huile*. Prato principal, *filet au poivre* ou *filet mignon à la sauce moutarde*. De sobremesa, *moelleux au chocolat et crème anglaise*. Que fim terão levado os donos? O local, ou melhor, a metade do espaço, foi ocupada por outro restaurante. Duvido que o público de teatro fique por ali depois do espetáculo, o aspecto dos bistrôs não é atraente. No 54, o portão estava trancado, não pude dar uma olhadela. Uma segunda porta separa o primeiro bloco do pátio interno. O que não mudou nada é o barulho feito pelas crianças na hora do recreio no colégio que dava para os fundos de casa. Nunca me incomodei. Pelo contrário. Adorei ouvir a mesma balburdia, mais distante, quando fui morar noutra bairro. A peregrinação teve o efeito inverso do procurado. Em lugar de propiciar um reencontro comigo mesmo, perturbou meu precário equilíbrio com a constatação de quanto estou afastado desse passado pretérito, que visito como se fosse um museu de cera, percebendo os defeitos. Tudo virou simulacro e ausência, uma ficção imperfeita, imaginada para dissimular os buracos. *Je est un autre*. O Eu é um outro. Como foi que um adolescente descobriu esse desdobramento? Tenho a impressão de que é preciso uma vida inteira para chegar a essa conclusão. Além de simpatizante da Comuna de Paris, Arthur Rimbaud era visionário. Talvez estivesse fascinado pela tradição do *doppelgänger*, o duplê, que os gêmeos são os únicos a vivenciarem. Durante o périplo pelo meu antigo bairro tive às vezes a sensação de ser seguido ou de estar discretamente acompanhado. Fazia muitos anos que não sentia isso, pelo menos acordado, pesadelo não vale. Como perambulava devagar, parei nas vitrines, examinei a imagem refletida, virei para olhar as pessoas às minhas costas, mas não reconheci ninguém ao redor e ninguém parecia me reconhecer, nem reparar na minha presença. Não era uma sombra alheia, era apenas minha sombra, a sombra de mim mesmo, a sombra de quem fui. Essas considerações melancólicas em torno do meu

umbigo e da fumaça do meu charuto me fizeram perder de vista que eu podia realmente estar sendo seguido. Afinal, perdi os velhos reflexos da clandestinidade no Brasil e na Argentina, seria incapaz de neutralizar uma vigilância, sem falar nos recursos tecnológicos que não existiam na minha mocidade. Fiquei apenas com a pontualidade, muito útil para um radialista, bê-á-bá do clandestino, somente cinco minutos de tolerância. O paranoico às vezes é perseguido mesmo. *Et tu, Brute?* (isso não é latim, é apropriação cultural do bardo inglês). Até tu, Brutus? Quem trouxe esse cavalo para dentro do consultório? Doutor, que cavalo é esse que somente o senhor está vendo e mais ninguém do grupo de terapia? A vingança dos pacientes contra o terapeuta. Custou meter o cavalo lá dentro, mas valeu a pena, contava Raul Fiker, *O Equivocrata*. A incerteza mudou de lado, nem que fosse um instante. A dúvida é uma promessa de esperança.



PINAR DEL RIO

Fumei de tudo desde a adolescência. Tudo. Tem uma foto enfumaçada por aí onde pareço um jovem artista mascarado, com óculos escuros dentro de casa e cachimbo. Atrás tem uma fileira de bonequinhas karajá. Gostava do tabaco irlandês perfumado que vinha numa lata redonda amarela, Murray's Erinmore mixture. Comecei no Rio fumando Hollywood, menos de um maço por dia. Depois fumei cigarros franceses, tabaco escuro, nada a ver com o tabaco claro de tipo Virginia. Gauloises e Gitanes, com e sem filtro. Fumei inclusive Boyards, um cigarro grosso, na variante com papel *maïs*, amarelo. Apagava toda hora, precisava acender de novo várias vezes, o cigarro ficava sem forma, tinha um aspecto horrível. Foi o auge do meu populismo tabaqueiro. Fumei cigarrilhas, Meccarillos ou Davidoff quando tinha dinheiro, mas cigarrilha é o pior dos dois mundos, porque você traga como cigarro e é tabaco forte como charuto e cachimbo. Passei para o charuto durante a minha primeira viagem a Cuba. Desde então, não fumo outra coisa. Argumento que é a opção ecológica e saudável, porque não tem papel nem alcatrão. Bobagem. Não ligo para a argumentação, não sinto necessidade de justificação. Vivo minha vida. Tudo é uma questão de dose e qualidade. Conheci um cineasta moçambicano que acendia um charuto atrás do outro, de qualidade duvidosa, malcheirosos. *Rompeportones* (Quebra portões), diziam em espanhol. Fumo pouco, um por dia, exceto uma fase em que passei para dois. A limitação é o meu bolso, meu orçamento me obrigou a deixar os cubanos e enganar com um dominicano bem mais barato, três vezes menos. Golpe duro para quem acredita que charuto bom é o cubano, o *habano*, nenhum outro se compara nem chega perto. Em Cuba, a única coisa confiável são os charutos, afirma Orson Welles, um *connaisseur*, num filme ambientado às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Frase digna de Harry Lime, o *Terceiro Homem*. Frase superada, porém, pela convergência

entre a Revolução e o mercado negro. Desde que controlam a comercialização, os espanhóis tentam moralizar o negócio. Os produtores de tabaco resistiram à coletivização e defenderam assim a tradição. O setor foi durante muito tempo um oásis de prosperidade no deserto produtivo provocado pelo castrismo na agricultura e na indústria. Vuelta Abajo, na província de Pinar del Rio, é um lugar abençoado para os fumadores de charuto. Fumar um *tabaco*, como dizem na ilha, é relaxante, é o contrário do cigarro, que costuma acompanhar e incentivar o estresse do trabalho. Fernando Ortiz escreveu um *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* que é uma obra-prima da literatura. O autor parte da botânica e da agronomia para a economia, a sociologia, a antropologia, a psicologia e a filosofia da história. Ele contrapõe *alimento e veneno, despertar e adormecer, energia e devaneio, prazer da carne e deleite do espírito, sensualidade e ideação, apetite que se satisfaz e ilusão que se esfuma, calorias de vida e fumaradas de fantasia, indistinção vulgar e anônima desde o berço e individualidade aristocrática e de marca no mundo todo, medicina e magia, realidade e engano, virtude e vício*. O contraponto não para aí: *O tabaco é audácia sonhadora e individualista até a anarquia. O açúcar é prudência pragmática e socialmente integradora. O tabaco é atrevido como uma blasfêmia, o açúcar é humilde como uma oração*. Trocando em termos políticos: *Na produção de tabaco predomina a inteligência; já dissemos que o tabaco é liberal, quando não é revolucionário. Na produção do açúcar prevalece a força; já se sabe que é conservadora, quando não é absolutista*. Fernando Ortiz previu com três décadas de antecedência o caráter retrógrado de Fidel Castro ao apostar tudo numa safra recorde de dez milhões de toneladas de açúcar: *Los diez millones van!* Durante anos, fumei Montecristo, mas a qualidade da marca declinou. Descobri os Bolívar. Gostava do formato Churchill que dura uma hora ou mais, agora fumo Bellicosos, menores. Minha opção preferencial pelo charuto foi incentivada pelos amigos que traziam uma caixa ou um pacote que eu procurava pagar ou retribuir. Quem aparecia com uma caixa de presente, sem aceitar qualquer contrapartida, era o Quevedo,

o companheiro do Departamento América do Comité Central do Partido Comunista de Cuba encarregado do Brasil. Precisa ser crioulo cubano para escolher um nome de guerra de escritor espanhol como Quevedo, Cervantes ou Góngora. O Marighella não se fez chamar de Camões. O título do camarada era pomposo e irrelevante, porque a Segurança do Estado, o serviço secreto e polícia política formada pelo castrismo no modelo da Stasi da Alemanha Oriental, com ajuda do KGB russo, controlava essas relações pouco diplomáticas com a América Latina. Para os cubanos, revolução era sinônimo de conspiração desde o século XIX. Para eles, é como se o muro de Berlim não tivesse derrubado, a ficha não caiu. Tiveram muita dificuldade em lidar com as transições democráticas. A overdose de ideologia os tornou imunes à política. O paradoxo é apenas aparente. Não conseguem entender a idiosincrasia dos *hermanos* latino-americanos. Os castristas acreditaram que estavam se adaptando à nova era substituindo as expropriações de bancos e os sequestros pelas malversações nas empresas públicas. A corrupção substituiu o dogmatismo. O cinismo suplantou o oportunismo. A corrupção chegou com as caravelas de Colombo, dizem como justificação. O revolucionário gigolô, que vive às custas de mulher rica, desbancou o *homem novo*, essa mistura de Golem e Frankenstein. Na fase romântica, o sinal de agradecimento pelos serviços prestados era uma caixa de charutos Cohiba, os mais caros. Quarenta anos depois, os *tabacos* foram substituídos por malas repletas de petrodólares venezuelanos. O jogo ficou pesado.

GUANABACOA

Meu pai era comunista, um quadro do Partido Socialista Popular, contou Quevedo. Costumavam chamá-lo *Tirofijo*. Não era nome de guerra, era apelido. Tampouco era uma homenagem ao fundador das FARC, a guerrilha colombiana, Manuel Marulanda, aliás *Tirofijo*, o atirador com pontaria, que acerta na mosca. Parentes ou amigos inventaram esse apelido porque diziam que em cada trepada o espermatozoide do Velho batia no alvo e dali a nove meses nascia outro filho. Éramos oito irmãos, três machos e cinco fêmeas. Morávamos em Guanabacoa, do outro lado da baía de Havana, a melhor vista do Malecón, numa rua de Negros de classe média. Cá entre nós, desconfio que *Tirofijo* plantou outras crianças fora da nossa família, porque era um Negro alto e bonitão, divertido e excelente dançarino. Ainda por cima com o prestígio do partido, que teve sua época de glória na década de 1940, quando os dirigentes do PSP, Juan Marinello e Carlos Rafael Rodríguez, foram ministros do general Fulgencio Batista. Lealdade e fidelidade não são sinônimas. Apesar de ser contra os atentados nas cidades e a guerrilha na Serra Maestra, o Velho apoiou Fidel Castro e a radicalização do seu governo. Pátria ou morte, venceremos. Bebeu até o sol raiar para festejar a Declaração sobre o caráter socialista da Revolução. Durante o expurgo da *micro fracção* pro soviética, ele chegou a ser interrogado pela Segurança do Estado, mas não teve problemas, não perdeu o emprego. No primeiro ano da Revolução, fui recrutado pelo Ministério do Interior, o Minint, que procurava ampliar a nova polícia. Ser jovem era uma vantagem, mal saíra da adolescência, queriam gente sem o lastre do período anterior, virgem do ponto de vista ideológico, capaz de encarnar o homem novo. Tive treinamento das tropas especiais do Minint. Foram anos de euforia, com a campanha de alfabetização que mobilizou a juventude, as frequentes manifestações na Praça da Revolução para ouvir os discursos de Fidel, a invasão de Praia Girón pelos mercenários

da CIA, a crise dos mísseis, as expropriações e as safras. Mal tivemos tempo para completar o treinamento, fomos jogados na *luta contra bandidos*, a guerrilha contrarrevolucionária que se formou na Serra do Escambray. Camponeses mal-agra-decidos com a reforma agrária se opuseram às fazendas coletivas. Eram individualistas ferrenhos, conservadores recalcitrantes, e ainda por cima tinham participado da guerrilha de Raul Castro, que abriu o Segundo Frente no Escambray. Por isso, conheciam a região melhor do que nós, dominavam a arte da emboscada e da esquiva, atacavam e desapareciam, aterrorizavam os funcionários do Estado, mataram um alfabetizador menor de idade pelo simples fato de ser um revolucionário. Precisamos apelar para grandes recursos. Deslocamos populações inteiras, transferimos camponeses para aldeias artificiais, vigiadas e controladas dia e noite por milicianos e soldados armados. Foi uma verdadeira guerra. Para você ter uma ideia, durou mais e morreu mais gente do que na luta contra a ditadura de Batista. Arriscávamos a pele cada dia e principalmente cada noite, porque os bandidos aproveitavam a menor distração e atacavam sem piedade. Ninguém fazia prisioneiros, executava na hora, de um lado e do outro, sem hesitação. *El que se aflige se afloja*. Quem se aflige, afrouxa. Não tenho saudades, foi a pior circunstância da minha vida. Ouvi histórias do pessoal que combateu em Angola, na década de 1970, muitos voltaram estropiados e traumatizados, mas na África não lutávamos contra outros cubanos, os angolanos podiam ser nossos irmãos, mas aliados e inimigos eram uns e outros estrangeiros. Participar numa missão internacionalista não é o mesmo que matar e reprimir outros cubanos, mesmo que sejam bandidos e contrarrevolucionários. Falamos a mesma língua, usamos idênticas palavras e gestos, temos a mesma cara, cantamos e xingamos do mesmo jeito. A experiência no Escambray ultrapassou o treinamento convencional, aprendi a usar o facão e as mãos para matar sem fazer ruído. Sobreviver no mato e na intempérie também é um aprendizado incomum. Achei que talvez servisse depois nas guerrilhas da América Latina. Queríamos que a cordilheira dos Andes virasse a Serra Maes-

tra do continente americano. Sabíamos que Che Guevara havia retomado a luta, sem conhecer os detalhes. Infelizmente, ele foi assassinado, sua guerrilha na Bolívia foi desmantelada. Comecei a estudar português, história e geografia do Brasil, mas a guerrilha urbana não era propícia para a participação direta de um cubano. Conheci brasileiros de várias organizações que vinham treinar na ilha. Entender as divergências, correntes e cisões era a parte mais complicada. No início, eu ficava a me perguntar por que a luta armada não era suficiente critério para unificar todas as forças. Depois entendi que isso somente acontece depois de chegar ao poder, no entusiasmo da vitória, quando existe uma liderança única e indiscutível, como Fidel, que apagou as diferenças entre a Serra e a resistência nas cidades, o Movimento do 26 de Julho, o Diretório Revolucionário Estudantil e o Partido Socialista Popular. Dávamos a maior atenção ao surgimento de novos líderes como Marighella e Lamarca, os dois Carlos, mas na década de setenta as formas de luta mudaram, apareceram novos setores, operários, católicos, universitários, a oposição se diversificou, o quadro se tornou mais complexo. Parecia que os militares jamais iriam ceder o poder e, no entanto, começaram a aparecer fissuras. A expectativa de que surgissem no Brasil militares progressistas como os peruanos não foi correspondida. O importante é que a nova esquerda reconhecia a autoridade intelectual de Fidel e era solidária de Cuba. Nunca pensei que esse processo fosse demorar tanto. Confesso. Vê só, começo a ser um Negro com fios de cabelo branco, como meu pai, o velho Saturnino. Opa, não devia ter falado o nome. Esquece, tá?



LES HALLES

Na Promenade de Vénus, somente a poetisa franco-egípcia Joyce Mansour fumava charuto, com calculada sensualidade. Segurava o charuto entre os dedos com unhas pintadas de preto, acompanhava a fumaça com o olhar, mantinha um ricto indecifrável. Ela escrevia poemas eróticos meio esotéricos. O cachimbo tinha seus adeptos no grupo surrealista de Paris, como o quebequense Jean Benoit, o cubano Jorge Camacho e André Breton, mas este nunca vi, cheguei poucos dias depois do enterro. O cigarro era mais apreciado, com ou sem piteira. Fumava-se em qualquer lugar, até em avião. Bons tempos aqueles, daqui a pouco vamos ter que passar à clandestinidade, organizar um Movimento de Libertação do Tabagismo, o MLT em vez do MST dos sem-terra. Liberaram a maconha nos Estados Unidos, no Canadá, no Uruguai, por que reprimem o tabaco? Os otários municipais esqueceram de colocar uma placa na Promenade de Vénus: Este café foi o centro do movimento surrealista de 1961 a 1969. Desconfio que o próprio André Breton preferiu que as reuniões diárias do grupo não fossem mais na praça Blanche, perto da sua casa no 42 rue Fontaine. A esquina da rua do Louvre e da rua Coquillière era um local impessoal, que tinha a vantagem de ficar no centro geográfico da capital, ao lado do mercado de Les Halles, o *Ventre de Paris* do romance de Emile Zola. Talvez os surrealistas tenham apreciado o nome. A Promenade de Vénus, o Passeio de Vênus, não era uma denominação poética, era uma referência pouco sutil às prostitutas que faziam o trottoir na área, para recompensar os esforçados trabalhadores, os *forçats des Halles*. *Les péripatéticiennes*, as peripatéticas, tai um eufemismo bem francês para as putas. O filme *Irma La Douce* de Billy Wilder é uma idealização colorida daquela zona. Algumas vezes depois da reunião íamos matar a fome ali ao lado, no Pied de Cochon, no bar, o *zinco* conforme dizem os franceses, com uma sopa de cebola ou um pé de porco desossado e à milanesa. Comíamos em pé

ao lado dos açougueiros com a blusa manchada de sangue, que riam dos burgueses sentados nas mesas do restaurante, que por sua vez curtiam o imutável folclore descrito por Zola no século anterior. O movimento de maio de 68 deslocou o grupo surrealista fisicamente, pois cada um procurou seu lugar nas barricadas e nas estruturas de base. Alguns de nós participamos do Comité de Ação Estudantes-Escritores. O casal de ex comunistas Marguerite Duras e Dionys Mascolo e o surrealista Jean Schuster submetiam slogans e ideias à consideração dos jovens, promovidos a *maîtres à penser* (mestres) da velha geração. Os gurus foram reduzidos à condição de guris. Na Sorbonne ocupada pelo movimento, o filósofo Jean-Paul Sartre inclinou-se diante do anarquista Daniel Cohn-Bendit, estudante do segundo ano de sociologia em Nanterre. Pelo menos não foi vaiado na rua como o escritor stalinista Louis Aragon, ex-surrealista. Essa subversão da ordem intelectual durou pouco, a academia deu a volta por cima, mas o liberou geral dos costumes não teve reviravolta. Porém, o deslocamento físico não explica a divisão do surrealismo e a proclamação solene da sua dissolução por Jean Schuster. A corrosão e a implosão foram provocadas pela viagem a Cuba no ano anterior. A exposição parisiense do Salão de Maio 1967 foi levada a Havana pelo jornalista Carlos Franqui e o pintor Wifredo Lam, intelectuais cubanos alinhados com o castrismo, pelo menos na época. A delegação francesa incluía os frequentadores da rua Saint-Benoit, o apartamento salão literário de Marguerite Duras em Saint-Germain-des-Près, e alguns surrealistas, antigos como Michel Leiris, ou atuais como Schuster, José Pierre e Joyce Mansour. Coube à poetisa o memorável pontapé na bunda do pintor mexicano David Alfaro Siqueiros, frustrado assassino de Trotski, “*de la part d’André Breton*”. A mulher salvou a honra de todos. Na volta, os surrealistas assinaram um manifesto *Pour Cuba*, pro Guevara, pro Fidel, que foi uma bomba-relógio. Enquanto a revista do grupo surrealista *L’Archibras* exaltava na capa o Black Power, o movimento estudantil desembocou na greve geral de maio e junho, a maior da história da França. Em agosto, os tanques soviéticos e seus aliados esmagaram a Primavera

de Praga. Fidel Castro apoiou a intervenção militar do Pacto de Varsóvia e a repressão do *socialismo com rosto humano*. Ora, o grupo de Paris estava envolvido em duas exposições internacionais do surrealismo, uma no Brasil e a outra na Tchecoslováquia. Em poucos meses, o flerte com o castrismo entrou em crise, caducou. O mais absurdo é que naquela ocasião o pintor Jorge Camacho e sua esposa espanhola Margarita trouxeram de Havana o manuscrito inédito de Reinaldo Arenas, *O mundo alucinante*, um romance maravilhosamente delirante, cheio de peripécias e humor, que consagrou o escritor homossexual e dissidente. Não faltavam informações sobre o machismo-leninismo implantado em Cuba pelo Comandante em Chefe, com campos de concentração designados pelo eufemismo Unidades Militares de Ajuda à Produção (UMAP). Carlos Franqui, principal articulador da diplomacia cultural, cicerone de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, se mandou para o exílio naquele mesmo ano 1968. A leviandade do engajamento pro-cubano deixou patente a perda de rumo dos epígonos de Breton, à procura de atalhos para transformar em realidade o sonho de uma revolução surrealista. Perceber isso à distância não tem mérito algum, é até meio patético. Na época, mergulhei de cabeça nessa dinâmica castrista. Dois anos depois, quando K. S. Karol publicou seu livro crítico sobre a Revolução cubana, *Os Guerrilheiros no Poder*, achei que ele era injusto, que devia ser mais equilibrado. O caso Padilla, a autocrítica do premiado poeta Heberto Padilla na sede da União de Escritores e Artistas de Cuba, na tradição stalinista e maoísta, espantou muitos companheiros de viagem, inclusive Sartre e Beauvoir. Mas eu continuei fumando os charutos oferecidos por Quevedo.



SAINT-MICHEL

Nosso lugar de encontro era a livraria de François Maspero, La Joie de Lire, em Saint-Michel, que anos depois virou uma agência de viagem. Lugar pouco discreto, mas em Paris não parecia haver motivos para se esconder. Quando conheci La Moderna Poesia, a livraria da *calle* Obispo, na Havana Velha, abarrotada de manuais soviéticos e de edições horrorosas, em papel de péssima qualidade, achei que Quevedo talvez aproveitasse para se familiarizar com a diversidade das esquerdas. Em Cuba, essa pluralidade era malvista e descartada. Comandante em Chefe, ordene! A disciplina começa na escola: *Seremos como el Che!* La Joie de Lire foi à falência por culpa dos ladrões de livros. Covardes, eles sabiam que os funcionários da livraria jamais os entregariam à polícia. Gozavam de absoluta impunidade. Também roubei, confesso, malas inteiras de livros, mas foi no Rio de Janeiro, nunca na Leonardo da Vinci da Dona Vanna onde todos tínhamos conta, nem *chez* Maspero, primoroso tradutor do espanhol para o francês, o melhor que um autor podia almejar. Suas lojas, uma em cada calçada da rua Saint-Séverin, apresentavam em pé de igualdade todas as correntes que proliferaram na década de sessenta, marxistas ortodoxos e maoístas, eurocomunistas e terceiro-mundistas, trotskistas e anarquistas. O próprio François Maspero editava clássicos e modernos, resgatava a feminista Flora Tristan do esquecimento e divulgava os livros de Louis Althusser e seus discípulos. O mestre do marxismo estruturalista ainda não tinha pirado e matado a mulher. Na livraria, os castristas se sentiam em casa. Os exilados cubanos deviam passar longe. Severo Sarduy só não dava bandeira em termos políticos, nisso era discreto. Ele obteve uma bolsa e foi ficando, preferiu não voltar à ilha natal. Publicou em francês antes de ser conhecido pelos leitores hispânicos. Ganhava a vida com o suor das suas cordas vocais, dizia, gravando programas didáticos na Rádio França com sua voz aveludada. Assistiu todos os filmes da

retrospectiva cubana no Centro Pompidou e confessava que tinha conhecido tal ou qual ator no sentido bíblico, apreciando a maliciosa fofoca. Era um gozador e um requintado autodidata, que fez a ponte entre o Caribe e o Oriente. Eduardo Manet morava em Paris antes da Revolução, viajou a Havana para participar da nova produção cinematográfica. O namoro durou oito anos. Nesse interim, filmou uma comédia musical moderna, *Un dia en el solar*, que não foi devidamente apreciada. Ao regressar, ele acabou adotando a língua francesa para escrever. Publicou bastante, sem esquecer Cuba. Deu-se melhor com os livros do que com os filmes. Nivaria Tejera, poetisa secreta e romancista memoriosa, frequentou o café surrealista da praça Blanche nos anos 1950. Aderiu ao castrismo, mas caiu fora quando formaram o partido único. Morava no 14^o *arrondissement* (distrito) de Paris, perto de Montparnasse. Sua filha Rauda Jamis escreveu um livro sobre Frida Kahlo, antes dela virar um ícone pop e feminista. Gina Pellón pintava esplêndidas mulheres expressionistas no seu ateliê do bulevar Rochechouart, próximo da rua de Orsel. Ela nunca se iludiu. Wifredo Lam expunha muito em Paris, mas preferiu morar na Itália e apoiar de longe o regime de Fidel Castro. O governo cubano, mal-agrado, acabou ficando com seus quadros imprudentemente deixados em Havana. Nestor Almendros, o fotógrafo de François Truffaut, permaneceu calado, antes de contar sua experiência cubana no livro *Un homme à la caméra* e denunciar a repressão castrista contra os homossexuais no documentário *Mauvaise conduite/Conducta impropria*. Quando nos encontramos no Select de Montparnasse, preferiu conversar sobre filmes, já tinha mandado o seu recado. Era um cinéfilo voraz, como o escritor argentino Manuel Puig. Nunca vi o escultor Agustín Cárdenas, nascido em Matanzas, a Atenas de Cuba. Ele se instalou na França antes da Revolução. Foi incluído na nova edição de *Le Surréalisme et la Peinture* de André Breton publicada antes do seu falecimento. Era uma espécie de primo tropical de Brancusi e Arp, mais sensual do que esses dois europeus. O fotógrafo Jesse Fernández resolveu retratar múmias depois de imortalizar pessoas vivas dos dois lados do Atlântico,

deixando para trás as primeiras imagens da Revolução. O sucesso da peça *A noite dos assassinos* não foi suficiente para proteger José Triana da repressão do *quinquênio cinzento*, o eufemismo que designou a década negra dos inquisidores da cultura cubana, que condenou ao ostracismo os dramaturgos Virgilio Piñera e Antón Arrufat. Na França, *Pepe* Triana cultivou a poesia. Na Promenade de Vénus, Jorge Camacho mastigava o cachimbo com uma seriedade a toda prova, sempre disposto a participar dos jogos e atividades coletivas do grupo surrealista. Em casa, em Neuilly, conversar na sua língua materna tinha o dom de descontraí-lo instantaneamente. Pintor, desenhista e gravador, leitor incansável, era um erudito capaz de assimilar outros imaginários, a alquimia, o ocultismo, a literatura de Raymond Roussel, Sade, Georges Bataille ou Oscar Panizza. No entanto, as figuras e cores de Camacho são pessoais, íntimas. Seu bestiário não parece com nenhum outro, apesar da inevitável referência a Bosch. Proliferam patas de insetos, ossamentas e bicos de ave em formas que a natureza não reproduz. O próprio artista tinha uma cabeça de pássaro. Existe na sua obra um clima enigmático, opressivo, com arquiteturas esotéricas e linhas de fuga que têm uma relação distante com Giorgio De Chirico. As tonalidades pastel coexistem com uma paleta sombria. Depois de tantos veteranos decepcionados com a Revolução vieram os herdeiros insatisfeitos. Dora, a filha de Walterio Carbonell, ostracizado por não acreditar no fim das discriminações raciais depois de ter reivindicado as raízes africanas da cultura cubana. A filha de Sara Gómez, cineasta, revolucionária e feminista censurada, morta aos trinta e um anos de asma e sufoco. Ileana, a filha do coronel Antonio de la Guardia, fuzilado depois de um julgamento digno dos processos de Moscou. Saturno devora seus filhos. Apesar de representarem uma parcela significativa da diáspora intelectual, esses cubanos obsidionais, sempre obsidionais, careciam de espírito gregário. Eram diferentes do exílio histórico de Miami, o exílio histórico. Tiveram uma integração problemática na colônia latino-americana, mobilizada contra as ditaduras militares, mas insensível à desgraça cubana. *Castro is a bastard, but*

he is our bastard, Fidel é um filho da puta, mas é nosso filho da puta, pareciam dizer os latino-americanos de esquerda, parafraseando a citação atribuída a Franklin Roosevelt sobre o ditador Anastásio Somoza. Eduardo Galeano, uruguaio britânico oriental, mais elegante, repetia que Fidel era um símbolo, David contra Golias. Talvez por isso Quevedo marcava ponto na Joie de Lire. Longe da embaixada de Cuba, na rua de Presles, cuja portaria era guardada por Caridad Mercader, a mãe do assassino de Trotski. Fanática, com prontuário farto na Guerra da Espanha, a pouco caritativa Caridad formou o filho Ramón Mercader para infiltrar os trotskistas e matar o inimigo número um de Stalin. Mãe e filho foram condecorados pela União Soviética. *Madre hay una sola*. Ainda bem, basta uma para sufocar a prole. A impulsiva matriarca atrapalhou um plano de fuga de Ramón da sua prisão mexicana, o que o filho nunca perdeu. Não acredito em bruxas, *pero que las hay, las hay*. Depois de brigar com os republicanos espanhóis exilados em Moscou, Caridad Mercader pediu para morar na França, onde gozou da hospitalidade diplomática castrista. Na embaixada, ela era a primeira a cumprimentar o compositor Harold Gramatges, embaixador, e o romancista Alejo Carpentier, ministro conselheiro, ambos associados ao Partido Socialista Popular (o antigo partido comunista). Quando saiu da cadeia, depois de vinte anos, Ramón Mercader também foi acolhido por Cuba, a pedido do KGB. O assassino da picareta não apreciou o inverno russo. Seu refúgio tropical foi revelado pelo romance de Leonardo Padura, *O homem que amava os cachorros*. A revelação não escandalizou ninguém. O stalinismo é um problema de europeu, Cuba é diferente, jurava Quevedo. Tanta gente acreditou.



MERZ

Quem inventou a colagem? O dadaísta Kurt Schwitters é o meu candidato. Braque e Picasso colaram elementos heterogêneos nas suas telas, mas nas primeiras predominava ainda a pintura. Depois experimentaram com o volume, as três dimensões, os objetos e a aproximação com a escultura. Em compensação Schwitters construiu com material de descarte, reduzindo ao mínimo o gesto plástico. Claro que há uns engraçadinhos que encontram antecedentes no século dezanove, nas artes manuais femininas, no barroco e até na Idade Média. Sem falar no Extremo Oriente, porque nossa história é ocidental mesmo quando faz de conta que é universal. Sérgio Lima, um erudito que dedicou a vida a estudar e acumular conhecimentos, consagrou um livro inteiro à *Collage*. O assunto dá para uma enciclopédia, principalmente se for ilustrada. Quando se misturam dois fragmentos diferentes, o resultado não é uma soma, é um terceiro significado. Quando os ingredientes são mais numerosos, aumentam em forma exponencial as interpretações, porque cada observador olha os elementos com uma atração diversa. A colagem estimula a subjetividade, desperta a sensibilidade, exercita a inteligência, solicita a participação. Corresponde a uma percepção híbrida, típica da modernidade. A heterogeneidade, porém, não é obrigatória. Max Ernst dissimulou as ligações, criou imagens de uma surpreendente harmonia dentro da sua originalidade e ainda costurou uma narração em cima delas. A colagem não é uma facilidade, é um desafio, porque sua pertinência é aleatória. Em termos literários é uma audácia escorregadia. Atribuem sua invenção ao Conde de Lautréamont, que não era um aristocrata, mas um adolescente francês raivoso e iluminado, com o improvável nome de Isidore Ducasse, nascido por acaso em Montevidéu, o que faz do deslocamento uma entropia adquirida no berço. Quando acusaram *Macunaíma* de plágio, Mário de Andrade respondeu que era uma colagem de muitas fontes.

Mas, fiel à sua vocação musical, ele compôs uma rapsódia, diluiu a heterogeneidade formal na harmonia estilística e na invenção constante. Outra forma de colagem é o cadáver esquisito, o *cadavre exquis* surrealista, que surgiu como um jogo a ser praticado por três ou mais pessoas. A diluição da autoria única, a contribuição coletiva, porém a cegas, sem conhecer o traço anterior, é o grande achado. Não é uma esquisitice, é um requinte, a palavra francesa *exquis* não corresponde à aparente proximidade com o português esquisito. Estranho é um cadáver tropical flutuando numa piscina parisiense e a mergulhar na memória. Esquisitíssimo. Pura invencionice. Enfadonho passatempo. No liquidificador mental as lembranças se entrecrocaram e não se misturam. Falta síntese ou condensação. Ou será uma questão de sintaxe? A memória é feita de esquecimento, a matéria solúvel e instável é a mesma. A forma mais elementar de *cadavre exquis* consiste em dobrar uma folha de papel em três, de maneira a que cada participante desenhe uma parte sem ver as demais. O conjunto então é fruto do acaso e contribui à dissolução do sujeito promovida pelos surrealistas. A poesia deve ser feita por todos, não por um só. Essa utopia coletiva não é um questionamento do indivíduo, nem da subjetividade, mas o sonho de uma transgressão dos seus limites. Transformar o mundo e mudar a vida. A poesia, o amor, a liberdade. A trilogia do surrealismo. Um, dois, três. Não é a superação puramente individualista de Nietzsche, mas a proliferação de paixões de Charles Fourier. O super-homem é outra espécie de *homem novo*. O eugenismo pretendia melhorar a raça. A biologia racial foi substituída pela engenharia social, a experimentação ideológica, a regeneração pela educação. Para os renitentes, campos de reeducação, *gulag* em russo, *laogai* em chinês, UMAP em cubano. Sobreviver é um sacrifício. O socialismo deixou de ser utópico e caiu na real. Porém, não passou na prova, não resistiu ao choque de realidade. Um velhote cético costumava dizer que o problema não era o *socialismo real* e sim o humanismo real. A humanidade é desumana. Ceticismo geral, absurdo total ou inversamente. Muito antes pelo contrário. Agora surgiu uma onda religiosa, que pretende

salvar nossas almas e transformar nossas vidas à nossa revelia. O paraíso no céu e na terra para todos, pelo sim e pelo não. O novo Exército de Salvação não se contenta com cantar nas esquinhas, é de armas tomar. Armas para o povo. Ensine seus filhos a andar de bicicleta e a disparar. Cada um por si e Deus contra todos. Salve-se quem puder. Stanislaw Ponte Preta, acorda do sono eterno, o festival de besteira que assola o país voltou, como se meio século não tivesse adiantado nada. A ignorância a toda prova, a boçalidade toda prosa, a intolerância a toda hora. Um, dois, três. E daí? Desumana vulgaridade. O surto é global, não é local. Deu a louca na metade do planeta e a outra metade não sabe o que fazer com os malucos. A humanidade anda que nem caranguejo ou barata tonta. Kafka não teria aguentado tamanha metamorfose. Está difícil envelhecer sem ficar ranzinza. No fim da vida, os preconceitos foram substituídos pelas experiências. *Je suis fatigué*. A vida cansa. A existência é uma enfermidade mortal, não tem cura nem vacina. E a misantropia é a doença senil do humanismo.



CINELÂNDIA

Sociologia, psicologia e história, fiz três vestibulares. Um, dois, três. Perdi um deles porque minha melhor amiga, Anette Goldberg, errou ao me passar a hora da prova de inglês, que era uma barbada. Erro meu, claro. Culpa da vodca. Afinal escolhi sociologia na Pontifícia Universidade Católica, o melhor Country Club da Gávea. Por quê lembro de semelhante nimiedade quando estou reduzido à rígida condição cadavérica, insepulto e encharcado de água clorada? Engana-se quem acredita que a vida inteira desfila na mente na hora final. A essas alturas a memória está reduzida a fiapos embaralhados, impossíveis de destrinchar. A matéria cinzenta ficou opaca, a massa encefálica brochou. Se tivéssemos um medidor na memória como os smartphones e os discos duros perceberíamos que sempre predomina o esquecimento, como fita de gravador que apaga a gravação anterior ao registrar novos sons. Não há a mínima condição da existência moribunda desfilando na passarela diante dos olhos nos instantes finais. A memória é seletiva, funciona com piloto automático, não obedece a ninguém nem a lógica nenhuma, muito menos no momento da desintegração definitiva. Aparecem flashes sem nexos, involuntários, indesejados, insossos, desbotados, como esse do exame de inglês perdido. *Smoking, no smoking*, fumar ou não fumar um cigarro, o dilema banal que desemboca em caminhos diferentes. Faz realmente diferença, teria mudado alguma coisa? Em lugar de insistir numa desconexão juvenil ou infantil, devia concentrar as ínfimas energias restantes para descobrir quem me atirou nesta piscina com a cabeça estraçalhada. Pelo visto, o golpe veio por trás, à traição. Visto nada, não vi coisa nenhuma, a surpresa foi absoluta. Parece trabalho de profissional, o golpe certo na hora certa e no lugar certo. Um, dois, três. Ainda vão me dizer que é paranoia. Protesto. A prova de que não estou alucinando é este meu corpo flutuante. O paranoico nem sempre é irracional, às vezes ele tem razão. Quem desconfia dele é que está errado. Assassino profissional não conheço.

Não frequento matador. Aliás, não consigo entender homicídio premeditado, a sangue fria, muito menos assassino a soldo, profissão abraçada por muitos homens, jovens e maduros, de todas as latitudes e épocas. Posso entender uma súbita explosão de violência, o homicida passional, com um surto de agressividade incontrolável. A irrupção da irracionalidade numa cotidianidade rotineira, aparentemente sem excessiva tensão, porém minada por frustrações, desejos e ressentimentos soterrados. A horda primitiva, herança das cavernas. Manter o equilíbrio e a harmonia no dia a dia é um exercício precário, incessantemente recommençado. Ninguém está a salvo de uma ruptura emocional. No entanto, o homicida profissional capaz de planificar e executar alguém por encomenda é outra coisa. As emoções não estão em jogo, apenas interesses escusos, subterrâneos, o cálculo frio das vantagens e desvantagens, o lucro. Ou então a irrefreável paixão da vingança, mas a espiral da retaliação parece limitada a determinadas regiões, crenças ou conjunturas. Há raras ocasiões em que a vida é um impasse, matar ou morrer. Confesso minha perplexidade. Matar ou correr? Acho que é o título de uma chanchada. Meu raciocínio não se sustenta, peca pela falta de concentração e densidade, o pensamento se esvai ou dilui na água da piscina, divago como canoa ao léu, corpo à deriva. Afundo na confusão. Nada mais é sólido, tudo é líquido, some no ralo. No meu caso, o único sujeito que conheço com a aptidão necessária para executar um assassinato certo, um golpe de mestre, é o companheiro Quevedo, agente cubano, tenente ou capitão da *Seguridad del Estado*. Porém, não acredito que o camarada tenha acumulado tamanho rancor ou ódio ao ponto de acertar na minha cabeça uma pancada fatal. Tivemos desavenças políticas, mas não chegamos nunca às vias de fato. Passamos apenas das amabilidades à frieza, da camaradagem à distância. Devo admitir que nesta hora póstuma as certezas resistem mal às dúvidas. Não vi ou não quis ver o gesto traiçoeiro? Tenho um branco, ou melhor um pretume absoluto sobre os derradeiros instantes. Parece aquela doença do alemão, como é mesmo o nome? Hal Zimmer? Zed Palmer? Paul Zipper? Mel Zuckerman? Ed Zeppelin?

Mel Brooks? Desisto. Por mim, pode ser Jean-Paul Gaultier. Não lembro de nada, nem como cheguei à piscina, se é que vim pela própria vontade para encontrar alguém. Cesura ou censura? Boiando n'água, é tarde demais para me deitar novamente no divã. Duas análises durante anos e anos podem não ter esgotado o assunto, mas agora não tem mais jeito. Um, dois. Não vem que não tem três. Depois do triplo vestibular, acabei na universidade dos jesuítas. Como se a gente não conseguisse se livrar do estigma inaciano. No colégio éramos três adolescentes metidos a intelectual, três personagens ainda à procura de autoria, inseparáveis, os três *japonas*, Luiz Antonio Ewbank, Eduardo Jardim de Moraes e o cadáver ambulante, os três com a mesma japona de marinheiro, sem dúvida adequada para navegar. Afinal, navegar é preciso, diziam Dom Henrique, o Príncipe Navegador, e Caetano Veloso, nosso contemporâneo predileto. Na escolinha de sociologia do padre Avila ninguém acreditava muito no futuro da profissão. Apesar de ilustres padroeiros formados na Universidade de São Paulo, depois do golpe militar sociólogo virou palavrão, uma atividade em vias de extinção antes mesmo de ter-se consolidado. Que nem essas sociedades que apodrecem antes de atingir o pleno desenvolvimento. Qualquer parecido é pura coincidência. Não há progresso inelutável, apenas a desordem. Como já existia o bar Filosofia, ao lado da Maison de France, nós sonhávamos em abrir um restaurante Sociologia. Parecia nossa única perspectiva de sobrevivência. Isso que a opressão ainda não tinha chegado ao seu clímax. Três, dois, um. Os três vestibulares não eram o sintoma de uma indefinição vocacional, mas uma estratégia a curto prazo. A meta era estudar cinema na escola de Lodz, na Polônia, por causa de Wajda, Munk, Kawalerowicz, Polanski e outros mestres. No entanto, os poloneses tinham a sabedoria de reservar o curso de cinema a jovens com diploma universitário, para garantir assim um mínimo de maturidade pessoal. Aviso aos navegantes, idade não é documento, não adianta falsificar a carteirinha do colégio. Japona não é suficiente para o inverno europeu. Além da dificuldade de aprender a falar polonês, Lodz era um arroubo de perfeccionismo típica-

mente inaciano. Nada de estudar na França ou na Itália, como fizeram tantos, tem que apostar no melhor, no mais exclusivo. Tamanha exigência acaba dando em nada. Foi o que aconteceu. Depois da pré-estreia de *Deus e o diabo na terra do sol* na praia de Botafogo, o sertão não virou mar, mas a moçada que viu a fita queria porque queria fazer cinema. A geração anterior tinha adotado o violão por conta da Bossa Nova, a nossa pegou na câmera mesmo sem ter uma ideia na cabeça conforme propunha Glauber. Quem pretendia ir a Lodz não podia se contentar em assistir às projeções no auditório do *Globo* ou no cinema Paysandú, precisava beber na fonte, a Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM). Reinava sobre as latas de filmes em nitrato inflamável José Sanz, *genio y figura* diriam seus antepassados espanhóis. O inconfundível Sanz teria sido selecionado na hora, sem a menor hesitação, num *casting* para o papel de Dom Quixote. Tinha a cara angulosa, a barba negra levemente esbranquiçada, a magreza extrema e principalmente a força de convicção imutável do cavaleiro andante de Cervantes. Era o único surrealista confesso, convicto, perambulando pelo Rio de Janeiro em plena luz do dia, sem temor de se desintegrar por causa dos raios do sol. O surrealismo foi uma revelação compartilhada no pós-guerra pelo seu grupo de amigos, que reunia o escritor Aníbal Machado, o poeta João Cabral de Melo Neto e a atriz Luiza Barreto Leite, mãe dos filhos de Sanz, Luiz Alberto e Sérgio, ambos homens de cinema. A correspondência de José Sanz com o cineasta espanhol e surrealista Luís Buñuel era objeto de zombaria, como se fosse pura invencionice. Ela inspirou uma breve aparição sua falando do assunto num filme policial. Porém, a lenda urbana escondia algo de certo, pois Sanz conseguiu organizar uma projeção especial de *Simón del desierto* durante o festival do quarto centenário do Rio (1965). Alguém falsificou o convite e nosso cavaleiro da triste figura resolveu controlar a entrada na porta do cinema Bruni Copacabana, na Barata Ribeiro. As massas inconformadas, famintas de celuloide, empurraram e espernearam enquanto Sanz gritava *Ninguém passa!* – como se fosse o *No pasarán!* dos antifascistas. As vidraças não resistiram,

voaram pelos ares e uma multidão descobriu maravilhada santo Simeão o Estilita em cima da sua coluna submetido pelo diabo à tentação da carne. Joaquim Pedro de Andrade, autor de *O Padre e a Moça*, mencionou essa memorável sessão entre suas razões de fazer cinema. A quixotesca atitude de José Sanz inspirou uma série de crônicas de Carlos Heitor Cony no *Correio da Manhã*. O MAM foi a primeira instituição a criar cursos de cinema com nível quase profissionalizante, depois daqueles ministrados na Associação Social Arquidiocesana (ASA), destinados a cineclubistas. Naquele ano fatal de 1964, um dos professores previstos, Alex Viany, passou para a clandestinidade, o segundo, Ruy Guerra, resolveu tocar outro projeto. Sobrou Ronald F. Monteiro, que lecionava na ASA, e Bartô de Andrade, que substituiu os ausentes para as aulas de técnica. A Paillard-Bolex de 16mm virou o idolatrado totem de um bando de jovens desalmados. Poucos perseveraram. A rampa entre o MAM e a Cinelândia ainda era de trânsito pacífico, não havia o menor perigo de ficar até mais tarde no Amarelinho depois das aulas ou aproveitar a sessão noturna no cinema Pathé ou no Metro Passeio. Acreditando piamente na *política do autor*, que endeusava os cineastas em detrimento de roteiristas e produtores, ignorávamos que o verdadeiro *Genius loci*, o gênio do lugar, o espírito da Cinelândia, era Francisco Serrador, um imigrante valenciano que chegou com uma mão na frente e outra atrás, começou vendendo frutas, depois abriu barracas de variedades e espetáculos, antes de inaugurar cinemas e um circuito de distribuição pioneiro. Depois de visitar Nova York, ele resolveu construir uma Broadway no coração do Rio. Transformou o projeto tecnocrático do prefeito Pereira Passos ao dotar a capital de um espaço de confluência e convivência para as novas classes urbanas. Um âmbito de convergência para a cultura erudita e a cultura popular, o lazer e a criação. Uma plataforma propícia à emergência de uma consciência cidadã, republicana. A ideia na cabeça, a modernidade, a utopia, era ele, Francisco Serrador.



HOLLYWOOD

Os suspeitos de um homicídio, *the usual suspects*, costumam ser pessoas próximas da vítima, amigos, parentes e cônjuges. Detesto bancar a vítima, mas neste caso quem apareceu boiando numa piscina com o crânio fraturado fui eu. *Cherchez la femme!* Rabugento, maníaco e macambuzio, acabei mais sozinho do que chinelos de Saci. *Esta tarde vi chover, vi gente correr e não estavas tu.* As ex poderiam construir uma pirâmide de recriminações. A Gringa, aqueles olhos verdes, me processou por crueldade mental, *mental cruelty*, argumento típico de comédia hollywoodiana da década de 1950 sobre casamento e divórcio. O juiz indeferiu o pedido de indenização com o argumento de bom senso de que não tivéramos filhos e de que ela ganhava bem mais do que eu. Indignada, fez as malas e voltou para os Estados Unidos. Portanto tem um bom álibi, não acredito que seja capaz de lançar um contrato sobre minha cabeça, ela cuida escrupulosamente as despesas, investe pensando no futuro, não cultiva o passado. Apesar dessa fama de cruel manipulador, com a Mexicana de olhos negros e pele de cor da canela tive anos felizes, até ela descobrir que meu ideal feminino era Dolores del Rio, estrela casada com Cedric Gibbons e Orson Welles, com fama de grande comedora de homens. Expliquei de tudo que é jeito a diferença entre amor platônico e paixão sexual, entre fantasia e ação. Aleguei que nos estudos fílmicos eu propiciara a política dos atores em lugar da política do autor. A resposta da minha *Jefa* foi o inventário completo dos impropérios mexicanos, *pendejo, güey, pinche cabrón, hijo de la Chingada*, o redundante *hijo de la puta madre que te parió*. Passamos assim da revolução permanente ao melodrama recorrente. Isso que ela não ficou sabendo que viajei no mesmo avião que Maria Félix, *la Doña*, a rival de Lolita del Rio, rival aliás de todas as mulheres. Aquela bruxa teve um ataque de fúria durante uma homenagem quando descobriu que a espanhola Victoria Abril desviou por um instante os olhares do

público. Os danos colaterais do star-system na minha vida sentimental continuaram com a Japonesa, uma nissei paulistana. Muita animação no bairro da Liberdade, *Libertas quae sera tamen*, liberdade ainda que tardia, mas na hora H o ciúme é o mais incontrolável dos delírios, o monstro de olhos verdes. Viajei, desta vez de trem, com a atriz do *Império dos sentidos*, Eiko Matsuda. Maria Félix eu vira apenas de longe, ao descer do avião, ela viajava na primeira classe. Com a atriz japonesa compartilhei o vagão um par de horas, voltando do festival de Nantes, sentamo-nos um em frente do outro, conversamos em inglês, ela muito tímida, perdida na noite suja, parecia mais traumatizada pelas cenas escabrosas dirigidas por Nagisa Oshima do que o compar-sa castrado no auge de uma trepada. Conteí tudo com o entusiasmo beócio do cinéfilo, foi suficiente para que minha querida paulista gritasse *banzai!* e partisse para o ataque. Tá me achando com cara de gueixa, com cara de besta? A coexistência pacífica, meu ideal geopolítico e familiar, desembocou mais uma vez na guerra conjugal. Joaquim Pedro compreende. Tremenda confrontação. Pensa em mim. A Loira que não era burra foi a primeira namorada que não usava sutiã, como a Jean Seberg em *A bout de souffle*. Depois do quinto chopp no Castelinho, ela contava fofocas apimentadas sobre a *nouvelle vague* e a intelligentsia francesa, sem perder a compostura nem a concentração. Com seus óculos de aro grosso, ela bebera na fonte durante uma estadia em Paris que esticava cada vez que falava. Tanta intriga não era condizente com a *mise-en-scène*, nossa obsessão, mas a Loira que não tinha nada de burra adotava um ar de pitonisa e anunciava que no futuro a fofoca dominaria o planeta, a verdade era um conceito ultrapassado, a realidade era pura ficção. *Não é o comunismo que vai acabar com a imprensa livre, é o colonismo*, dizia ela fazendo beicinho depois do décimo chopp. Ninguém suportava mais, nem eu. Aí conheci a Sabra que só admitia sexo kasher. Ela abriu uma exceção quando soube que sou circuncidado. Foi a única vez na minha vida que a falta de algo, no caso o minúsculo prepúcio, trouxe-me alguma vantagem. A carne é fraca. Foi também a única vez que trepei com alguém fardado.

Ela estava fazendo o serviço militar, aquele short curtinho e apertado, com bainha levantada descobrindo as coxas bronzeadas, era melhor que lingerie de sex-shop. A ortodoxia dela era super seletiva, apreciava apenas o *Cantar dos Cantares*, o Kamasutra da Bíblia. Detestava o Abraão, capaz de entregar a mulher ao Faraó em troca de presentes, engravidar a empregada doméstica e assassinar o próprio filho. Considerava Abraão o patriarca do patriarcado, da corrupção e do infanticídio. Semelhante crápula é adorado pelas três religiões monoteístas, esbravejava ela, ateuista ecumênica. Acabou me trocando por um oficial disposto a morar em kibutz, programa de Índio, sou exclusivamente urbano, um milhão de habitantes é o mínimo para mim. Depois dessas frustradas experiências terceiro-mundistas, cansado de guerra, descrente da revolução sexual, coração vagabundo, desalmado, resolvi procurar atitudes mais racionais na velha Europa educada pela leitura de Stendhal. Pura ilusão, insensatez, ninguém mais lê *Do Amor*, quem lê não presta atenção ou não entende, não lembra nem aplica para benefício próprio ou dos demais. Minha namorada belga era um prodígio de erudição e organização mental. Conversava em francês, trepava em flamenco e xingava em alemão. Era como ter o Benelux inteiro na cama. Gente demais. Tive o pressentimento de algo fatal. Dissidência, *Brexit*. Conheci então a Grega de lábios grossos e língua faceira, traços que tinham facilitado sua iniciação precoce. Apesar de apreciar as delícias da carne, resolvera preservar sua virgindade, talvez à espera de um Marajá ou Príncipe Encantado. Dava o cu sem a menor cerimônia. Dominava a dilatação e contração anal, nunca precisou lubrificante nem saliva. Enrabadada e acariciada com as mãos, dela ou minhas, tinha orgasmos sonoros devidamente registrados pela vizinhança. Nunca assisti concurso de Miss Bumbum, mas adorava sua bundinha arrebitada, o contato macio das nádegas na hora da trepada em vez de coxas musculosas. A catedral parisiense de Notre-Dame também é mais atraente por trás do que pela frente, adoro aquelas pernas de aranha góticas. Mas felicidade rima com variedade, a insatisfação é a desgraça da humanidade, acabei com saudades da posição do

missionário e da xoxota, quem diria, olhos nos olhos, senão tinha a sensação de uma ausência, contigo na distância. Depois veio a Russa, com a vantagem de misturar exotismo e liturgia ortodoxa, fome de amor e cultura europeia, a *Internacional* e *Olhos Negros*. Constatei que a Revolução fez estragos, politizou e arrasou tudo, a overdose de ideologia contaminou o ADN, afetou o subconsciente, contagiou a libido. Revolução é uma fábrica de conservadores, apegados ao passado e com pânico do futuro. Dostoiévski e sua febre de jogatina era um sujeito saudável comparado com a Russa, *sertse maiyo*, que jogava pratos na minha cara me chamando de comunista, no dia seguinte repetia a cena me xingando de oligarca, dali a uma semana eu era um diversionista filho de uma égua, um cossaco ou um inimigo do povo, ou então um agente estrangeiro, o que afinal eu confessava humildemente, como os acusados nos processos de Moscou, pois não tinha nascido naquelas estepes geladas catequizadas sucessivamente por popes, populistas e bolcheviques. Arrego! Sou pacifista, juro, partidário da não-violência, admirador de Gandhi e Buda, podem crer, nunca bati em mulher nem matei uma mosca, apenas mosquitos nas noites tropicais, percevejos nas insônias carcerárias e alguma formiga descabeçada quando criança, menor de idade e, portanto, penalmente irresponsável. Confesso todas as taras sexuais, manipulações sentimentais e defeitos humanos, demasiado humanos, que queiram me atribuir minhas caríssimas metades. Faço autocrítica e penitência, ajoelhado bato três vezes no peito, rezo o credo de frente para trás e de trás para frente. Esperei durante anos pelo perdão, dias e noites, foi em vão, nem meu próprio perdão eu obtive, passei a duvidar seriamente da existência do perdão, o dia do perdão universal uma vez por ano vai lá, mais do que isso é uma imperdoável ilusão. Na minha próxima reencarnação tratarei de me emendar ou ser trans o que for, para dançar conforme a música e não machucar nem prejudicar ninguém. Talvez convenha ser um Robinson Crusoe, dedicado à meditação transcendental numa ilha deserta longe de tudo e de todos. Perdido no meio do oceano, o Velho Oceano, o mar amigo, a fumaça do meu charuto

não vai mais incomodar ninguém. Tenho somente a declarar modestamente diante da Corte universal dos direitos humanos e direitas humanas que a monogamia é um castigo pior que castidade de padre, a poligamia é sem dúvida um acinte contra a igualdade dos sexos, além disso está acima das minhas posses, e viver em cima do muro é um equilíbrio destinado a acabar como Humpty Dumpty, com a cara quebrada. Fidelidade até morrer? Fidelidade e lealdade não são sinônimas. Até que a morte nos separe? Matrimônio vira patrimônio e a propriedade privada é um roubo, disse Proudhon, francês sério apesar de anarquista. Em conclusão, admito piamente, todas e cada uma das citadas, assim como as porventura não mencionadas, têm motivos suficientes para alimentar uma pulsão homicida e passar ao ato, mesmo anos depois, porque há rancores que crescem com a idade, desenvolvem novos galhos e reverdecem, ou envelhecem bem, como o vinho, adquirem aroma e sabor, basta abrir a garrafa para o gênio sair e realizar o seu desejo recôndito. *El rencor quiere menos que el olvido*. Triste consolação. Porém, como afirmam os criminalistas, o motivo é a cereja do bolo, a única coisa que vale na investigação de um homicídio são os indícios, as provas, o ADN, o teu cabelo não nega, tem protocolo, é científico, batata. Ora, mulher costuma envenenar, não anda por aí arrebetando crânio de ex. Eventualmente, afoga na banheira ou asfixia no sono com o travesseiro, mas para isso é preciso compartilhar ainda o leito conjugal, o que foge às características da vítima abaixo assinada, assassinada acima, abandonada naquela piscina, cadáver flutuante, onde já se viu. Tampouco sou um jornalista radical como Jean-Paul Marat, fanático da guilhotina, nem conheci nenhuma Charlotte Corday, capaz de combinar punhal e banheira, apesar de tantas revolucionárias de sangue quente, inclusive *requeterevolucionarias* tropicais, guerrilheiras do sexo, terroristas da cama. Quem arrebeta cômuge a pancada é marido, amante, namorado ou ex, feminicídio é mais frequente do que mulher homicida. *Cherchez la femme* pode ser um bom conselho para teatro de bulevar ou peça de Sacha Guitry, mas não resolve o esquisitíssimo mistério do cadáver flu-

tuante numa piscina de Paris. Voltamos à estaca zero. Quem veio ao encontro indesejado? Quem anda arrebetando crânios de inocentes cidadãos? Ou será que o queixoso tem culpa no cartório? Dívida não justifica tais extremos, convenhamos, sempre dá um jeitinho, podemos reestruturar, parcelar, não acha? Na dívida e na dúvida, conciliar, esfriar a cabeça. Se não foi por causa de amor, nem de dinheiro, então o que sobra? Ninguém viu, ninguém sabe nada, como é que pode, que diabo de piscina desconhecida é esta que não tem ninguém a não ser um cadáver cansado boiando de bruços? Alguém pode me dizer? Estou perdendo a paciência. Porra.



FLAMENGO

Como é que vocês ouviram falar em surrealismo, perguntou Maria Martins. Parece que foi ontem. No apartamento da praia do Flamengo esquina com a rua Tucumã, ela parecia mais embaixatriz do que artista. A surpresa maior não era que dois rapazes de dezoito anos lembrassem da sua obra, é que viessem com uma conversa sobre surrealismo. A essas alturas, ela estava com a mente no Oriente e nos deuses malditos, escrevi um livro sobre Nietzsche, conhecem? Você estuda filosofia? Faz bem, vou dedicar o livro para vocês. A juventude tem sempre razão, quando segura do presente ela se projeta no futuro. *Assim falava Zarathustra* anuncia a morte de Deus, o desamparo da existência humana. Nietzsche não era nazista, isso foi intriga da irmã, uma megera que morou no Paraguai com o marido neurastênico. Fundaram a colônia Nueva Germania para defender a pureza da raça ariana no meio dos índios guaranis. Imagina! Depois do suicídio do marido, ela foi a executora testamentária da obra do irmão. Hitler compareceu ao seu enterro. Meu encontro com o surrealismo foi estimulante. André Breton descobriu minhas esculturas durante seu exílio nos Estados Unidos. Foi Marcel Duchamp que nos apresentou. Carlos Martins, meu marido, era embaixador em Washington, mas eu tinha meu ateliê em Nova York. A capital, o District of Columbia, era uma província, frequentar o corpo diplomático é uma agonia, gente de tudo que é lado, que você encontra nas mesmas recepções, feriados nacionais de cada país o ano todo, é uma obrigação comparecer, haja paciência, relações efêmeras e superficiais, cosméticas, você vai definhando, é insuportável, vai esgotando as reservas de energia, começa a somatizar, enxaqueca, lumbago, varizes, vago simpático, coluna, hérnia, labirinto, laringite, bronquite, colite, conjuntivite, artrite, flebite, celulite, faringite, apendicite, tendinite, acaba em desquite. Alguns abusam do álcool, como o cônsul do Malcolm Lowry, leram *Debaixo do Vulcão*? Então me instalei em

Nova York, é outra coisa, fiz bem, Carlos entendeu minha necessidade, trabalhei muito, fui feliz. Breton achou que minhas esculturas eram surrealistas, porque me inspirei na flora e na fauna amazônicas e também nas cosmogonias indígenas. Era pura imaginação, nunca imitei a natureza, era uma figuração sonhada ou imaginada. Graças ao apoio de Breton e Duchamp, tive sucesso nos Estados Unidos e na França, no pós-guerra participei na Exposição Internacional do Surrealismo. E agora vocês querem organizar uma exposição surrealista em São Paulo? Apesar das Bienais de arte paulistas ou talvez por causa delas, dei-me mal ao voltar ao Brasil. Mário Pedrosa detestou minha obra, naquela época ele batalhava contra a arte figurativa. Era um homem culto e viajado, influente e respeitado, mas o crítico não pode ficar fechado num sistema, tem que manter a mente aberta para diversos caminhos, ser eclético é uma virtude, não é defeito nenhum. Marcel Duchamp combateu esse sistema dos salões, galerias, museus e fazedores de opinião, gangrenados pelo dinheiro e a versatilidade das modas. Marcel desistiu de pintar, trabalhou durante anos seus objetos e reflexões sem se preocupar com os demais. Como Fernando Pessoa, criou um heterônimo, só que o dele era feminino, Rose Sélavy. Duchamp cultivava o jogo de xadrez e a amizade. Em Nova York, arrumou a vitrine da livraria Gotham para o lançamento de *Arcane 17* do Breton. Fez a capa do catálogo da Exposição surrealista de 1947, com um seio de mulher em relevo, em látex. Servi de modelo para a moldagem. Duchamp teve um *coup de foudre* por mim, foi amor à primeira vista. *C'est la vie*, Sélavy. A vida é assim. Era homem de uma inteligência e sensibilidade prodigiosas, foi uma relação inesperada, bonita, que incentivou e inspirou meu trabalho no sentido de dar vazão às minhas fantasias. Acho que foi recíproco. O erotismo está mais presente na minha obra a partir de então, repararam? Dispor de apoio, receptividade e compreensão é fundamental para o artista, o trabalho artístico exige muito empenho e esforço, concentração, investimento físico e mental. O artista precisa do amor e da compreensão de seus companheiros de jornada. O isolamento é contraproducente, esteriliza, afinal seca a fonte,

você desiste. Nos últimos anos tenho me dedicado a ler, estudar e escrever, é uma atividade solitária, porém condizente com as minhas forças, com a situação das minhas mãos. Descobri a Ásia e o Extremo Oriente, me apaixonei. No Japão me iniciei na ioga e no zen budismo. Não ofereci, querem um cafezinho? Vocês não me responderam, como descobriram o surrealismo? Não conheço essa edição dos *Manifestos* de Breton com capa vermelha do Jean-Jacques Pauvert. Bonita. Livro é uma mensagem trancada numa garrafa jogada no mar, nunca se sabe nem onde chega, nem quando, nem quem vai ler. Por isso escrevo, livro viaja com mais facilidade do que uma escultura de bronze. No Brasil nunca tivemos um movimento surrealista, um grupo com uma atividade coletiva como em Paris ou Nova York. Tivemos personalidades influenciadas pelo surrealismo. O pintor Ismael Nery, por exemplo, retomou certas figuras de Marc Chagall, mas o coitado morreu aos trinta e três anos, a idade do Cristo, não teve tempo para desenvolver sua obra. Era um sujeito estranho, a Adalgisa Nery contou que foi muito maltratada pelo marido, mas era apaixonada. Ismael Nery era místico, quis ser enterrado com hábito de frade. Somente no Brasil se deu essa mistura de surrealismo e catolicismo, o poeta Murilo Mendes é outro caso semelhante, Jorge de Lima também. O modernismo ocupou o espaço das vanguardas. O nacionalismo que caracterizou nossos modernistas os levou a minimizar as óbvias influências futuristas ou surrealistas. Breton considerava o México a nação surrealista por natureza. Seu amigo Benjamin Péret, casado com a cantora brasileira Elsie Houston, esteve no Brasil antes de ir ao México. Em ambos os países se mostrou interessado na arte popular e indígena, mas entrosou com poucos intelectuais do Rio e São Paulo, um deles foi Lívio Xavier. Ele teve um filho com Elsie, Geysler Péret, piloto, capitão da aviação civil. Tenho a impressão de que a militância trotskista o ocupou mais do que a surrealista. Não sei, nunca se sabe o que passa pela cabeça das pessoas, principalmente quando não convivemos durante o mesmo período no mesmo lugar. Maria Martins não contou aos seus dois jovens admiradores, mas Marcel Duchamp trabalhou durante décadas

numa instalação que seria desvendada apenas depois da sua morte, *Etant donné*. Olhando pelos buraquinhos de uma porta maciça aparece o corpo nu e oferecido de uma mulher. A última declaração de amor à Maria.



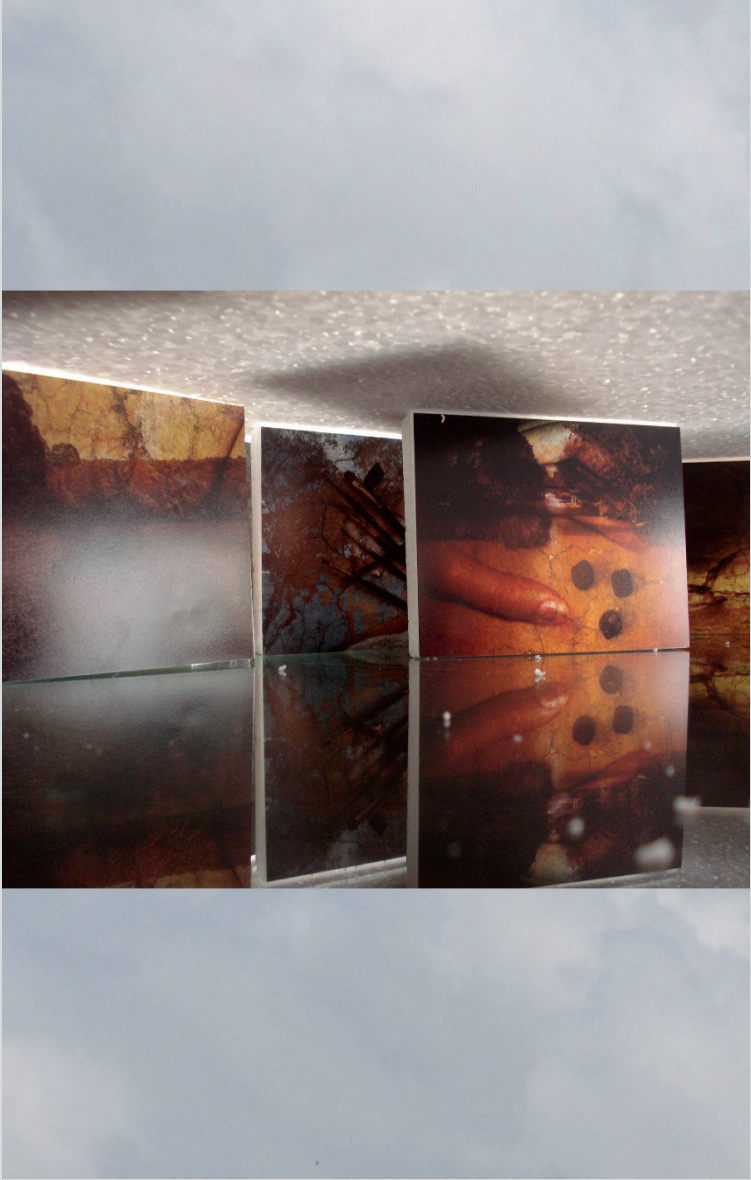
VILA MADALENA

A Exposição surrealista de São Paulo, em agosto de 1967, foi organizada por três pessoas: Sérgio Lima, Leila Ferraz Lima e Paulo Antonio Paranaguá, com o poeta e antropólogo Vincent Bounoure na França como principal interlocutor. O grupo paulista disposto a encarar uma atividade coletiva era reduzidíssimo. O centro ficava na rua Aspícueta, na Vila Madalena, com o Sérgio como alma e motor da movimentação e a Leila na concepção artística da exposição, a Mão Mágica e o Andrógino Primordial. O carioca Paulo era a interface com o grupo surrealista de Paris. Depois que viajou, não voltou, ou melhor, regressou sempre, mas não residiu mais na terra de forma permanente. Copacabana, Humaitá, Flamengo, Cinelândia, Sumaré, Consolação, Vila Madalena, Jardins, entraram para o repertório de recordações assim como Madri e Buenos Aires. Brasil, ame-o ou deixe-o, não tem meio termo. *A poesia terá um lugar na sua exposição?*, perguntou Octavio Paz, escrevendo de Nova Delhi, em 27 de fevereiro de 1967. *Se for assim, lembro-lhes os poetas surrealistas da América Latina: César Moro, Enrique Molina, Aldo Pellegrini e Braulio Arenas.* O argentino Pellegrini compareceu ao vernissage. As ruas de São Paulo, em volta ao Trianon, eram divertidas em companhia de Raul Fiker, narrador impagável e filósofo adormecido. Roberto Piva, poeta bendito, consumia suas energias pelos lados do Largo do Arouche, seu terreno predileto de caça. A pintora Maninha Cavalcante posava de mulher fatal e a garotada caía que nem moscas. Não era um grupo, era um agregado circunstancial. Claudio Willer pretendia hegemonizar o discurso crítico, mas preferia a geração beat. Sérgio Lima e Willer, dois caciques e pouca tribo. No entanto, o excesso de egos e individualismo não foi responsável pelo desaparecimento do grupo. Basta examinar a cronologia dos dois lados do Atlântico para sentir os ventos contrários. Na França, o movimento estudantil de 1968 precipitou a implosão do surrealismo, fragi-

lizado pela morte de André Breton dois anos antes. O autor dos *Manifestos* não era um caudilho nem um papa, como diziam as más-línguas, principalmente nos últimos anos, mas seu desaparecimento privou os franceses de um ponto de equilíbrio, de um eixo afetivo e intelectual. Depois da Exposição surrealista de 1967, o Brasil entrou numa fase de forte turbulência seguida de repressão feroz, pouco propícia para uma expressão minoritária e a contramão. A revista *A Phala*, catálogo da exposição, não teve continuidade (ressuscitou com um número décadas depois, noutra configuração). *Nadja*, curta-metragem de um aprendiz canhestro, o mencionado Paulo Antonio Paranaguá, desenhado em colaboração com Eduardo Jardim de Moraes, tampouco teve prosseguimento. Quando anunciaram no cinema Payssandú o prêmio de roteiro, o velho comunista Alex Viany gritou *bicha, bicha, bicha*. Politicamente correto era filmar mendigo, cinema engajado, social, nada de experimentalismos e surrealismos. Muito menos filme erótico, com a câmera na mão explorando um corpo de mulher ao som de *Smoke gets in your eyes* no piano solo de Thelonious Monk, projeto que nunca saiu do papel. Gilberto Santeiro, o único da equipe de *Nadja* que se profissionalizou, ficou tão traumatizado com a manipulação da Paillard-Bolex de 16 mm e o reflexo do sol na areia de Ipanema que resolveu largar a fotografia e fazer montagem. A Geração Paysandú, vestida com camisa azul e japona de marinheiro, marinheiro só, sempre com um livro no sovaco, bebia chope até o sol raiar e cultivava paradoxos: o filme é uma merda, mas o diretor é genial. O aprendiz de feiticeiro pediu estágio a Alain Resnais e a Luis Buñuel, sem sucesso. *Paris, 30 dez. 66. Estimado Sr. Paranaguá, seu pneu de ontem é a primeira notícia que tive do Sr. Se o Sr. estiver livre o dia 2 de janeiro, segunda-feira, às 5 ½ da tarde, terei muito prazer em recebê-lo aqui no meu hotel. Amicalement, Buñuel.* O endereço do remetente era 232 Bd. Raspail, Paris XIV. O *pneumatique*, o bilhete, foi mandado pelos tubos de ar comprimido do correio ao Hôtel du Dragon, 36 rue du Dragon, Paris VI. No Hôtel Aiglou, bulevar Raspail, nenhuma placa assinala que foi a moradia do cineasta residente no México durante suas

estadias na França. Quando viu o cartaz da Exposição surrealista de São Paulo, desenhado por Sérgio Lima, fez um comentário bem espanhol, *cachondo!*, tesudo, porque a mulher-serpente tinha seios fartos. Montparnasse era o bairro preferido do saudosista Buñuel, um *afrancesado*, cosmopolita. Em 1928, no Select do bulevar Montparnasse, a um quarteirão de Raspail, ele tinha lido para os amigos um roteiro sobre Goya que nunca filmou. Enquanto Buñuel rodava *Belle de Jour*, eu estava hospedado num quarto de empregada no porão do apartamento de Geneviève Page, intérprete da madama que facilita a prostituição da jovem Catherine Deneuve. Os filmes surrealistas apresentados no Rio pela Cinemateca do MAM propiciaram meu encontro com o casal Sérgio e Leila Lima. O deslocamento do nosso trio aconteceu por causa do amor, a libertinagem e o desbunde. A nova ordem amorosa, a reinvenção do amor, provocaram desvarios e desastres. O *amour fou*, a loucura de amor, o amor paixão, o amor sublime, descambam facilmente para o amor possessivo. O amor é eterno apenas enquanto dura. Imortalidade é um anseio insatisfeito tão antigo quanto a humanidade. Palavra de cadáver abandonado numa piscina parisiense. Corpo boia, amor afunda. Felicidade é como a gota de orvalho. O amor começa bruscamente, de repente, sem sinal prévio, mas também acaba subitamente, sem avisar, deixa mágoas e arrependimentos. *¿Qué es lo que pasa, que nos estamos alejando tanto, que cada vez nos comprendemos menos?* Recriminações e ressentimento duram décadas, os rancores azedam a existência e amargam a velhice. O amor total vira amor-próprio dilacerado. Quem dera envelhecer, sonha o cadáver arrependido. No entanto, a conjunção de beleza e talento é irresistível, principalmente na juventude. Produz mais faíscas do que o encontro fortuito numa mesa de dissecação de uma máquina de costurar e um guarda-chuva. Leila desbordava de inteligência, sensibilidade, afeto e amor, despertava o desejo em qualquer hora e lugar. *Perfume de gardenia tiene tu boca.* Maureen Bisilliat a retratou de perfil com colares e joias nos cabelos e em torno ao pescoço, pálida como se a cobra coral enrolada no peito fosse capaz de dar o bote, *a palidez de*

*uma magnólia invade teu rosto de mulher atormentada. Não dá para ver seus olhos, desviados da câmera. Mais do que uma pose artística, é uma performance, parece uma aristocrática personagem de Gustave Moreau. Contigo aprendi. Tu me acostumaste a todas essas coisas. Porém, não se podia esperar nada do artista adolescente capaz de escrever bobagens como esta: O chuchu se apaixonou pelo nabo/Nabo nabo/Te quero te amo dizia-lhe chuchu/Nabo bobo nabo enrubescou e corou/Bobo bobo/Deixa disso disse chuchu/Não vês que te quero te amo te adoro/Bobo bobo/ Nabo enrubescia nada dizia/Nabo não respondia/E aí chorou chorou/Chuchu olhou se contagiou/Chuchu chorou chuchu chorão/Chuchu chorava em chorro/Chuchu se mancou/Deixou nabo no chão e se mandou/Nabo bobo nabo bom bobo nabo bobão/Nabo chocho ficou chuchando no dedão. O poetastro arrebatado na Vereda tropical trocou a revolução surrealista pela revolução mundial, deu de bruços com a aceleração da história e quebrou a cara na primeira curva. Em tempo, o material de *Nadja* e o arquivo surrealista do Paranaguá foi doado à biblioteca Kandinsky do Centro Georges-Pompidou. Leila Ferraz, artista plástica, fotógrafa, performer, com uma vitalidade digna de melhor companhia, continuou a sonhar e a escrever poesia: *Leva para o mar todas as memórias da luxúria*. Sérgio Lima permaneceu como o guardião do templo, com publicações, exposições e palestras para *happy few*. Bem-aventuradas as minorias, porque delas é o reino das utopias.*



LA PLATA

Biblioteco, era chamado Biblioteco. Gíria típica da carceragem argentina. Era o bibliotecário do pavilhão de presos políticos do cárcere de La Plata, a U9. Era um deles. Na sua cela tinha mais livros do que percevejos. Depois de trancadas as celas individuais, o Biblioteco fazia sua ronda no corredor com a lista de títulos e os livros para entregar de porta em porta. As vezes pediam-lhe conselho. Leia esses contos, não acredite em preconceito, Borges é divertido, é leitura amena. A turma do jogo de xadrez lia menos, ficavam fissurados nas partidas, parecia um eterno torneio, cantavam as mexidas pelo passa-prato, a hora no pátio não era suficiente, pediam manuais e livros para estudar os grandes mestres. Capablanca tinha o charme de ser cubano, nem que fosse de outros carnavais. Exceto as reuniões de balanço e perspectivas, o jovem Biblioteco lia romances o tempo todo, não queria saber de ensaios, estava saturado de teoria. O sujeito não largava os livros, nem banho tomava, as luzes apagavam cedo e as noites com percevejos eram compridas. Percevejo tem também no Peru, no México e no Vietnã, está nos relatos de presos, é igual no mundo inteiro. A literatura e a correspondência amorosa com Maria Regina Pilla na prisão de mulheres de Olmos salvaram o Biblioteco da fossa. Aplicado como aluno bem-comportado, leu tudo que era ficção latino-americana. *O jogo da amarelinha* tinha ficado na sua mesinha de cabeceira durante meses, sem que tivesse aberto o livro. Agora tempo é o que não faltava. A insurreição fracassou? Imaginação ao poder. A leitura derruba as paredes, os romancistas atravessam as grades, o sonho recomeçou. Não há dois romances ou autores iguais, a lista de encomendas é infinita, a Mãe teve uma santa paciência e coragem para enfrentar o vexame das revistas corporais. A heroína desta história é ela. Quando soube que a comida era compartilhada com todos, ela aumentou a quantidade. Subestimávamos os riscos: os militares argentinos assassinaram mães de presos políticos. O vizinho Flavio

Koutzii ganhava meu pacote de erva mate, gaúcho merecia dose dupla, também ficou o dobro de anos no cárcere, quatro anos, saiu com aspecto de sobrevivente de Auschwitz. O mais moço, Carlos Alvarez, pegou sete anos, *Charly* era reincidente, esperto e experiente, boa praça, ficou esses anos todos sem ver o filho, desumanidade sem tamanho nem propósito, viraram quase desconhecidos um para o outro. A pacata atividade de bibliotecário passou a ser suspeita quando os militares tomaram conta do sistema penitenciário, seis meses antes do golpe de 1976. Para eles, a ronda para oferecer livros devia ser articulação ou no mínimo correio. O regulamento murchou, os benefícios diminuíram, o pessoal reclamou, o pau comeu. Os líderes militantes e o modesto Biblioteco foram parar no calabouço, com pancadas e porradas de todos os guardas, inclusive aquele simpático, prestativo e amável, ninguém pode tirar o corpo fora na hora da repressão, a disciplina garante a coesão dos repressores. A vantagem do calabouço, frio e escuro, é que não tem percevejos, porque carece de cama de metal onde os danados costumam se esconder para infernizar as noites. Dorme-se no chão de cimento mesmo. A calmaria depois da explosão de violência durou pouco, porque os milicos organizaram um traslado a outra prisão, o que naquela altura era sinônimo de lei de fuga, ou seja, execução sumária. O Biblioteco entrou no camburão com um punhado de companheiros, todos com os olhos vendados. Cada parada o coração pulava, faziam um esforço desumano para perceber e interpretar cada ruído, mas o barulho do motor cobria, o veículo sacolejava como se tivesse saído da estrada, logo logo perderam a noção da distância e do tempo, impossível descobrir qual era o rumo, perdidos na interminável noite, minutos horas dias incontáveis elásticos ininterruptos inapeláveis irremediáveis insondáveis como durante as semanas de tortura. Quando estacionaram de vez, uma guinchada seguida do motor apagado, um corredor polonês formado pelos guardas os recebeu no novo cárcere com tremenda pancadaria, mas a sensação era de alívio, porque cassetete dói, mas não mata, o traslado não acabou em fuzilamento. Bem-vindos à penitenciária de Sierra Chica, filhos de

uma grandíssima puta. E toma porrada. Finalmente sem olhos vendados, moído de pancadas, acabrunhado, isolado, assolado, o calabouço estava limpo, não fedia, era mais espaçoso, preso repara em minúcias, não é conformismo, mas qualquer detalhe pode ser importante. Naquela superfície ele vai ter que andar e se mexer para manter a musculatura e não definhar. Sem visibilidade fora daquelas paredes nem conhecimento do terreno, o sombrio Biblioteco teve uma alucinação sonora, o estresse do traslado aguçou e deformou os sentidos, começou a interpretar os barulhos, surdos ou metálicos, a perceber como se aproximavam, a contar os minutos e os lentos passos no corredor, entrou em parafuso e se preparou para uma nova surra. Quando afinal abriram a comporta, era o rancho. Os presos da cozinha, condenados de direito comum, caprichavam na comida em sinal de solidariedade com os punidos. Um litro de leite por dia, pela primeira vez o Biblioteco achou leite puro delicioso. À noite, sozinhos, identificou finalmente os demais trasladados, entabularam conversa e poucos dias depois estavam a dar risada. Até que os milicos apareceram, surpreenderam o falatório noturno e aumentaram a duração do castigo. Ninguém mais piou. Para ocupar a solidão, o soturno Biblioteco repassou as leituras feitas, colocou em ordem algumas ideias simples e começou a escrever mentalmente uns resumos. Finalmente, depois de vários meses saíram do calabouço e foram para uma cela individual comum, com janela e luz natural, mas sem recreio, sem pátio, trancados dia e noite. Nenhum contato humano a não ser pelo passa-prato. Hora do mate. Hora do rancho. Hora da contagem. Hora de apagar as luzes. Vou poder voltar a ler depois de tantos meses, pensou o taciturno Biblioteco, à espera do prisioneiro encarregado da biblioteca. A primeira decepção foi descobrir que tinha direito a apenas um livro por mês, quando estava acostumado a devorar romances em dois ou três dias. O jeito é pedir um livro bem grosso, para fazer companhia durante o mês todo. A Bíblia. Lamento, temos somente o Novo Testamento. Assim é demais. Então traz *Dom Quixote*. Vieram umas aventuras de Sandokan fininhas que desfilaram em poucas horas. O Biblioteco ganhou

lápiz e papel e transcreveu seus resumos mentais de leituras anteriores. Na primeira revista das celas, as anotações escritas com letra pequena para economizar papel foram consideradas suspeitas e confiscadas. O laborioso Biblioteco escreveu tudo de novo, sabia de cor. Memória, lembranças, ocupar a mente, cavar, meditar, especular, esperar. Dia e noite. Um dia depois do outro. E mais outro igual. Três passos para um lado, três passos para o outro. Um dois três. Andar em linha reta, andar em círculos. Levantar e abaixar os braços, um dois, fazer ginástica, um dois. Noite e dia iguais. Andar e pensar, andar e dormir, andar e esperar. O desejo sexual sumiu, masturbação faz bem, mas a vontade desapareceu, o corpo enrijeceu, a libido amoleceu. Subsistir, aguentar, esperar. Um dois três. Pela janela, trocava mensagens com as mãos, usando o alfabeto dos surdos-mudos simplificado pelos detentos. Mao Tse-tung morreu. E Fidel? *Vivito y coleando*, vivinho da Silva. A comunicação era limitada, porque era passível de ser sancionada. *É pericoloso sporgersi*. Tédio. Quando menos esperava, o Biblioteco recuperou a *liberté égalité fraternité* graças aos amigos franceses, porque a ditadura brasileira nem passaporte concedia aos subversivos. Ame-o ou deixe-o? Foda-se.



SANTIAGO

Ela chegava sem avisar, sem telefonar, com a informalidade de uma vizinha. Ouvi música e toquei a campainha, dizia com um sorriso. Na verdade, para isso ela precisava transpor o portão da rua e atravessar o corredor que dava no pátio interno, entre os dois blocos do edifício. Fui fazer uma comprinha no mercado Saint-Pierre. Vou com frequência, adoro mexer nos tecidos, sentir as texturas e os cheiros, olhar as cores e os desenhos, pechinchar. André Breton adorava bisbilhotar no Mercado das Pulgas e nas feiras de velharias, em companhia da poetisa Joyce Mansour. Elisa Breton, a esposa chilena, preferia o bazar ao pé de Montmartre. Vinha andando pelo bulevar, era uma boa caminhada para uma septuagenária. Sua fragilidade era pura aparência. O estúdio da rua Fontaine nº 42 ficava a um passo da praça Blanche. Dali até Pigalle eram uns quatro ou cinco quarteirões, mas ainda faltava outro tanto para mergulhar no delicioso mar de tecidos. Na volta, não precisava nem desviar, bastava continuar pela rua de Orsel duas ou três quadras. Chá ou café? A resposta era sempre chá ou então um copo d'água. Parecia que nos conhecíamos há décadas. Na verdade, pouco nos vimos antes do grande hiato, mas o reencontro foi especial para ambos. Quando a encontrei pela primeira vez na Promenade de Vénus em 1966, tinha recém enviuvado, as preocupações eram outras. Depois passamos quase sem transição dos fecundos anos sessenta à problemática década de setenta. A volta do inferno é uma sensação difícil de transmitir, mas fácil de perceber. No caso dela, o prazer de falar o próprio idioma era uma ocasião rara: aproveitava para destravar a língua. Sua imersão na vida francesa deixou para trás a primeira metade da sua vida, com suas lembranças e sua dor. Talvez o luto fosse um elo invisível entre nós. Falava da sucessão, do inventário, dos dilemas editoriais. Contava com o apoio de Jean Schuster, executor testamentário, e não parecia ter atritos com a outra herdeira, Aube Elléouet, filha do poeta com a pintora

Jacqueline Lamba, que nadava nua em *Lamour fou*, a exaltação da paixão amorosa escrita por Breton. Porém, a alegria dos nossos encontros tinha algo de imediato. Gosto tanto de música e perdi o hábito de escutar. Na minha infância e adolescência esteve muito presente. Minha irmã Cora é pianista e musicóloga. Ensinou piano no Conservatório Nacional de Música da Universidade do Chile, em Santiago. Ela introduziu no Chile a educação musical para crianças escolarizadas. Tínhamos um ano de diferença, sempre fomos muito unidas. Nosso irmão caçula Eduardo era diferente, foi educado para ser homem. Além disso, a diferença de idade era maior, nós não levávamos muito a sério o homenzinho da família. Ele faleceu cedo, um mês antes de André. Nossa mãe chamava-se Elisa Cora Enet Fehrmann, cada uma herdou um dos nomes dela, é como se fossemos duas metades. Voltávamos com frequência a Viña del Mar, o clima era mais agradável do que em Santiago, perto da cordilheira. Em Viña, nosso pai, associado com outros empresários, comprou o Palácio Carrasco, construído por um magnata do salitre que morreu antes da mansão ficar pronta. A prefeitura acabou encampando o palacete. Sinto saudades de Cora, mas a distância é muito grande, aquilo é o fim do mundo, mesmo de avião. Ela veio às vezes à Europa, estudou aqui e depois viajou bastante por causa das suas responsabilidades, Cora é uma autoridade latino-americana na sua área. Não perdemos o contato, mas a distância e o tempo acabam afastando. Nunca entendi o rechaço musical de André, tão sensível à linguagem da natureza e até às formas das pedras. Nas rodas de Montparnasse não faltavam músicos. Erik Satie era dadaísta e continuou próximo das vanguardas. André só foi descobrir a originalidade de Satie depois da morte do compositor das *Gymnopédies*. Comentei isso com Octavio Paz e nunca achamos outra explicação a não ser a falta absoluta de ouvido musical. Octavio me contou que Luis Buñuel obrigou sua mulher Jeanne Rucar a deixar o piano muito antes dele ficar surdo. Isso apesar de que o cineasta teve uma época wagneriana. Senti-me identificada com a francesa, o espanhol era possessivo e ciumento. Frustrante. Paris foi uma capital musical,

como Viena ou Berlim. Quando ouço música pela sua janela, sinto inveja, aqui tem sempre um fundo musical. Cora e eu éramos ecléticas, gostávamos do repertório clássico e do popular, Brahms e Chopin, mas também Offenbach e o tango, que estava na moda na nossa juventude. Em Santiago, fui ao estúdio de Jorge Opazo, o fotógrafo da alta sociedade chilena e dos políticos, onde me tiraram o retrato que você me mostrou outro dia, naquela pose de estrela de Hollywood. A melomania era nosso lado Bindhoff. Nosso pai, Walter Bindhoff Raddatz, tinha nascido na Alemanha. Imigrante rico, era o típico alemão melômano, para quem a música é a maior expressão da arte e mesmo da civilização. A Cora herdou essa vocação civilizatória. Ambas convencemos o compositor berlinense Friedrich Heinlein Funcke, refugiado em Buenos Aires, a se instalar no Chile, onde foi um mestre para várias gerações. Os franceses dizem que a música adoça os costumes. Se fosse verdade, Wagner não teria inspirado a barbárie. Mas não existe melhor companhia, nem melhor antídoto contra a solidão. Cada um projeta nas melodias seus próprios desejos ou sensações. O público compartilha sentimentos? Tenho minhas dúvidas. Emoções sim, mas o sentimento faz parte da intimidade. No cinema e no teatro também, cada espectador conserva sua sensibilidade e subjetividade. Todos riem ao mesmo tempo com Carlitos ou choram com uma diva, mas a comunhão é uma ilusão momentânea. Agradável, às vezes bonita, mas passageira. Os chilenos elitistas achavam que eram os prussianos das Américas, por causa da vitória na Guerra do Pacífico contra o Peru e a Bolívia, nações desprezadas devido à importância das suas populações indígenas. Esses chilenos desqualificavam também os argentinos, porque consideravam a imigração massiva de italianos pobres inferior à colônia alemã do Chile. Os imigrantes trouxeram da Alemanha sua mentalidade de raça superior ou pelo menos de cultura superior, no caso daqueles que preferiam evitar as ideologias racistas e eugenistas. Nunca entendi por que o Chile tinha a fama de possuir instituições democráticas e estáveis, como o Uruguai, a *Suíça das Américas*. Confesso que o golpe de Pinochet não me surpreendeu. O

Chile que conheci até a Segunda Guerra Mundial era violento e imprevisível como um terremoto, com generais golpistas conservadores ou socialistas. No meu tempo, não existia ainda a Colônia Dignidad, a seita fundada por um antigo nazista. Mas os chilenos *nacistas* achavam que bastava mudar o “Z” pelo “C” para não serem confundidos com os hitleristas. O Movimento Nacional-Socialista tinha influência, conseguiu eleger deputados. O seu *Jefe* era um sujeito chamado Jorge González Von Marées, filho do fundador da Clínica Alemã e de uma aristocrata germânica. O *Führer* chileno usou o seu revólver numa sessão do Congresso e foi internado em hospício. Antes disso, manipulou estudantes para encenarem um golpe de estado e os coitados foram todos fuzilados depois de se renderem à polícia. Assim mesmo, González Von Marées acabou como dirigente do velho Partido Liberal. O ideólogo do Movimento, Carlos Keller Rueff, deu aulas na Academia Militar e na Escola Militar, onde estudaram os golpistas de 1973. Meu primeiro marido, Benjamín Claro Velasco, era um líder centrista do Partido Radical, por isso eu estava familiarizada com o meio político. Ingênuo, ele queria acabar com a luta de classes, enquanto os extremos pretendiam atizar os conflitos. De um lado e do outro, havia milícias uniformizadas e acertos de conta a bala. A propaganda nacional-socialista denunciava o *imperialismo judaico*, insistindo no velho mito antissemita de que os judeus controlam as finanças e o mundo. Um ministro foi atacado pelo simples fato de ser judeu. Esse é o Chile que conheci, cruel, intolerante, sórdido. O ambiente era insuportável, eu me sentia no centro de um redemoinho, impotente diante da conflagração iminente. Resolvi então me afastar, viajei aos Estados Unidos. Mas ninguém se livra da catástrofe quando o destino é mais forte. Parece melodrama, mas é isso mesmo. Lá perdi minha filha Ximena. Morreu afogada. Era uma adolescente, filha única. Não existe maior sofrimento para uma mãe do que perder um filho, isso contraria a ordem natural. Enterrar o fruto do seu ventre, a criança que amamentou, é insuportável. A vida perde todo sentido. Sobreviver é um sacrifício. Não teria conseguido encarar o luto com serenidade

se não tivesse conhecido naquele momento André. Foi um *acaso objetivo* como ele costumava dizer. Ambos tínhamos desfeito nossos casamentos, éramos almas em pena no meio de uma guerra terrível, que destruiu a humanidade física e moralmente. Ainda custo a lembrar sem sentir o peso daquela dor. O fim da guerra foi um renascimento. O livro *Arcane 17* celebra essa conjunção.



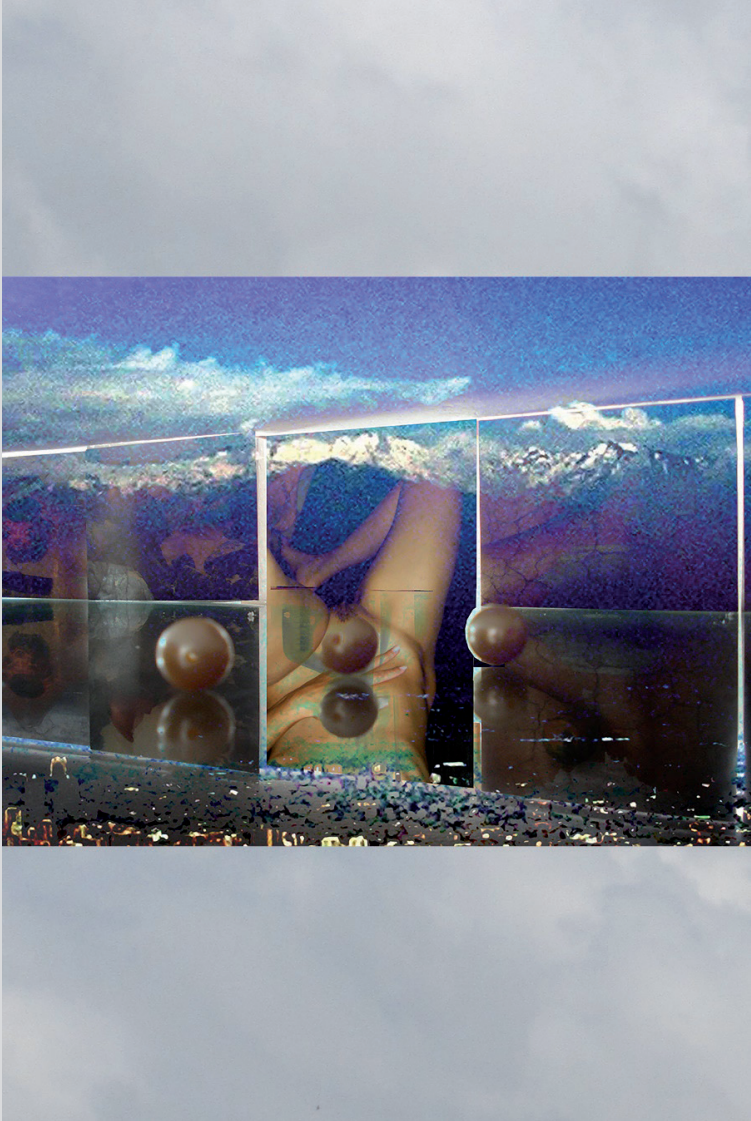
COYOACÁN

Morir es una costumbre que sabe tener la gente, escreveu Jorge Luis Borges numa de suas milongas. Morrer é um hábito, uma ironia do azar. Elisa Breton faleceu em Kremlin-Bicêtre no ano 2000. Natalia Sedova, viúva de Leon Trotski, morreu em Corbeil-Essonnes em 1962. Não a conheci. *Gloria, indissoluevamente, ao Velho e à Velha!*, escreveram na ocasião André Breton, Isaac Deutscher, autor da trilogia sobre Trotski, *O Profeta Armado, O Profeta Desarmado e O Profeta Desterrado*, e Laurent Schwartz, eminente matemático e anticolonialista. Ambas as comunas, Kremlin-Bicêtre e Corbeil-Essonnes, eram parte da *banlieue rouge*, o subúrbio vermelho da capital francesa, administrado por comunistas ou socialistas. Quevedo não frequentava essas zonas populares, o camarada cubano se contentava com a Rive Gauche, a margem esquerda do Sena, mais chique mesmo para quem anda de metrô. A adoção do Kremlin por um município francês não era uma homenagem a Stalin, *o homem que nós mais amamos*, segundo uma manchete do jornal comunista *l'Humanité*. Era uma referência à hospitalização ali de soldados de Napoleão que haviam participado da campanha da Rússia. Corbeil-Essonnes fica bem mais ao sul. Como Elisa, Natalia Sedova também teve a dor de perder um filho. Lev (Leon) Sedov foi assassinado em Paris por agentes de Stalin. Os pais, asilados no México, não saíram do quarto durante uma semana, arrasados pela dor. Aceitavam apenas o chá preto trazido por Jean Van Heijenoort, o secretário que os acompanhou durante o exílio na ilha de Prinkipo (na Turquia), na França e finalmente em Coyoacán, bairro da Cidade do México, onde foram hospedados pelos pintores Diego Rivera e Frida Kahlo. Nenhum dos dois ficou sabendo enquanto vivia, mas o outro filho, Serguei Sedov, que ficara na União Soviética porque não estava interessado em política, foi executado na mesma época, apenas pelo fato de ser parente de quem era. A criminalização dos laços de sangue é

compartilhada pelos stalinistas russos e os maoístas chineses, que a praticaram sistematicamente. Nas fotografias Natalia Sedova era sempre a menor, ela batia no ombro do marido. Quando pousou entre Trotski e Rivera, um colosso, parece prestes a ser esmagada. Apesar do tamanho, tinha uma energia fora do comum. Aqueles olhinhos não perdiam nada, estavam atentos a tudo que se passava em redor. Quando Trotski sofreu o primeiro atentado no México, dirigido pelo infame David Alfaro Siqueiros, ela se jogou em cima do marido para protegê-lo das balas com seu corpo. Na segunda vez, ela não estava perto para evitar a picareta que esfaqueou seu crânio. Num retrato descoberto há poucos anos, Frida Kahlo aparece descansando a cabeça no ombro de Natalia, como se o flerte da jovem pintora com o *Velho* não tivesse abalado o casal. Na verdade, me senti magoada, muito só, quase abandonada longe de tudo numa terra estranha cuja língua nem falava. Ele se afastou de fato durante uns dias, foi para uma fazenda, voltou pedindo perdão. Que cansaço, que cansaço, não aguento mais, dizia Leon Davidovich, abrumado pelo extermínio da geração revolucionária de outubro de 1917. Depois descarregou sua culpa em mim, com ciúmes de um admirador que tive vinte anos antes. Os ciúmes corroem o amor, são contagiosos, destroem tudo. Além disso, os ciúmes se retroalimentam, são autossuficientes, descolam da realidade, pervertem a imaginação. *O maior monstro, os ciúmes*, foi o título escolhido por Calderón de la Barca para uma das suas obras. *Monstro de olhos verdes*, apontou Shakespeare. *Sinto ciúmes do ar que respiras*, dizia um bolero. Por essas e outras, *a amizade é uma paixão tanto mais lúcida do que o amor*, segundo Borges. Natalia Ivanovna Sedova e Lev Davidovich Bronstein tinham se conhecido em Paris, no começo do século, antes que o pseudônimo Trotski ficasse conhecido no exílio russo. Ambos militavam, ela inicialmente com os socialistas revolucionários, depois na socialdemocracia, como ele. Durante a Revolução bolchevique e a subsequente guerra civil, enquanto ele comandava o Exército Vermelho, ela tentava proteger o patrimônio artístico, junto ao primeiro Comissário de Cultura, Anatoli Lunatcharski. Trotski

possuía uma cultura literária clássica, mas se familiarizou com as artes graças à esposa. Em Prinkipo, quando ele redigiu sua Autobiografia, aproveitou o diário cuidadosamente escrito pela mulher. Depois de enviuvar em circunstâncias trágicas, Natalia permaneceu fiel ao *Velho*, mas deslindou suas posições dos epígonos, apegados aos textos com a devoção dos talmudistas. Trotskismo e judaísmo tinham afinidades, raízes no messianismo. Marx anunciou a redenção do proletariado, a realização do paraíso neste vale de lágrimas. O marxismo é uma nova religião do Livro. Essa religião laica virou mais um ópio do povo. Na mitologia revolucionária a trinca Marx-Engels-Lênin domina o Olimpo. Santíssima Trindade. No santoral Rosa Luxemburgo substituiu Santa Rita de Cássia, padroeira das causas desesperadas e impossíveis. Armado ou desarmado, ninguém é profeta em sua terra, nem desterrado. A Segunda Guerra Mundial fortaleceu o prestígio de Moscou e dos partidos comunistas. Para Natalia Sedova, a tal *ditadura do proletariado* não era um Estado operário, mesmo deformado pela burocracia, que merecesse ser defendido contra o inimigo imperialista. Ela considerava que Stalin havia liquidado a revolução socialista. Na sua opinião, o stalinismo era contrarrevolucionário. Fragilizados pelo auge dos totalitarismos, os trotskistas estavam obcecados pela iminência de uma terceira guerra mundial e propiciavam a defesa da União Soviética em caso de agressão. Natalia se desligou dos herdeiros oficiais de Trotski. Estava mais à vontade com dissidentes como o anarquista Victor Serge, o surrealista Benjamin Péret ou o espanhol Grandizo Munis. Quando Nikita Khrushchov denunciou os crimes de Stalin na tribuna do vigésimo congresso do Partido Comunista soviético, ela escreveu uma carta aberta a Moscou pedindo a reabilitação de Trotski e a verdade sobre os desaparecidos da família. Nunca obteve resposta. Passou os últimos anos entre a casa de Coyoacán, transformada em museu por Esteban Volkov, neto de Trotski oriundo de um casamento anterior, e a França, onde tinha boas e más lembranças. A memória nem sempre é feita de esquecimento, sobreviver é um sacrifício. Quem ficou ao seu lado até o fim foi sua amiga

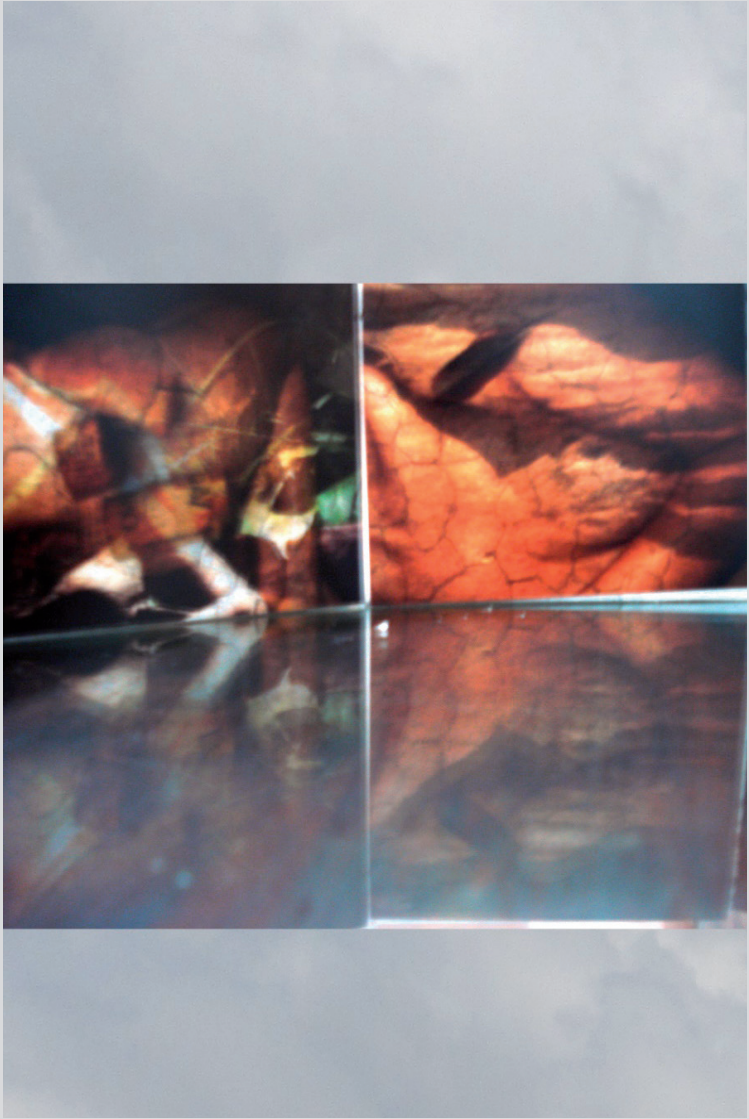
Marguerite Bonnet, militante corajosa e historiadora notável. Executora testamentária da obra literária de Trotski, Marguerite Bonnet foi também a organizadora das *Obras Completas* de André Breton, para alívio e alegria de Elisa. Ela apareceu uma vez na Promenade de Vénus, mas àquela altura eu não tinha noção de quem fosse. A jovem Marguerite, nascida numa família camponesa numerosa e modesta, entrou para a Resistência durante a ocupação alemã, militou nas fileiras trotskistas, perdeu um olho na guerra por causa de um tiro. Depois, ajudou os trotskistas vietnamitas, imprensados entre os colonizadores franceses e os comunistas do Vietnã. Mais tarde, deixou a militância devido às infinitas divisões do trotskismo, tantas quanto no judaísmo, sem abandonar as amizades e solidariedades. Defendeu uma tese de doutorado sobre os *Cantos de Maldoror* de Lautréamont e escreveu um livro sobre as origens do surrealismo. Com tato, conseguiu driblar os sectarismos, fundar e presidir o Instituto Leon Trotski, baseado na França. Sua contribuição à edição das obras de Breton na prestigiosa coleção La Pléiade da Gallimard é um primor de inteligência e erudição, com inéditos e notas esclarecedoras, baseadas numa pesquisa de fôlego. Natalia, Elisa e Marguerite formaram uma conexão virtual para transmitir a memória das esperanças iludidas. A transmissão é a mais nobre das missões. *A esperança nunca é vã*, dizia Borges. Tem provérbio mais revolucionário? Benditas sejam as três entre todas as mulheres, bendito é o fruto de suas três mentes.



CLUNY

Depois do encontro com Quevedo na Joie de Lire, resolvemos ir ao café Cluny, a um quarteirão, na esquina dos bulevares Saint-Michel e Saint-Germain. François Maspéro não inventou as livrarias-cafeaterias. Tampouco dispunha de espaço para tanto, ali não dava nem para tomar uma taça de vinho em pé. O Cluny tinha a vantagem de ser espaçoso, com dois andares. Os *Cronópios* podiam se reunir no andar de cima, enquanto as *Famas* batiam papo no andar térreo. Os personagens de Júlio Cortázar precisaram migrar, porque o local virou uma pizzaria sem graça, sem uma placa para lembrar o autor do *Jogo da amarelinha*. Com Quevedo subíamos ao segundo andar, os estudantes eram menos barulhentos e ninguém nos via pela vitrine. O cubano procurava estabelecer uma identificação entre nós, apelando para as afinidades e saudades. As vezes ouvem-se gaivotas em Paris, elas sobem o rio na contramão. Ambos sentíamos falta do mar, as margens do Sena e o Marne não substituem o Malecón ou a praia, mas as ondas do Atlântico Sul e a transparência do Caribe suscitam emoções diferentes. Quevedo não fazia perguntas diretas, preferia orientar a conversa para questões cotidianas ou banais. O desconhecimento das peculiaridades francesas justificava sua curiosidade. Absorvia como uma esponja, registrava tudo, sem tomar nota nem gravar, pelo menos que eu tenha visto. Tinha uma boa formação, sua cultura era meramente política e enviesada, mas evitava baixar orientação de cima para baixo, fazia o esforço para manter a relação horizontal, de igual para igual. O papo era ameno, descontraído, a ponto de me perguntar às vezes que sentido tinha aquilo para um militante ou um agente em missão no estrangeiro. Afinal, sua condição não era um mistério, a não ser para quem pecasse de ingenuidade. Em compensação, carecia de sentido de humor, ou pelo menos não compartilhávamos o mesmo senso humorístico, e não brincava com assuntos e personagens *de la Revolución*. contei uma piada

espanhola famosa, grossa como boa parte do humor hispânico, mas que ele devia conhecer por ter escolhido o pseudônimo de Quevedo. Contam que o respeitado escritor do Século de Ouro sentiu uma terrível dor de barriga em plena rua de Madri. Procurou um canto discreto, baixou as calças e cagou *como Dios manda*. Passaram perto uma dama elegante e seu filho. Quando ela viu o triste espetáculo, gritou escandalizada em castelhano arcaico: *Que vedo!* (Que vejo). E o escritor soltou a réplica: *Joder! Hasta por el culo me conocen!* (Porra, até pelo cu me conhecem). O companheiro cubano não gostou da grossura do seu ilustre homônimo. Em Cuba, o humor também é escatológico, não é à toa que a ilha foi a última colônia a se separar da Espanha. Mas o *choteo*, a gozação típica de Havana, foi declarada politicamente incorreta. A dupla cômica do velho teatro bufo, o *Gallego* e o *Negrito*, foi erradicada dos palcos e das telas. O duo se prestava a interpretações malévolas com vários galegos no poder, a começar pelos irmãos Castro, filhos de um latifundiário espanhol. Principalmente porque o esperto da dupla era o *Negrito*. Lembra o duo formado por Oscarito e Grande Otelo na chanchada carioca. No entanto, o sarcasmo sobrevive e goza de boa saúde, longe dos ouvidos indiscretos. A Revolução propiciou educação e saúde gratuitas? *El problema, chico, es que uno no se pasa la vida estudiando ni tampoco está enfermo todos los días*. Os cubanos têm apenas três problemas para resolver, o jejum, o almoço e o jantar. O Comandante em Chefe ganhou um apelido elogioso e macumbeiro, o Cavalo, e outro irônico, Maria Cristina, por causa de uma *guaracha* composta antes da Revolução: *Maria Cristina me quiere gobernar, y yo le sigo, le sigo la corriente porque no quiero que diga la gente que Maria Cristina me quiere gobernar*. Quando o *Número Um* trocou o uniforme verde oliva pelo blusão Adidas, o roqueiro punk Gorki Aguila gravou uma nova canção: *El coma andante quiere que yo trabaje pagándome un salario miserable, El coma andante quiere que yo lo aplauda después de hablar su mierda delirante*.



COPACABANA

Um dia aproveitei a dica do Cortázar e entrei na Passagem dos Panoramas pelo bulevar Montmartre com os olhos semifechados e o pensamento em plena divagação. De repente percebi a clareza e sai na Galeria Menescal, ouvi o burburinho cada vez mais forte de Copacabana, o sol a pino, aquela confusão da calçada arreventada, malditas pedras portuguesas, invenção pouco prática, o ruído e a fumaça dos ônibus, o asfalto derretido, o trânsito louco, lotação contra pedestre, as pessoas se atropelando sem a mínima consideração, a gritaria dos camelôs, a zurraria dos pirralhos, o fedor de lixo e mijão, o calor que desaba como uma placa maciça, aquela dor de cabeça, o suor na testa e nos sovacos, a gota escorrendo nas costas, a falta de ar, a sensação de sufoco. Numa banca de jornais, vi a manchete do *Jornal do Brasil*: *Em dez anos, 553 mil foram assassinados*. Houve mais homicídios, mais mortes violentas nesse período no Brasil do que na Síria durante a guerra civil. Não conseguia acreditar, li duas vezes, lia e relia, mas o balanço de uma entidade criteriosa, o Atlas da Violência, estava estampado na primeira página. Um homicídio é uma bomba de fragmentação, além do defunto estilhaça as vidas dos pais e irmãos, filhos e demais parentes, vizinhos e amigos, a comunidade toda sofre o trauma de uma morte que não tem nada de natural, que interrompe uma vida na maior parte das vezes em plena juventude, sem chances de desabrochar e se reproduzir. Circunstância agravante: elucidação mínima, impunidade garantida. Ora, a impunidade é um afrodisíaco para os criminosos. Os assassinos estão entre nós, diziam no pós-guerra alemães inconformados com a desnazificação superficial. Deviam ter dito *os genocidas estão entre nós*. No Brasil, os 553 mil homicídios têm as dimensões de um genocídio, mas não é, apesar da forte proporção de jovens negros. A morte não discrimina, a morte mata tudo. Eis aí a versão brasileira da banalização do mal. Na maioria dos casos, foi por motivos fúteis,

segundo a terminologia oficial. Cafajestes. A futilidade nacional, a banalidade sofrida com fatalismo. O boletim de ocorrência policial registra um aumento nos fins de semana. Rixas de vizinhança ou de trânsito, briga de bêbado, houve quem matasse por causa de lugar no cinema. Quem tem o atrevimento de falar ainda na índole pacífica do povo brasileiro, no homem cordial, na democracia racial? Ordem e progresso? Devíamos inscrever na bandeira desigualdade e darwinismo social. Quem consegue tapar o sol com a peneira? Copacabana me engana. Mineiro só é solidário no câncer. Tive vontade de gritar e sair correndo, não era um ataque de pânico, era uma crise de angústia, nem fui até a avenida Atlântica para ver o mar como sempre faço, sinto falta do mar, é difícil viver sem o mar, desterrado sim, sem mar não dá. Voltei para trás rumo à Galeria Menescal, mas antes comi um kibe, não resisti à tentação, kibe não tem o mesmo sabor na França e no Brasil, os libaneses devem ser mesmo muito diversos, não é apenas uma questão de religião, até na cozinha despontam as divergências. O Monte Líbano é uma Babel. Mas a torre de Babel não era na Babilônia? Ou era a Mesopotâmia? Mediterrâneo ou Mar Morto? Por que o Sinai, a Cirenaica e a Anatólia me vêm à mente? Ásia Menor ou Ursa Maior? Quando criança queria ser arqueólogo. Descobrir novas civilizações. Cavar cavar e encontrar ruínas, cavar cavar e dar de cara com uma múmia, cavar cavar e descobrir tesouros, cavar cavar e ficar de mãos abanando, cavar cavar e enterrar os pés na lama, cavar cavar o próprio túmulo, cavar cavar sem saber por que, cavar cavar para esquecer, cavoucar catar cavilar cutucar calar cavalgar cagar caçar cantar coçar colar coroar costurar cacarejar. Desenterrar hititas sulamitas sunitas xiitas sauditais ismaelitas eremitas sodomitas trogloditas israelitas selenitas islamitas hermafroditas cenobitas eruditais moscovitas vietnamitas sibiraitas térmitas pepitas malditas hematitas levitas semitas neófitas cabritas parasitais dinamitas senhoritas cosmopolitas...



CORRIENTES

Ah... a experiência foi breve, porém estonteante, é como se houvesse provado pela primeira vez ou misturado ácido lisérgico, *peyotl*, chá de ayahuasca, como se tivesse aberto de par em par as portas da percepção. A ressaca durou três dias, pior do que porre de cachaça. Resolvi tomar cuidado com as alucinações. Juro que a segunda vez foi pura distração. Entrei na Passagem Jouffroy pelo bulevar Montmartre e fui sair na Galeria Pacífico, em Buenos Aires. Decidi relaxar e gozar, fazia séculos que não voltava, então fui em direção à *calle* Corrientes, sentei-me no restaurante preferido da nossa época, o Pippo, comi seu macarrão com *tuco y pesto*, seguido de um *bife de chorizo* com salada mista. Uma droga, estávamos duros naquele tempo, sem grana, nossos prazeres eram de baixo orçamento. Corrientes é uma tristeza, pura decadência, apesar de que os jornaleiros, livrarias e cafeterias continuam no mesmo lugar, os cinemas e teatros nem todos, mas o aspecto geral é sinistro. No café La Opera, entre duas ditaduras militares, a polícia entrou para pedir documentos. Sentado de frente para a entrada, fiz de conta que ia ao banheiro e consegui sair pela porta de trás. Parei na cervejaria El Ciervo, na esquina de Corrientes e Callao, lugar do meu primeiro encontro com o francês Raymond Molinier, antigo quebra-galho e guarda-costas do Trotski, *le Vieux*. Agitador, organizador e *homme à tout faire*, pau para toda obra. Desorganizador também. O grupo Molinier, bolchevique-leninista, comprava briga toda hora com aliados e desafetos, socialistas e comunistas. Ele viera parar na Argentina por causa das eternas desavenças entre os epígonos de Trotski, incluindo ele próprio. Criou fama de escroque, foi acusado de negociatas, que tudo seja feito pela causa. A loucura da Segunda Guerra temperou seus ânimos. Em lugar da revolução mundial, guerra mundial. Passou por Bruxelas, Londres e Lisboa, numa fuga sem fim. Perdeu o irmão e companheiro de militância Henri Molinier nos combates pela libertação de Paris. Resolveu

que estava na hora de mudar de ares, procurar Buenos Aires. Depois de organizar um circo para favorecer a evasão de esquerdistas durante a ocupação nazista, ele se sentia capaz de encarar qualquer empreendimento. Durante um tempo multiplicou as travessias entre as duas margens do Rio da Prata com o corpo carregado de penicilina. Contrabando e mercado negro, como Harry Lime na Viena de pós-guerra. Fundou uma família, teve filhos. Mas o vírus da política gera um mal que não tem cura. O *Viejo Marcos* acabou de quebra-galho para o argentino Roberto Santucho, líder de uma extrema-esquerda que era mais maoísta do que trotskista apesar da sua adesão à Quarta Internacional. A clandestinidade, as manobras, a fachada comercial para esconder a gráfica partidária, a falsificação de documentos e passaportes, tudo isso multiplicava a energia do veterano Molinier, que encontrou uma namorada muito mais moça, uma alemãzinha, para esquecer a traição da primeira esposa, Jeanne Martin des Pallières, apaixonada por Lev Sedov, o filho de Trotski. Lealdade e fidelidade são sinônimas? Guerra, repressão, rupturas políticas e afetivas, uniões e cisões, avanços e retrocessos, derrotas duradouras e vitórias efêmeras, desgarramentos em série, era penoso conviver com essas lembranças, melhor mergulhar na ação, sentir outra vez a sensação de que cada gesto conta, cada instante é decisivo, vai ser útil, vai contribuir a mudar as coisas e precipitar a revolução. O sonho fracassou na Europa, quem sabe dá certo na América do Sul. Apesar dessa convicção, o *Viejo* estava ligado por laços de amizade e ódio à família trotskista, sempre às turras. Há quem fale em *trotskismo cultural*, tenho dúvidas, mas existe um trotskismo sentimental, com certeza. Quando percebeu a curiosidade da nova geração, Molinier sentiu o prazer da transmissão. Revolução permanente, programa de transição, partido bolchevique-leninista. Um desses militantes, Joe Baxter, tinha sido um dos fundadores de Tacuara, movimento nacionalista de extrema-direita. A barra mais pesada do peronismo. Depois de muitas aventuras e viagens, físicas e intelectuais, o *Gordo* Baxter se uniu à guerrilha de Santucho. Era outra pessoa, em plena evolução cultural, mas morreu no desastre do voo da

Varig Rio-Paris. Os argentinos estavam saboreando a primavera democrática de 1973, com o regresso do general Juan Perón depois de dezoito anos no exílio. A euforia convivia com o delírio, como se a revolução estivesse à vista, na esquina seguinte. *La hora de los hornos*. Pátria peronista era sinônimo de pátria socialista. Evita Montonera. Nesse interim, Santucho regressou de Cuba com ordens claras: basta de trotskismo pequeno-burguês, pena de morte para os dissidentes do partido, ataques armados contra quartéis, preparação de uma guerrilha rural no Norte do país para retomar a bandeira do Che. Dois anos depois, o poeta Roque Dalton, da mesma geração engajada que Roberto Armijo, foi fuzilado pelos próprios companheiros da guerrilha salvadorena. Como o personagem de *Terra em transe*, Roque Dalton não conseguiu firmar o nobre pacto entre o cosmos sangrento e a alma pura. Na Argentina, o caos e os militares acabaram com a exaltação da luta armada e impuseram a paz dos cemitérios, o terror dos centros clandestinos de tortura, o silêncio dos desaparecidos. Raymond Molinier escapou por um triz e passou seus últimos anos na Europa, com o coração arrebatado por tanto sofrimento. Ninguém parecia mais interessado em ouvir suas histórias. Corpulento do jeito que era, tornou-se transparente, um idoso que ninguém percebia direito, a pessoa via, não esbarrava, evitava o contato físico e verbal. Padeceu a síndrome do sobrevivente. Por que eu e não meu irmão Henri? Muita morte violenta sem esperar pelo envelhecimento ou o esgotamento natural. Sobreviver é um sacrifício. Viver cansa. Faleceu aos noventa anos, dez anos depois do seu último amigo, Pierre Frank, outro fiel escudeiro de Trotski.



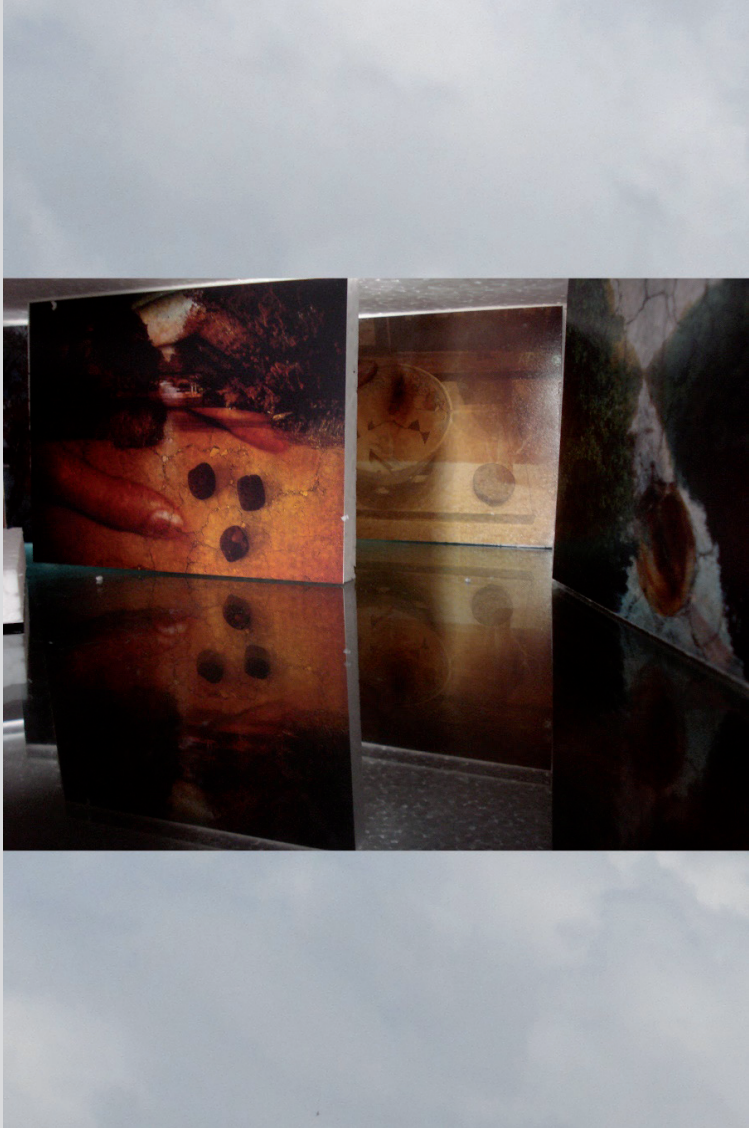
BUENOS AIRES

Volver con la frente marchita, voltar com a testa murcha. O tango imita a vida ou é o inverso? Nunca vi a lua rodando em Callao, mas muitas vezes me senti *piantao*, perdido no labirinto das lembranças. Na Passagem Jouffroy, cada loja abria as comportas para um momento. Em Santiago do Chile, no balcão do palácio presidencial de La Moneda, Salvador Allende tentava acalmar os impacientes, que pretendiam *avanzar sin transar*, avançar sem transigir. Perto dali, no Cerro Santa Lucia, outro flash, o grandalhão Celso Castro respondia às propostas estapafúrdias: *Non fode, tchê*. O corpanzil se agitava todo com cada gargalhada. O humor era um antídoto contra dogmáticos, ortodoxos, psicorrigidos. Nos instantes dramáticos, repetíamos o estribilho *Branca, Branca, Branca, Leon, Leon, Leon*, o hino do Exército Brancaleone. Quando escutávamos falar em Exército de Libertação Nacional ou Exército Revolucionário do Povo, lembrávamos do filme *Exército Brancaleone*, sátira da Cruzada e da Invasão da Abissínia, a foice de Cristo e o martelo de Mussolini. Era como aquela Tia que tinha ataques de riso em enterro. Nunca ouvi nessas circunstâncias os acordes marciais da *Marselhesa* ou as estrofes triunfalistas da *Internacional*, que jamais decorei. Teria sido redundante como uma trilha musical de Dimitri Tiomkin. Nova visão, desta vez em Buenos Aires, na praça do Congresso, as crianças descobrem maravilhadas a revoada de pombos. Incitado por um bigodudo, o menino corre atrás dos pássaros agitando os braços como asas na esperança de levantar voo. Sonho infantil, sonho arcaico de Icaro, sonhos são. Ou não? A esperança nunca é vã. Outra aparição, no mesmo cenário de Congresso: na passeata argentina contra o golpe no Chile, os ponchos dos manifestantes dissimulavam armas. *Branca Branca Branca, Leon Leon Leon*. Faltava confiança na abertura, o Grande Acordo Nacional, o GAN negociado pelos militares. Também, a chegada do velho general Perón no aeroporto de Ezeiza provocou um

massacre entre peronistas. Para um peronista não há nada melhor do que outro peronista, rezava o decálogo. Os peronistas não são nem bons nem maus, são incorrigíveis. O GAN incluía uma cláusula pétrea, macabra, o repatriamento de Eva Perón, a cadavérica Evita bem conservada na mansão de Puerta de Hierro, Madri, o cadáver ambulante, roubado e disputado depois de embalsamado. Necrofilia político-partidária, idolatrada relíquia. Santa Evita. Evita Montonera? Depois de eleito à presidência da República, para um terceiro mandato que seria o último, Perón expulsou da Praça de Maio os *imberbes* que o tinham apoiado. No balcão da Casa Rosada, soltou o verbo e soltou os cachorros. Liberou a ação dos grupos paramilitares, a Triple A, Aliança Anticomunista Argentina, e outros comandos. Em Buenos Aires, os Ford Falcon verdes sequestravam e assassinavam em plena luz do dia, nas ruas do centro da cidade. Mataram nosso advogado Silvio Frondizi e o peronista Rodolfo Ortega Peña. Para preservar e capitalizar a aura do Líder, Montoneros inventou a teoria do cerco, a culpa era do entorno. Ora, onde manda capitão não manda marinheiro, onde mandava o general não mandava o cabo José López Rega, *El Brujo*. A vice-presidenta e sucessora do general, a viúva Isabelita Perón, a *mulher do látigo*, completou a infâmia e abriu as portas aos militares. O exército tomou conta das prisões meses antes do golpe. Vinham ao calabouço de Sierra Chica examinar o irmão do Che Guevara, Juan Martín, como se fosse um bicho no jardim zoológico. O aeroporto de Ezeiza não tem placa para lembrar o massacre entre peronistas, mas em compensação tem um busto do general Juan Pistarini, vice-presidente da República e ministro de obras públicas de Perón. Corrupto e nazista notório, Pistarini tinha o cacoete de levantar o braço para saudar os oficiais alemães, como o cientista maluco interpretado por Peter Sellers no *Doctor Strangelove*. Aeroporto Internacional Ministro Pistarini, bem-vindo à Argentina, refúgio de nazistas e colaboracionistas. Porém, análise de conjuntura em circunstâncias tão conturbadas era um desafio. A dificuldade maior radicava no ritmo dos acontecimentos, que deturpava toda previsão. Todos erramos. Uma organização

aprovou em congresso um documento dizendo que não haveria golpe e quando os militantes deixaram o *aparelho* os golpistas estavam nas ruas. Alguns foram mais delirantes, no asilo de alienados nem todos tem o mesmo grau de loucura. Montoneros disputava *mano a mano* com Santucho o primeiro lugar. *Branca Branca Branca, Leon Leon Leon*. Há épocas em que o devaneio é coletivo, a alucinação generalizada, como se fosse uma epidemia sem vacina nem cura. A loucura é contagiosa, os psiquiatras sabem, alguns foram contaminados. Um desses surtos foi a Guerra das Malvinas, quando os presos políticos apoiaram os militares, seus algozes, as vítimas se solidarizaram com torturadores e carrascos, como se os crimes fossem solúveis no nacionalismo. Assisti ao Nuremberg argentino, o julgamento que condenou as três juntas militares. A imponente dramaturgia da história foi encenada no *Palacio de Tribunales*. Você aqui, perguntou o advogado, meu xará. Pois é, a assistência não foi premeditada. As atas eram transcritas e publicadas num jornalzinho diário, que as bancas de Corrientes vendiam como se fosse *factura*, massinha doce recém-saída do forno. O extermínio foi sistemático. Buenos Aires, capital da dor. Os poucos sobreviventes saíram traumatizados, síndrome pós-traumática, com uma bomba-relógio no coração, como o *Viejo* Roberto Ramirez, professor de arquitetura em La Plata, que sobreviveu ao inferno porque desenhava bem, mas infartou no inverno sueco. Sobreviver é um sacrifício. Dentro do cárcere dava para perceber, depois do golpe não chegava mais nenhum preso político, eram levados aos centros clandestinos de detenção espalhados por todo o território nacional, torturados e desaparecidos. Ninguém sabia? Mentira. Como na Alemanha nazista, os argentinos no mínimo desconfiavam, mesmo sem conhecer os pormenores e modalidades. Mas não tem pior cego do que aquele que não quer ver. Principalmente porque acredita que não é com ele ou que pode se beneficiar. *Quelevachache, que se le va a hacer*, o que se pode fazer. *Por algo será*, não tem fumaça sem fogo. Darwinismo social. Danos colaterais. Fatalismo. Maria vai com as outras. *No hacer olas*, não fazer ondas. *Os argentinos somos direitos e humanos*, colado

no vidro de trás do Fiat. Baixar a cabeça até passar. O tempo sara as feridas, fecha as cicatrizes. A sociologia não explica, o determinismo social tem seus limites. A ideologia também. A psicologia social é uma ciência inexata, apesar de ser uma tentação. A procura de antecedentes históricos é outra tentação, mas a causalidade é problemática. Diante da enormidade do crime, fica sempre uma alta dose de perplexidade. Se Marx e Freud não explicam, sobra Borges. Buenos Aires, *não nos une o amor senão o espanto. Será por isso que a quero tanto.*



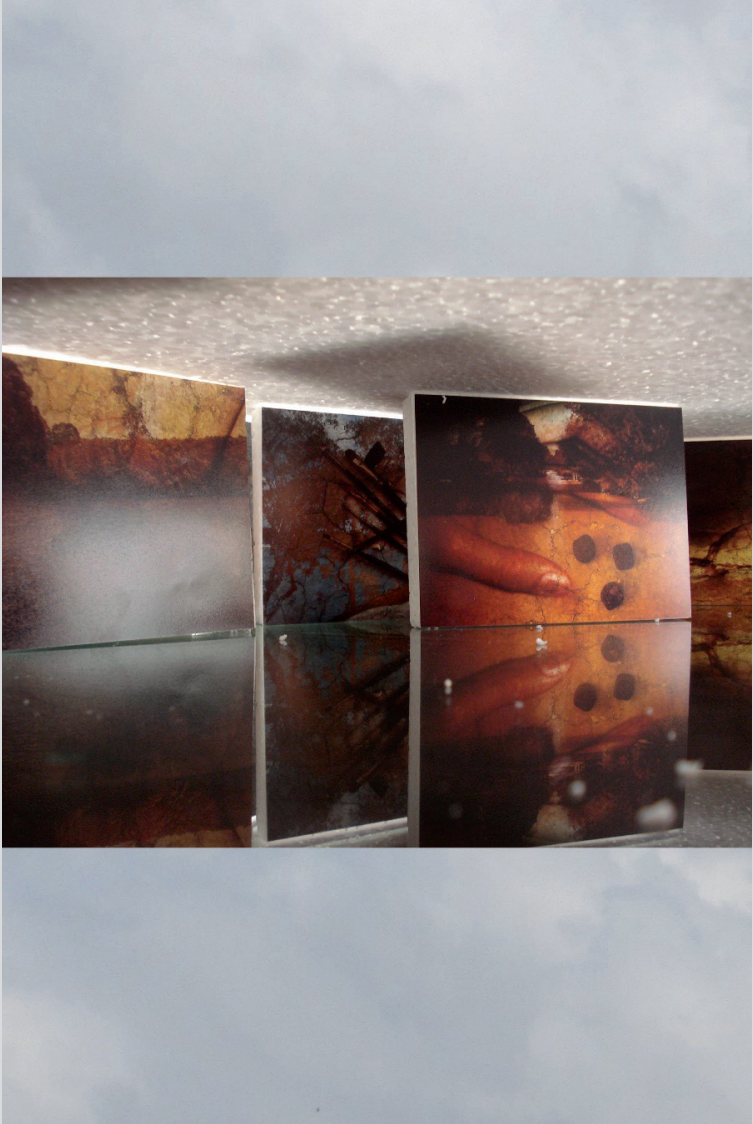
BUTTES-CHAUMONT

Gosto do parque das Buttes-Chaumont, no norte de Paris. Morei perto, na época do meu primeiro casamento com Gabriela Kucawca Muchnik (sou reincidente). Ainda corria, dava várias voltas em torno do laguinho, agora não consigo correr nem para pegar o ônibus. Talvez seja meu parque preferido. O Jardim do Luxemburgo e o Jardim das Plantas são demasiado geométricos, o clássico modelo francês. Os bosques de Boulogne e Vincennes ficam na periferia, menos acessíveis. A poetisa Joyce Mansour morava à beira do Bois de Boulogne, num apartamento repleto de objetos e quadros, onde Jean Benoit representou a Execução do Testamento do Marquês de Sade e marcou no seu peito as quatro letras SADE com um ferro incandescente. Vincennes sediou um zoológico humano durante a última Exposição colonial, agora faz penitência com um Museu da Imigração. Buttes-Chaumont é um híbrido de jardim à francesa e jardim à inglesa. Imita a natureza apesar de ser um artifício, tudo foi plantado e organizado para dar a sensação de espontaneidade e variedade. Aquele templete grego em cima do morro mais alto do parque é uma incongruência reveladora. No extremo sul, na avenida Simon-Bolívar fica uma das sedes da CFDT, a confederação sindical que sustentei durante quatro décadas. Nas ruas das Allouettes e Carducci, ali perto, ficava o estúdio das Buttes-Chaumont, um dos focos do cinema e da televisão, inaugurado por Leon Gaumont em 1897. Visitei o estúdio durante a filmagem de *O Século das Luzes* baseado no romance de Alejo Carpentier. O diretor cubano Humberto Solás parecia meio zozzo, descolocado, na verdade deslocado, descolado dos seus terrenos conhecidos, os estúdios Cubanacan e as locações da ilha natal. Não era a primeira vez que dirigia uma superprodução, seu filme *Cecilia* esgotou os recursos do Instituto Cubano da Arte e Indústria Cinematográficas e quase liquidou o ICAIC. A caterva de stalinistas enrustidos e inquisidores impenitentes

linchou *Cecilia*, massacrou seu subtexto inspirado pela *santetería*, o candomblé cubano. Depois da queda do muro de Berlim e o fim dos subsídios soviéticos, o ICAIC não tinha condição de empreender uma nova superprodução. Por isso, *O Século das Luzes* foi coproduzido pela Sociedade Francesa de Produção, um dos sete anões criados com o desmantelamento da ORTF, o organismo estatal de rádio e televisão. A França renunciou a ter uma poderosa BBC, em nome da boa-gestão. A caretíssima SFP faliu e arrastou na sua queda o estúdio centenário das Buttes-Chaumont. Sobrou no lugar apenas uma ruela da Sétima Arte para pedestres. Nem sequer uma placa comemorativa. Patético. Humberto Solás foi um dos últimos a usar os imensos sets e a extraordinária equipe de decoradores, figurinistas, eletricitas, turma da pesada, maquiadores. Lembrei de Ronaldo de Abreu, o maquiador brasileiro trazido por Jeanne Moreau, *Joana a Francesa*. Humberto contava com o apoio de alguns fiéis, a começar pelo fotógrafo Livio Delgado, capaz de fazer milagres em estúdio ou com luz natural. A interpretação e a equipe eram uma mistura de línguas, sotaques e hábitos diferentes. Humberto mantinha o aprumo e a elegância, mas o olhar às vezes revelava a angústia, o esforço para conjurar o pânico diante da imensidão dos problemas. No meio daquele bulício tive a surpresa de encontrar o companheiro Quevedo, perambulando pelo set sem uma função aparente. Desajeitado, como se tivesse sido pego em flagrante, distraído, contou que haviam pedido para ele ficar de olho durante a filmagem. Segurança ou vigilância? Neste meio artístico tem muito *comemierda*, muita *mariconería*, muita *viadagem*, entende? Você sabe, dançarinos de balé resolvem ficar no exterior, fazem escândalo falando mal de Cuba, que lhes deu tudo, inclusive a formação numa das melhores companhias de dança clássica do mundo, digna do Bolshoi. Alguns esportistas também correm atrás do dinheiro nos países capitalistas, como se não tivessem uma dívida eterna com a Revolução. Traição não merece perdão, seria capaz de matar esses traidores. A situação na ilha está apertada, a economia sofre por causa da implosão do campo socialista, o governo decretou um período especial

em tempos de paz. As ameaças em termos de segurança aumentaram devido a essa fragilidade econômica. Esta filmagem é um projeto estratégico, o partido considerou necessário destacar uma pessoa de confiança e fui escolhido. Humberto Solás pode ser revolucionário, mas não é militante do partido, é homossexual, vive com outro homem. Nunca pediu para ser admitido no partido. Preciso ficar atento, evitar surpresas e manipulações, entende? Não gosto deste tipo de missão, detesto esse meio intelectual, mas devo obedecer às ordens. Será que Quevedo figurou na folha de pagamentos da produção, será que foi incluído nos créditos ou na lista de agradecimentos? Com que nome, com que função? Encontrar o companheiro Quevedo, analista de inteligência, reduzido à condição de zelador, foi um choque. Esquecera seu enquadramento na Segurança do Estado, considerava-o um militante do PCC com uma tarefa política, encarregado das relações internacionais, no caso do Brasil, quase um diplomata. Mas no frígido dos ovos aparecia o agente secreto, o homem das sombras, o soldado ou oficial, tenente ou capitão, capacitado para ações clandestinas, com a devida obediência para o que der e vier. Quevedo não leu provavelmente o roteiro, a adaptação de *O Século das Luzes*. Não era um comissário político capaz de zelar pela integridade ideológica da obra e descartar os desvios. Era um *seguroso*, como dizem os cubanos, um policial, um guarda encarregado de vigiar os comportamentos e os relacionamentos de uns e outros, para evitar as jogadas da contrarrevolução, como ele falava. Fiquei triste, com pena. Imagino que Humberto e os demais cubanos estão acostumados com esses olhares indiscretos, à espreita de gestos ou conversas suspeitas. Mesmo em Paris, nas Buttes-Chaumont, o controle não afrouxava. O Big Brother tropical não brinca em serviço. Victor Hugues, o personagem de Carpentier, descobre que o deslocamento entre a França e o Caribe transforma as iniciativas da Revolução de 1789. Ideias fora do lugar. Como uma premonição do desastre, o revolucionário francês levou ao Novo Mundo a primeira guilhotina, a máquina infernal inventada pelo doutor Guillotin para decapitar os condenados com o menor sofrimento e sem

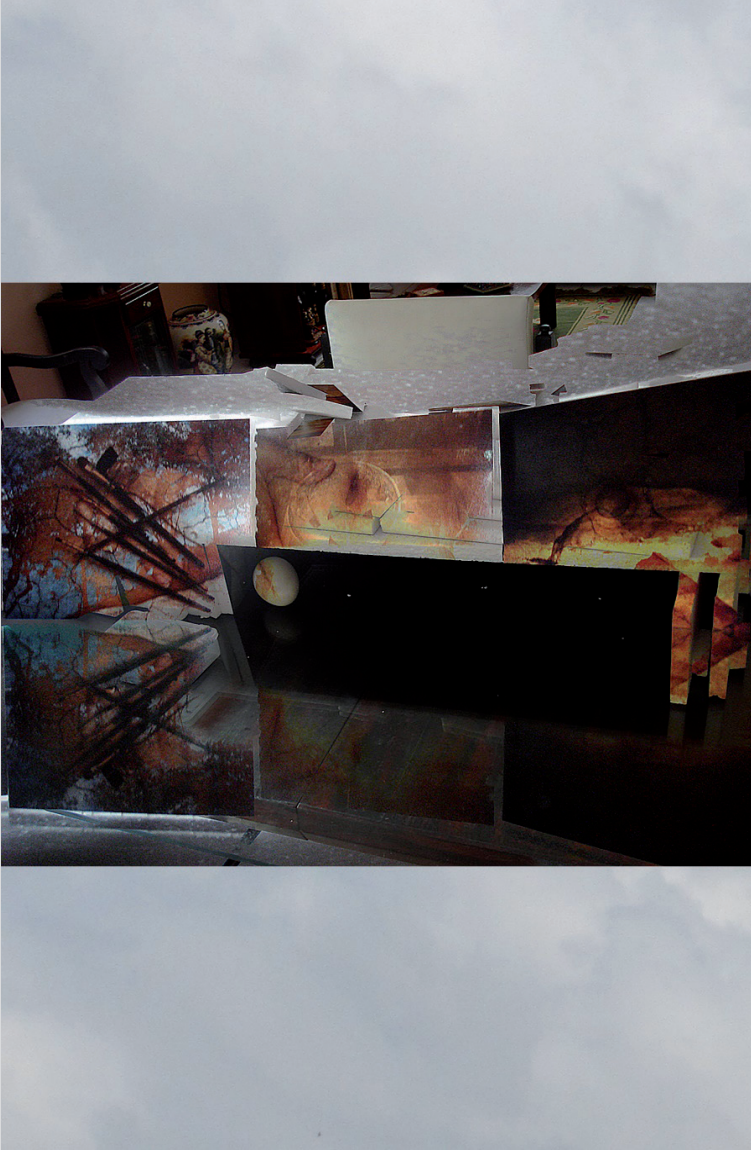
constrangimento para os carrascos, com o devido respeito à Declaração dos direitos do homem e do cidadão. Humberto filmava com a mente de um revolucionário atormentado, como seu alter ego do filme *Um dia de novembro*, proibido durante anos, na fase mais obscurantista do castrismo. O protagonista de *Memórias do subdesenvolvimento* de Tomás Gutiérrez Alea era um pequeno burguês lúcido, hipercrítico. O personagem de Solás criticava desde dentro do processo, sem distância irônica. Para sair do purgatório, Humberto deixou de lado a contemporaneidade e desenvolveu seu lado viscontiano, o da primeira *Lucia* na trilogia que lhe deu fama. Porém, a parafernália das Buttes-Chaumont dissimulou o subtexto do filme *O Século das Luzes*, que não teve melhor fortuna do que *Cecilia*. Texto, pretexto e subtexto, tese, antítese e síntese, um, dois, três. Depois, dando um giro copernicano, Humberto promoveu o cinema pobre, a *arte povera*, as filmagens com câmera digital e baixo orçamento, única alternativa em Cuba nos seus últimos anos. De certa maneira, o antigo jovem prodígio de *Lucia* conseguiu se reconciliar com as novas gerações, o cinema independente que prescinde do ICAIC, dos burocratas do partido e dos *segurosos*.



HÍBRIDO

Híbrido é um adjetivo com uma conotação pejorativa, enquanto a pureza é considerada uma virtude. Ave Maria Puríssima, sem pecado concebida. Ora, a pureza da fé, a pureza de sangue, a pureza de raça e a pureza ideológica, são responsáveis pelos piores crimes da humanidade. Os puristas não são sublimes nem santos, muito menos ingênuos, são perigosos inquisidores, normalizadores, parametrizadores, catequizadores, programadores, repressores, perseguidores, torturadores, culpabilizadores, negadores. Hibridação, mistura, fusão, mestiçagem, caracterizam a história muito antes da era das navegações e da primeira globalização. A Bíblia, o Corão, o Talmude, os deuses hindus e os orixás africanos são criações híbridas, frutos de vários cruzamentos e influências, sucessivos deslocamentos e invasões, apropriações e transferências. O choque das civilizações convive com os intercâmbios entre povos diversos, dispostos a construir caminhos e abrir rotas intermináveis para atingir os confins. A arte, a literatura, a cultura, não são diferentes dessas cosmogonias abertas aos quatro ventos, em perpétua evolução, à procura de respostas às inquietações surgidas nas cavernas. A explosão demográfica e a intensificação dos fluxos migratórios provocam pânico e retraimento, uma pane do entendimento e a compreensão. Muros e barreiras pretendem conjurar a globalização. Provincianismo contra mundialização, *local versus global*, o município contra o universo. *Small is beautiful. Less is best*. O aquecimento do planeta suscita uma glaciação dos espíritos. A identidade nacional não é somente uma construção, uma comunidade imaginada, é um mito milenarista. O nacionalismo é o caminho mais curto para a xenofobia. Meu vizinho é diferente, o outro é o inimigo. Bode expiatório. Tremendo bode. Paisagem depois da batalha. *Branca Branca Branca, Leon Leon Leon*. Progresso não é sinônimo de desenvolvimento, o desenvolvimento não é unânime nem sustentável, é uma montanha russa num parque de atrações

onde as entradas são caras. O relativismo atingiu a ciência, a filosofia perdeu o passo. O horizonte não é mais uma utopia, é uma Arcádia, a regressão a um bucólico paraíso perdido, um passado pastoril que jamais existiu senão na fantasia dos poetas. Inútil paisagem. Ontem e hoje, dogmas e ortodoxias, verdade revelada e pensamento único, sistemas e normas, abafam a imaginação e cerceiam as liberdades.



MONSIEUR-LE-PRINCE

Nosso decano, o ilustre brasileiro há mais tempo em Paris, era Paulo Carneiro. Um homem capaz de atravessar o Atlântico, aos setenta e cinco anos, para visitar em La Plata um preso que ele nem conhecia ainda. Por amizade e lealdade. Paulo Carneiro encarnou duas utopias pacíficas, que lhe deram uma energia invejável até o último alento. A primeira foi o positivismo, aquela fé na razão e na ciência que se transformou em religião da humanidade. Parece ser a sina dos sistemas totalizantes que pretendem revolucionar a sociedade, acabam desembocando no culto do Ser Supremo instaurado por Robespierre. A humanidade precisa de deuses, o diabo é que Deus prescinde dos homens. Foi Trajano Carneiro, irmão de Paulo, que me contou, ambos foram fruto do primeiro casamento realizado no Brasil segundo o rito positivista, no templo do carioquíssimo bairro da Glória. Nem casamento cívico, nem matrimônio na Igreja católica, como era praxe na virada entre o século XIX e o XX. Uma excentricidade ou novidade digna da união de pessoas do mesmo sexo no século XXI. A segunda utopia que embasou a vida de Paulo Carneiro foi a Unesco, desdobramento da Organização das Nações Unidas criada pelos Aliados depois da carnificina da Segunda Guerra Mundial. Assim como a ONU teve um fracassado antecedente na Sociedade das Nações, a Unesco veio ocupar o lugar do efêmero Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, vítima dos totalitarismos. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a Unesco, nasceu com maiores ambições e recursos. A educação devia reduzir as desigualdades, a ciência devia solucionar os problemas da humanidade e a cultura devia aproximar os povos, de maneira a evitar novas guerras e barbaridades baseadas em ideologias extremistas. Paulo Carneiro fez parte da geração dos fundadores, a do biólogo e filósofo Julian Huxley, que definiu a missão da organização, e do francês René Maheu, o verdadeiro patrão da Unesco durante

anos. O brasileiro era um dublê de cientista e diplomata, que ganhou uma bolsa para fazer o doutorado no Instituto Pasteur, em Paris, quando tinha trinta anos. Trabalhou no governo de Pernambuco, mas preferiu voltar à França depois da instauração do Estado Novo. Quando o Brasil rompeu relações com a Alemanha, foi detido pelos nazistas em Baden-Baden e Godesberg com o embaixador Luiz Martins de Souza Dantas. Os retratos daquela detenção não revelam maior vexame, mas fotografia não é documento, é um recorte. Depois do golpe de 1964, os militares tentaram tirar Paulo Carneiro da Unesco, mas foram informados de que ele estava no Conselho Executivo a título pessoal e não como representante do Brasil. A Unesco da fase heroica enfrentava uma vasta gama de desafios, da pedagogia à preservação dos templos egípcios de Abu Simbel, ameaçados pela barragem de Assuan, obra faraônica típica do desenvolvimento de Nasser. Paulo Carneiro discursou na inauguração do novo sítio das ruínas. O combate ao racismo foi uma causa de grandes expectativas. Um dos intelectuais mobilizados foi Claude Lévi-Strauss. O antropólogo ainda não tinha publicado *Tristes trópicos*, relato das suas andanças pelo Brasil, que foi um sucesso de vendas. Era um desconhecido para o público e os medalhões do Collège de France se davam ao luxo de esnober sua mente privilegiada. Diplomatas e racionalistas pareciam considerar os preconceitos raciais fruto da ignorância e do colonialismo. Acreditavam que tais prejuízos seriam vencidos pela descolonização e o acesso de todos à cultura. Mas o racismo não é o resultado de teorias raciais, é o inverso. Os pseudocientistas das raças no século XIX, como o francês Gobineau ou o norte-americano Agassiz, criaram argumentos para justificar abominações enraizadas *per secula seculorum*, desde tempos imemoriais, desde a horda primitiva. A prática precede as teorizações. A existência determina a consciência. O espanto e a incomodidade com a diferença, com o outro, é um sentimento animal, que nasce nas tripas, não surge no cérebro estreito da raça humana. O irracionalismo resiste à razão e à argumentação. Porém, o idealismo da Unesco esbarrou na guerra fria e escorregou na burocracia.

A polarização da era dos extremos contaminou tudo. Quando os ilusos resolveram discutir o fluxo Norte-Sul da informação, as potências da comunicação brecharam o assunto e abandonaram a organização, que perdeu sua universalidade e boa parte dos recursos. Mas o pior golpe veio de dentro, como acontece com os organismos vivos, quando a comunidade internacional passou das cinquenta nações fundadoras a duzentas, preocupadas em garantir o equilíbrio na origem dos funcionários com um sistema de cotas por região e uma minuciosa contabilidade por países. A Unesco virou cabide de empregos. Os apadrinhados substituíram os idealistas, os burocratas decidiram no lugar dos experts, os diplomatas caíram na rotina e na irrelevância. Paulo Carneiro fazia o que podia. Como o cinema era parte dos programas da organização, empenhada em promover o documentário para compensar o domínio dos cinejornais europeus e estadunidenses, ele ajudou a equipar os brasileiros que iam lançar o Cinema Novo. A Unesco virou um elefante branco, decorado com um belo mural de Miró. O elegante secretário-geral da ONU, Kofi Annan, foi lá tocar trompete. Gilberto Gil subiu no palco, fizeram um dueto delicioso, mas nem assim despejaram a modorra. Sentado na plateia estava o companheiro Quevedo, junto a diplomatas cubanos a julgar pelas *guayaberas* de mangas compridas. O camarada preferia bastidores a palcos ou plateias, mas a Unesco era um bom observatório e cobertura para os agentes de serviços de inteligência. Ainda por cima fica perto da embaixada de Cuba, é possível ir e vir a pé. Quevedo parecia ter o dom da ubiquidade, eu dava de braços com ele nos momentos e lugares mais inesperados. Devia ter desconfiado. Mas a prodigalidade em charutos desligou meu desconfiômetro. A Unesco naufragou como outras utopias do século XX. O positivismo, a primeira utopia de Paulo Carneiro, ocupou um lugar maior nos seus últimos anos. A doutrina de Auguste Comte compartilhava com o socialismo a fé na ciência e no progresso característica do século XIX. Ambas as teorias defendiam o proletariado, sem-terra, sem teto, sem máquinas, sem nada. No Brasil, o positivismo inspirou personalidades adiantadas para o seu tempo, como

o escritor Euclides da Cunha, o antropólogo Edgard Roquette-Pinto ou o marechal Cândido Rondon, protetor dos Índios e padrinho de Paulo Carneiro. Nosso decano obteve o tombamento da casa de Comte, ameaçada pelo urbanismo. A prefeitura de Paris desistiu de desviar a rua Monsieur-le-Prince, entre o cruzamento do Odeon e o Jardim do Luxemburgo, no coração do Bairro Latino, a poucos passos da Sorbonne. Fico imaginando a convicção e persuasão de um brasileiro capaz de convencer as autoridades francesas a abandonarem seus planos para preservar uma casa abandonada, em ruínas, repleta de papéis velhos em absoluta desordem. Paulo Carneiro fez da Maison de Auguste Comte, 10 rue Monsieur-le-Prince, Paris 6^e, um centro de pesquisa que funcionava com suas finanças pessoais e sua força de trabalho. Queimou as pestanas. Tinha um apartamento perto da Unesco, mas vivia ali. Restaurou o imóvel. Fez o inventário dos documentos, publicou uma parte da correspondência de Comte e depois deu tudo de presente à Biblioteca Nacional da França. Andava pelas ruas de Paris como se estivesse em casa, mostrando a residência às visitas, falando de cada edifício e de cada canto, contando casos, desfiando lembranças. Quando passava pela praça Dauphine, apontava e dizia, aqui mora Simone Signoret, sem agregar nenhum detalhe indiscreto sobre sua relação com a atriz. Era um sedutor à moda antiga. Mas a filiação é uma questão complicada. O único longa-metragem do filho, Mário Carneiro, *Gordos e magros*, é um implacável acerto de contas com a figura paterna. Dedicção ao trabalho ou à obra é difícil de conciliar com família.



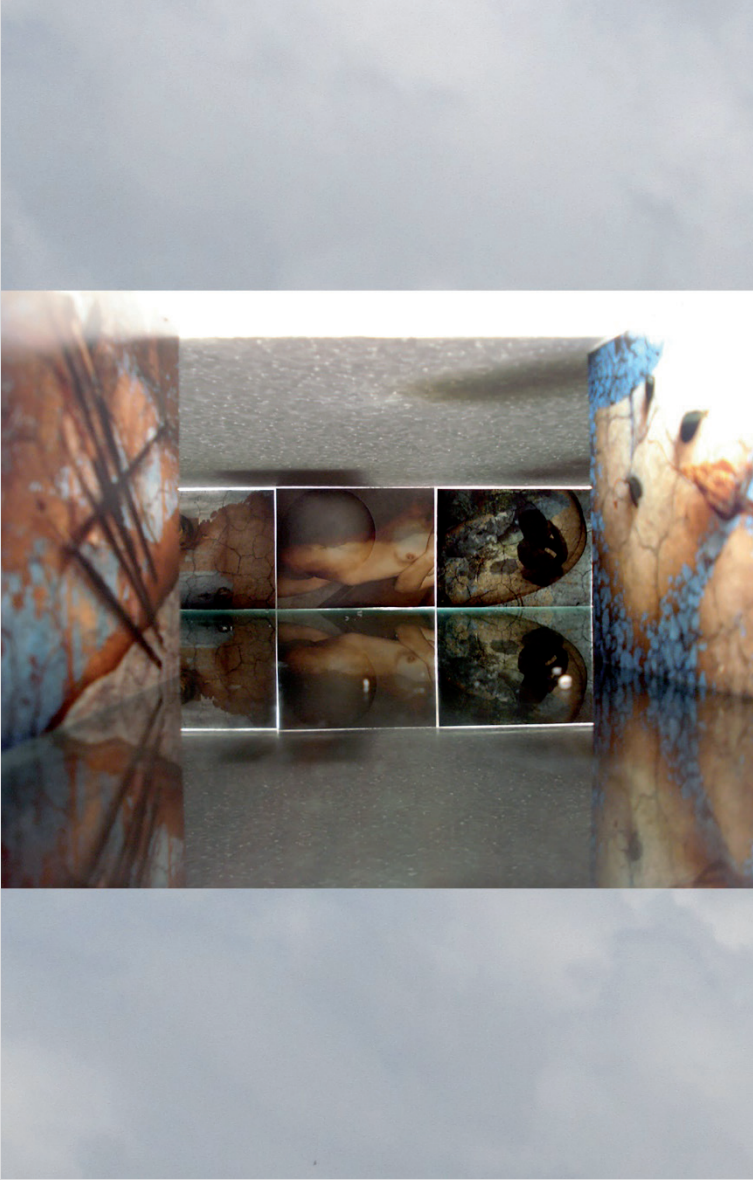
LA RAMPA

Cuba fabrica culos de primera, bundas de primeira, afirmou Quevedo muito prosa, sem aparente lascívia, com a convicção irrefutável do materialismo científico, dialético e histórico. Um, dois, três. A mulher cubana, nossas mulatas têm as melhores bundas do planeta. Esse prodígio tropical é em parte o resultado da alimentação, muito *moros y cristianos*, muito arroz e feijão, isso confere às nádegas volume e maciez. A forma escultural talvez seja o resultado de tanta rumba, muita salsa, *échale salsita*, a dança é a maior expressão do gênio da nossa raça mestiça. Na pista de dança você revela quem é, balança o esqueleto, solta as inibições, mexe à sua maneira e entra em contato com a parceira ou o parceiro. Os cubanos e as cubanas dançam como os deuses. A questão não é saber *de dónde son los cantantes*, conforme diz a letra do *Son de la Loma*, mas *de dónde son las rumberas*: Maria Antonieta Pons, Ninón Sevilla, Amalia Aguilar... Quer saber? O homem novo é macho e a mulher nova é popozuda, uma bunda boa. Combinam bem na dança e na cama. As mulatas em uniforme verde oliva fizeram um tremendo sucesso, na década de sessenta foram elas que conquistaram os corações e mentes dos estrangeiros. Você reparou quantos fotógrafos e cinegrafistas, homens e mulheres, registraram o balanço macio das mulatas nos desfiles de milicianos? Alberto Korda, que era fotógrafo de revistas de moda e publicidade antes da Revolução, percebeu logo a novidade e captou com sensualidade esse novo ideal feminino com armas, uniformes e boinas. Dizem que o Che Guevara, transformado em ícone na lente de Korda, não gostava do *son*, essência da nossa música. E daí? O argentino era *aplatanado*, afinal passou pela Serra Maestra, porém argentino assim mesmo. Tango e rumba não combinam. Caribe e Rio de la Plata, nada a ver. Eles receberam poucos africanos e muito europeu, aí está a raiz da nossa diferença: *poco negrito, mucho blanquito*. Aqui a educação, a politização e as mobilizações da Revolução deram

requite e uma certa sofisticação às jovens de origem popular. Nada de charme discreto da burguesia, proliferação de formas, cores, cheiros e movimentos, explosão de alegria de viver. *Bailar y gozar*. Os cubanos nunca respeitaram muito o catecismo e os dez mandamentos, mas a Revolução aboliu definitivamente o sexto mandamento, não fornicarás. O programa obrigatório das escolas no campo afastou os adolescentes do controle dos pais e facilitou um desvirginamento geral. Os estrangeiros acharam que Havana era uma festa, a festa cubana, o trópico festivo e alegre, basta de tristes trópicos. A elevação do nível cultural das nossas mulatas facilitou nosso trabalho de inteligência e vigilância. Os alemães e os russos nos ensinaram que a cama é uma fonte preciosa de informações. Convém gravar tudo, filmar na medida do possível, pode não ter uma utilidade imediata, mas os segredos de alcova e as imagens podem servir mais adiante. Europeus e norte-americanos sentem necessidade de conversar depois do coito. Deve ser a maneira deles mostrarem respeito pelas companheiras, demonstrarem que não as consideram objetos sexuais. Acho graça nesses *social-pendejos*, pentelhos amigos da Revolução, que precisam de álibi ideológico para trepar. No fundo são racistas, adoram comer uma exótica mulata, mas preferem fazer de conta que é uma ação solidária entre povos amigos e sexos opostos. Babacas. Graças à cooperação dos nossos camaradas dos países socialistas, adquirimos uma experiência e expertise extraordinárias, não há melhor serviço de inteligência em Nossa América, até os estadunidenses reconhecem. Fomos capazes de infiltrar todos os meios e dismantlar qualquer operação contrarrevolucionária. Infiltramos a máfia de Miami, infiltramos o Departamento de Estado em Washington, infiltramos os grupos de mercenários armados e desarmados em Cuba, mostramos a hipocrisia dos defensores dos direitos humanos, marionetes da CIA, infiltramos vários governos latino-americanos, inclusive ditaduras militares. Multiplicamos as ações internacionalistas, principalmente na América Central e na África. Nossas mulheres, nossas mulatas boazudas, foram armas preciosas. Você conhece o provérbio: *Un pelo de cuca tira más que una yunta de bueyes?* Um

cabelo de buceta tem mais força do que um carro de boi. Homens e mulheres estrangeiros ficam loucos com a informalidade das relações sexuais em Cuba. Agora nem os homossexuais precisam se esconder mais. Parece até que a revolução sexual na Europa e nos Estados Unidos fosse um mito, eles chegam famintos, loucos para cair na gandaia. O problema é que a loucura também virou a cabeça e torceu o rabo de muitos revolucionários. A *titimania* é uma praga, todo cubano idoso com posses e poder procura conseguir uma *pepilla*, uma juvenzinha disposta a gozar de uma boa vida, nem que seja dando o cu para um velhaco. Muitas são adolescentes, algumas menores de idade, cansadas de viver amontoadas com a família na promiscuidade de um *solar* da Havana Velha. Os coroas safados não tomam o menor cuidado, rejeitam a camisinha, quando elas ficam grávidas, abortam, afinal é tudo de graça, nem precisa autorização de ninguém, os pais não estão ligando. Antes da Revolução, predominava o sexo venal, tarifado, a prostituição. O Teatro Shanghai era um antro de pornografia. Os turistas gringos vinham ver Superman em ação, o Negro com a maior *pinga* do mundo, o pau dele chegava até o joelho, maior do que a *pinga* do Porfirio Rubirosa. Li *Tres tristes tigres* do Guillermo Cabrera Infante, comprei o livro numa das minhas viagens. A vida noturna em Havana que ele descreve, a agitação de La Rampa e do Vedado, persistiu nos primeiros anos da Revolução, depois acabou, a austeridade e o moralismo predominaram, pelo menos durante certo tempo. *Llegó el Comandante y mandó a parar, y se acabó la diversión*. Não entendo o prestígio do livro, isso não é romance, o autor, um pequeno burguês provinciano, transcreve a linguagem falada, nem se deu ao trabalho de reescrever, parece que os cubanos não sabem falar, abusam do argot, falam tudo errado. Além disso, o autor interrompe a história dos personagens e apresenta a morte de Trotski contada por vários escritores cubanos. Entre eles, os companheiros Nicolás Guillén, presidente da União de Escritores e Artistas de Cuba, e Alejo Carpentier, ilustre romancista e diplomata. O primeiro da lista é José Martí, o Apóstolo da independência, é uma vergonha, uma avacalhação. O que nós temos a ver com Trotski? Você pode me

explicar qual é a relação com o resto da história? Não sei se Cabrera Infante é um engraçadinho metido, invejoso do talento alheio, ou um provocador trotskista, disposto a insinuar que os cubanos estamos envolvidos nessas disputas de antigamente. De qualquer jeito, não cola com o resto do livro, que aliás é todo desconjuntado, invertebrado, improvisado, muda de estilo sem tom nem som. O sujeito deve se achar um malabarista ou então é um exibicionista que pretende *épater le bourgeois*, escandalizar o burguês com sua versatilidade e falta de respeito pelas convenções. Confortavelmente instalado em Londres, no coração da burguesia apátrida, Guillermo Cabrera Infante verteu na mídia imperialista sua bília contra a Revolução, foi nosso inimigo mais enraivecido, com uma obsessão digna de melhor causa. Por que em vez disso não escreveu um romance decente, capaz de rivalizar com Alejo Carpentier? Todo intelectual é oportunista, negativo, hipercrítico, fraco, frouxo, covarde, vacilante, por isso tem tanto homossexual entre eles. Che Guevara tinha razão quando falou em pecado original, os intelectuais não participaram da luta armada, da guerrilha, e pretendem ditar os rumos da Revolução, bancar a consciência moral. Quem não combateu, quem não arriscou a vida, não tem voz nem voto. Fidel os colocou no seu devido lugar: Dentro da Revolução, tudo, fora da Revolução, nada. Intelectual é egoísta, narcisista, interesseiro, se mexe apenas por vantagens materiais. Idealista é o povo, que luta pela emancipação da sociedade. No antigo Partido Socialista Popular, meu pai conheceu intelectuais que frequentaram a sociedade cultural *Nuestro Tiempo*, na época em que Cabrera Infante era jovem e desconhecido, crítico de cinema na revista *Carteles*, uma função obscura, sem relevância, dedicada a criticar a obra dos demais, atividade de parasita. Em compensação, a Revolução fez dele uma personalidade proeminente e influente, diretor de *Lunes de Revolución*, o suplemento literário de *Revolución*, o jornal do Movimento 26 de Julho de Fidel. Para explicar a ingratidão e o ressentimento desse verme, um companheiro do PSP me fez a seguinte confidência: o problema de Guillermito é que ele nunca soube dançar. E depois de uma pausa prudente, o camarada agregou baixinho: Fidel tampouco.



MARAIS

O Instituto Pasteur, a Unesco, a Maison de Auguste Comte, ficam na Rive Gauche. O embaixador Luiz Martins de Souza Dantas era nosso digníssimo representante junto à margem direita do Sena, a Rive Droite, sede do poder e dos teatros que adorava frequentar. A ocupação alemã obrigou o embaixador do Brasil a acompanhar o governo do marechal Philippe Pétain a Vichy, balneário adequado para um simulacro de autonomia em relação aos nazistas. O diplomata brasileiro contrariou a ideologia dominante e as ordens do Estado Novo getulista distribuindo vistos para judeus que salvaram a pele na América do Sul. Foi preso pelos nazistas depois da ruptura de relações entre o Brasil e a Alemanha e sancionado pela chancelaria no Rio de Janeiro. No pós-guerra, recuperou o posto em Paris. Foi o decano do corpo diplomático, um dos fundadores da Maison de l'Amérique latine. Seu mérito de Justo entre as Nações foi reconhecido pelo Memorial Yad Vashem de Jerusalém antes de ser homenageado na sua pátria. A publicação de uma tese universitária e a produção de um *biopic* resgataram a figura do *Querido Embaixador*. Na década de 1930, quando Paulo Carneiro e Souza Dantas davam seus primeiros passos em Paris, a boemia brasileira contava com destacadas figuras na França. O pernambucano Cícero Dias continua aí até hoje, enterrado no cemitério de Montparnasse. Ele também foi detido durante a guerra, mas conseguiu levar a Londres o poema “Liberté” de Paul Eluard, adotado pela Resistência francesa. Pintor modernista e depois abstracionista, tinha um estúdio na rua de Longchamp. Não foi o primeiro nem o último artista a se instalar em Paris. Um sergipano esquecido, Cândido de Faria, teve sucesso na Belle Époque como *affichiste*, pintor de cartazes para a produtora de cinema Pathé, que dominava na época o mercado mundial. Depois da Segunda Guerra Mundial, Arthur Piza e sua esposa Clélia ficaram em Paris, apesar do sucesso do pintor paulista nas primeiras Bienais de São

Paulo. Na mesma época, em 1953, veio outro pintor, Flavio Shiró, japonês brasileiro na Amazônia que instalou seu ateliê no bairro do Marais. Paris era uma escola para artistas, gravadores e músicos, que passavam uma temporada, mas retornavam. O nacionalismo não impediu os modernistas de beberem nessa fonte. O antropófago Oswald de Andrade descobriu o Brasil num ateliê da praça Clichy, onde ficava a estátua desaparecida do utopista Charles Fourier, inspirador de uma belíssima *Ode* de André Breton. *A cruel saudade que ri e chora*. O exuberante gestulista Heitor Villa-Lobos escolheu um apartamento da praça Saint-Michel para compor seus *Choros* e a *Maison de la Radio* para gravar as *Bachianas Brasileiras* com a soprano Victoria de los Angeles. *A gente sofre sem querer*. No arquivo da Radio France ouvi a suave voz da cantora Elsie Houston, esposa carioca do surrealista Benjamin Péret, e os gritos de Antonin Artaud, dissidente do surrealismo martirizado pela religião e a psiquiatria, massacrado pela sífilis, pelos eletrochoques e pelo câncer anal, na sua obra *Para acabar com o julgamento de Deus*. Outro brasileiro universal, Alberto Cavalcanti, tornou-se cineasta na França, antes de revolucionar o documentário na Grã-Bretanha e ser mais rejeitado do que Carmem Miranda quando resolveu regressar ao Brasil. Na companhia cinematográfica Vera Cruz e na produção paulista independente, Cavalcanti sofreu os preconceitos da burguesia conservadora e da esquerda comunista, apesar de ser um companheiro de viagem apoiado por Jorge Amado e Bertolt Brecht. Para uns era um homossexual sem-vergonha, para os outros era um alienado, agente da influência estrangeira. No Nordeste, que ainda não fazia parte da mitologia cinematográfica, filmou *O Canto do Mar*. Em Paris, na prodigiosa década de 1920, Cavalcanti apresentara ao jovem Jean Renoir sua primeira esposa, Catherine Hessling, modelo e talvez mais do pai, o venerável pintor Auguste Renoir. Jean sentia ciúmes da amizade entre a espevitada Catherine e o boêmio Cavalcanti, quando o brasileiro não estava nem aí. *Cav* apresentou-lhe também Dido Freire, filha de um cônsul do Brasil na Inglaterra, que trabalhou na equipe do cineasta francês na sua fase comunista, quando a

montadora Marguerite Renoir fez sua cabeça. A mulher ficou com o sobrenome mesmo depois do divórcio. A sucessão coube a Dido Freire, última esposa de Jean Renoir, sua voz e sua escritora em Los Angeles, para onde se mudaram durante a guerra. Como tanto francês, Renoir era uma negação para as línguas estrangeiras. Apesar dos filmes realizados no pós-guerra na França e na Índia, o casal nunca deixou a residência de Beverly Hills. Conforme diz um personagem da *Regra do jogo*, a obra-prima de Renoir, a questão não é saber quem tem razão e sim entender que cada um tem suas razões. Não é um raciocínio cartesiano, é até meio jesuítico, mas vale como máxima de tolerância. Nos estúdios franceses, Renoir era chamado *Patron*, era ele o único patrão, mas na casa de Los Angeles quem mandava era a Dido, morenaça poderosa. Em Beverly Hills, ela cruzava com Carmem Miranda, o cônsul Vinicius de Moraes, o jornalista Alex Viany e o cronista Gilberto Souto, decano da colônia brasileira de Hollywood. Durante a guerra fria, Jorge Amado, articulador cultural do Partidão, foi declarado *persona non grata* pelas autoridades francesas. Nada rancorosos, Jorge e Zélia Gattai adquiriram anos depois um apartamentozinho à beira do Sena, no Quai des Célestins número 16, esquina com a rua Saint-Paul. As camisas coloridas do baiano ficaram conhecidas nos mercadinhos onde faziam as compras. Numa ocasião, para um programa de homenagem ao romancista na televisão francesa, sob a batuta de Frédéric Mitterrand, sobrinho do presidente, trouxeram Grande Otelo a Paris. O ator passou mal e foi internado no Hospital Americano, em Neuilly, o preferido dos sheiks. Na hora de sair, quem paga a conta? O canal de tevê não tinha feito um seguro, a embaixada do Brasil não tinha verba. Parecia enredo de chanchada, mas Oscarito já era falecido. Otelo se salvou, mas quando voltou à França para ser homenageado no festival de Nantes, teve novamente um mal-estar, dessa vez fatal. Futuros cineastas, como Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra e Eduardo Coutinho, frequentaram a Cinemateca Francesa ou o Instituto de Altos Estudos Cinematográficos, o IDHEC. Apesar do nome pomposo, muitos ex-alunos falam mal do ensino. Durante

a ditadura militar, Violeta Arraes, irmã caçula do antigo governador de Pernambuco, Miguel Arraes, era a embaixadora informal que recebia os exilados de passagem, como Caetano Veloso e Cacá Diegues. O consulado do Brasil recusava renovar o passaporte e dar assistência a banidos e subversivos, um conjunto variável de cidadãos privados de cidadania, perdidos no extenso e estranho mundo. Era o Brasil grande, o Brasil do milagre, do slogan *Ame-o ou deixe-o* colado no vidro do fusca. Na sua residência do bairro do Marais, Violeta não era uma articuladora, como Jorge Amado nos tempos do Partidão, mas a moderadora das esquerdas dilaceradas. Criada no Nordeste, berço da nossa sociedade patriarcal, ela tinha vocação de matriarca ou supermãe, capaz de aplacar os impacientes e acolher os filhos pródigos. De tanto ver retirantes e penitentes, ela enveredou para a psicanálise. *Canta mais pra alembra o cariri*. Muitos exilados tiveram que esperar pela anistia. O *Samba de Orly* foi o hino dos desterrados. *Diz que eu vou levando*. O carioca Alécio de Andrade andava para cima e para baixo com sua câmera, aparecia quando menos se esperava, baixinho, discreto, com uma cabeleira rebelde e olhos perspicazes, durante anos foi o único profissional brasileiro da fotografia instalado na França, cursou o IDHEC, resolveu ficar depois do golpe, trabalhava para a *Manchete*, Sebastião Salgado ainda não tinha dado o seu primeiro clique. Os correspondentes Reali Junior do *Estadão* e João Batista Natali da *Folha de São Paulo* eram solidários, mas havia também dedo-duro. O paraibano Celso Furtado deu aulas de economia aos franceses durante vinte anos. Seu discípulo Pierre Salama, francês de Alexandria, não esqueceu. O carioca Fernando Henrique Cardoso lecionou sociologia em Nanterre, mas se mandou logo para o Chile. Teve como ouvintes o poeta José Almino de Alencar, filho de Arraes, e um cineasta relapso. O carioca Augusto Boal plantou a semente do Teatro do Oprimido entre os franceses, com a cumplicidade do editor François Maspero. O catarinense Luiz Felipe de Alencastro criou uma cátedra Atlântico Sul na Sorbonne, para pesquisar a antiga rota do tráfico negro. Numa época em que travesti era caso de polícia ou fanta-

sia de carnaval, ele escolheu como *nom de plume*, como pseudônimo jornalístico, Julia Juruna. Merecia a medalha ao mérito LGBT. O carioca Alfredo Valladão, antigo jornalista do *Libération*, criou uma cátedra Mercosul no Instituto de Estudos Políticos, a *Sciences Po*, pô, mas cansou de esperar pelo acordo com a Europa depois de duas décadas de lenga-lenga. O paulistano Michael Lowy passou a maior parte da sua carreira de ensaísta marxista à beira do Sena, onde encontrou o surrealismo, os últimos moicanos. O exílio deu nascimento inclusive a um desenhista de histórias em quadrinhos, Leo, que a maioria dos leitores da saga de Aldebaran ignora ser Luiz Eduardo de Oliveira, o Carioca dos anos de militância, criado em Passo Fundo. O companheiro Quevedo dispunha, portanto, de farto material humano, fontes como dizem espiões e jornalistas, para alimentar suas especulações sobre os rumos da esquerda tupiniquim. Pelo visto, não serviu para nada, nem para cubanos nem para brasileiros. Prevaleceu a *Realpolitik*, as utopias foram para o espaço. Depois da ditadura, a colônia brasileira cresceu de forma espantosa, a estimativa recente é de umas 60 mil pessoas, espalhadas pela França, dez vezes mais do que o número de exilados. Existe até aplicativo para estabelecer relações. A visibilidade maior é a dos restaurantes e bares, a caipirinha derrotou a marguerita, a *Coronita* se impôs na revanche, mas tem de tudo, desde psicanalista a diarista e capoeirista. O historiador gaúcho Marco Aurélio Garcia e sua esposa Elizabeth estavam na Sorbonne em fevereiro de 1968, quando eu estudava sociologia em Nanterre. Viajamos juntos a Berlim, para ver a cara de espanto dos alemães diante dos retratos de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht carregados pelos manifestantes contra a guerra do Vietnã. Anos depois, ele me espetou que eu era o último exilado. Respondi que era o primeiro imigrante. Desde a morte de Paulo Carneiro e do casal Clélia e Arthur Piza, talvez seja eu o decano de uma comunidade invertebrada, sem representação coletiva. O velho mais antigo, antiquado, antiguidade, antigualha, relíquia, velharia, velhaco, vestígio, ruína, fóssil, cadáver em sursis. Depois de devorar o bispo Sardinha e digerir várias levas de migrantes, voluntários

ou involuntários, como os africanos escravizados, o Brasil passou a exportar mão-de-obra. Em sociologuês seria mais acertado dizer que o Brasil devora os brasileiros e expulsa uma parte do exército de reserva de trabalhadores que não consegue deglutir. Somente jogador de futebol é bem cotado no mercado. Os demais precisam gramar. Da era dos extremos, passamos à era das migrações massivas. Nem todos os caminhos levam a Roma. Poucos são os escolhidos. O direito romano foi tripudiado pela direita lombarda, as viúvas e órfãos do *Duce*. Heroína do nosso tempo é a capitã alemã Carola Rackete, *gran capitana* da desobediência civil e cívica no Mediterrâneo, esse vergonhoso *Mare Nostrum* transformado em cemitério geral de africanos, *morte que não se escolhe e aqui é fornecida de graça*, conforme dizia João Cabral de Melo Neto. Juventude divino tesouro. *Quando quero chorar, não choro e às vezes choro sem querer*. Elizabeth Garcia escreveu um livrinho sobre a anarquista e feminista norte-americana Emma Goldman, mas o filho do casal foi batizado Leon, por causa do Trotski. Não foram os únicos. Trotskismo sentimental.

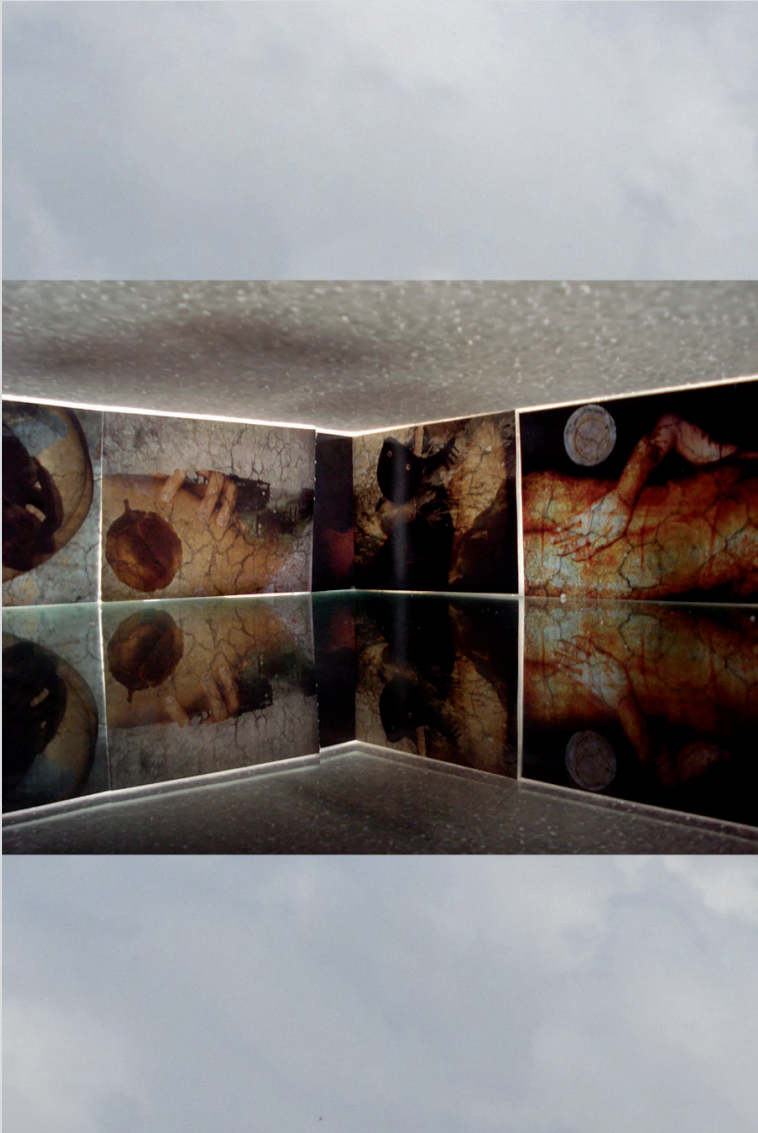


ARPOADOR

Mar é A maravilha. Em francês, *mer e mère*, mar e mãe, pronunciam-se do mesmo jeito. Não somos filhos da terra, da Pachamama, saímos do mar, a origem das espécies. Nascemos numa placenta que é um aquário, somos mais líquidos do que sólidos, os oceanos dominam os continentes. Em espanhol, as águas são masculinas e femininas, *el mar e la mar*, fluidas, hermafroditas, como o andrógino primordial. A Amazônia tem mais água do que terra. Tudo é mar, a floresta é um mar vegetal. A desembocadura do Amazonas vista do ar é um espetáculo, o rio se divide em inúmeros riachos que invadem as beiras antes de desaparecer no oceano, a terra vai cedendo espaço para as águas. Vista desde o rio, a mata é uma profusão de esculturas naturais, aquela é da Maria Martins, duas vezes mar, mas tem também uma do Henry Moore, várias da Louise Bourgeois, uma do Brancusi, outras de Soto e Gego, Giacometti, Cárdenas, Chillida e Jacques Lipchitz, as lianas são do Calder, o lusca-fusca de Le Parc e a movimentação é com certeza do Tinguely. A floresta adquire um aspecto imemorial, pré-histórico, na região venezuelana do Orinoco, os morros, os *tepuy*s, introduzem uma terceira dimensão espacial inexistente na superfície predominante do lado brasileiro. *Je te salue, Vieil Océan!* Eu te saúdo, Velho Oceano, como Maldoror. Sentimento oceânico, sensação absoluta, íntima imensidão. Nascer à beira-mar e morrer numa piscina de água doce e clorada, cruel destino, *que he hecho yo para merecer esto*. O destino é uma arbitrariedade, é um abuso, uma negação do livre arbítrio, a ditadura do acaso. Sonhava com aderir ao clube de velhinhos que passam o dia inteiro no Arpoador, era meu sonho de aposentado, o dia inteiro sem fazer nada, neça, nem nadar, viver de brisa, respirar a maresia, de papo pro ar. O canto do mar é o moto perpétuo, hipnótico, dispensa remédio. Eu não sou daqui. *Chamam por mim as águas, chamam por mim os mares*. Queria acabar como Alfonsina Storni, dormida, vestida de mar, abraçada pelas águas. Agora fodeu. Devia ter sido marinheiro, marinheiro só,

cruzar o equador infinitas vezes. Tudo na vida marítima. Navegar é preciso, viver não é preciso. Pegar onda é o supremo deleite. Boiar longe da arrebentação com leve movimento equivale a uma reconciliação com as origens. Mas boiar de boca para baixo numa piscina desconhecida é insustentável, insuportável, coisa de marinheiro de água doce, ainda por cima cheia de cloro. Detestei o Mar Morto, onde tudo boia, todos boiam. Aquela gente coberta de lama da cabeça aos pés, que nojo. Jerusalém atrai todos os fanáticos do planeta, disputam cada pedra, esta é minha, aqui Ele tropeçou, ali Ele souo, ali espirrou, acolá Ele nasceu, é preciso um rodízio ou uma copropriedade para administrar. Haja síndico. Religião é foda. Haja saco. Deus, ame-o ou deixe-o, não tem meio termo. *Shabbat Shalom*. Sábado em Tel Aviv a praia está cheia de gente bebendo fumando conversando flertando cantando tocando violão curtindo seduzindo dançando, parece Rio de Janeiro sem mar bravo nem ressaca. *Shabbat Slalom*. Terra Santa, quero que vá tudo pro inferno. Lugar ruim, inferno, onde tem espeto quente. *Vidas Secas*. Comeram o papagaio, Baleia morreu. Nelson Pereira dos Santos precisou mandar trazer o cachorro a Cannes para tranquilizar os protetores de animais. Pretendem estender o humanismo ao conjunto das espécies. Na França, passei a detestar os cães, donos abusados dão-lhes de comer no restaurante, sentam-nos no colo e dão na boca. Nojentto. Como francês é hipocondríaco, doente imaginário escreveu Molière, uso a desculpa esfarrapada de que tenho alergia. Sou racista com a raça canina. Fora. Nelson gostava de praia, arrebentava a lombada dos livros para dobrar melhor e assim ler e trabalhar à beira-mar. Não se mudou para o Rio de Janeiro por causa das favelas, mas para apreciar a brisa da costa. Hollywood em Paraty. A dupla de *Rio, Zona Norte*: o Grande Nelson e o pequeno Otelto. Conheci o cineasta noutra litoral, no festival de Pesaro, à beira do Adriático, no fim da ditadura. Nelson me espinafrou: cooptação um *cazzo*! Esbravejava como italiano, mas tinha a paciência do Seu Santos, o pai alfaiate. Nunca mais discutimos. Na Maison de Auguste Comte, disse que o Partidão do capitão Prestes era mais positivista do que marxista. Vai chegar

do, entra na cozinha, ajuda a enrolar os nhoques assim o almoço sai logo, todo mundo está com fome, beber com a barriga vazia não dá pé. Não consigo financiamento para filmar o Dom Pedro segundo intimista, a partir da sua correspondência. Tem nego dizendo que de comunista passei a monarquista. Passam trote pelo telefone. Acabei como comecei organizando sessão de cineclube na Academia. A vida parece uma viagem redonda, um eterno retorno, a volta à semente.



MOSCOU

Em Cuba, houve uma década em que predominaram os nomes que começam com Y. Não foi uma consequência da canção de Pablo Milanés, “Yolanda”, uma das mais belas que ele compôs. Pablito Milanés foi um dos jovens detidos nos campos de reeducação das UMAP, destinados a endireitar homossexuais, Testemunhas de Jeová, hippies, católicos, cabeludos, pacifistas, evangélicos, refratários ao serviço militar e demais desvios do homem novo. A moda do ípsilon, *i griega* em espanhol para diferenciá-la da *i latina*, aconteceu no auge do entrosamento com a União Soviética. Os fracassos de Fidel Castro e as derrotas de Ernesto Che Guevara aumentaram a dependência da ilha em relação a Moscou. O modelo soviético prevaleceu no partido único, na Constituição, nos manuais universitários, nas forças armadas, nos programas culturais, nos concursos literários e nas autocríticas de intelectuais. Na televisão, até os *muñequitos*, os desenhos animados, vinham do Leste europeu. O vinho da Geórgia, o iogurte búlgaro e as latas de carne russa apareceram nos armazéns. Décadas depois, o desabastecimento provocou uma onda de saudades daquela bolha artificial de bem-estar, que acabou com o fim do petróleo soviético e dos subsídios. Conservas de carne russa apareceram em Miami para satisfação dos nostálgicos. Os cubanos chamavam os russos de *bolos*. A etimologia é controvertida, mas seu caráter pejorativo é uma unanimidade. Os russos eram considerados toscos, não usavam desodorante, cheiravam mal, tinham fama de bruscos e alcoólatras. Os cubanos nem eram abstêmios, nem muito sofisticados, mas entravam debaixo do chuveiro duas vezes por dia. Foram disciplinados e uniformizados pelo militarismo do regime castrista, que abafou a espontaneidade tropical e mediterrânea. Somente o beisebol revela a gestualidade e a verbosidade naturais, dissimuladas pela prosopopeia unanimista. Os *bolos* ganharam um bairro especialmente construído para eles em Havana, o que acrescentou

a inveja na cidadania devido às carências em matéria de moradia. Apesar disso, proliferaram os nomes com Y, a começar pelos óbvios Yvan, Yuri, Yevgueny, Yevguenia, Yaroslav e Ygor, Yvani, Yvania, Yoan, Yoana, Yoani ou Yoanni, Yoandy, Yohan e Yohana, Yoe, Yoel, Yoey, Yon, Yoni, Yuni, Yunior, Yulia, Yudi, Yudinel, Yael, Yana, Yanaisa, Yania, Yany, Yanetsy, Yanelys, Yenallys, Yanko, Yankiel, Yanquiel, Yaya, Yuyu, Yuli, Yul, Yugi, Yuliet, Yudit, Yulier, Yunier, Yunesky, Yunievsky, Yuvisney, Yurielkys, Yulieski, Yulimar, Uisan, Yarosqui, Yarianna, Yasek, Yasel, Yairo, Yosua, Yosan, Yanet, Yamila, Yaiza, Yaide, Yaite, Yom, Yomil, Yamil, Yazmina ou Yasmine, Yadira, Yadiris, Yadam, Yuneisy, Yusleidy, Yusleidis, Yunisleidy, Yole, Yose, Yosimar, Yasmani ou Yasmany, Yadianny, Yuleimy, Yulenmis, Yudelis, Yvette, Yilian, Yiky, Yipsi, Yisabel, Yiselen, Yuriko, Yarisley, Yotuel (Yo tu el), Yarlis, Yarlo, Yago, Yacomo, Yocasta, Yaumier, Yordan, Yordenis, Yaimé, Yahima, Yordanka, Yohandra, Yuriorkis, Yalit, Yaniel, Yaviel, Yavier, Yasiel, Yadier, Yander, Yrmar, Yandry, Yoelvis, Yoelquis, Yusi, Yusimí, Yusnel, Yumilsis, Yaneymi, Yovi, Yoko, Yoyo, Yeyo, Yeilis, Yeinel, Yenny, Yessica, Yessenia, Yeray, Yordy, Yoelkis, Yoerky, Yoenis, Yimi, Yimit, Yeni, Yenisey, Yeniset, Yina, Yiddi, Yindra, Yuramis, Yaser, Yassir, Ysmael, Yosmel, Yosvani, Yaquelin, Yandy, Yamanda, Yaxis, Yoandrys, Yonkiel, Yulexis, Yuniel, Yusuam, Yelsy, Yelisa, Yerlin, Yerandy, Yailanis, Yailene, Yailén, Yailin *y un largo etcétera* como se diz em espanhol. O companheiro Quevedo deve ter um nome mais convencional, nunca soube, porque ele nasceu antes, era adolescente quando a caravana de Fidel Castro entrou em Havana com seus barbusdos da Serra Maestra. Daí o fervor do jovem militante, que não precisou tirar a barba porque os pelos nunca cresceram no seu rosto, nem para um bigode apresentável. A blogueira Yoani Sánchez, criadora do primeiro jornal digital independente baseado em Cuba, chamou seu blog Geração Y, em referência aos Millennials, familiarizados com as telinhas desde o berço, substituíram a chupeta. No caso dos cubanos é uma mera expressão de desejo, um *wishfull thinking*, porque o castrismo transformou a ilha num dos territórios menos conectados, mais subdesenvolvidos

do planeta. A extravagância dos nomes não é uma exclusividade cubana, os brasileiros ocupam um lugar proeminente nesse páreo, Um Dois Três de Oliveira Quatro, Dix-Huit Rosado, Esparadrapo Clemente de Sá, Ácido Acético Etilico da Silva. A história de Usnavi, batizado assim porque a mãe viu o nome na popa de um navio, U.S. Navy, é colombiana. A mania de formar nomes com uma sílaba do nome do pai e outra do nome da mãe é compartilhada por brasileiros, cubanos e outros latinos cansados do santoral, apesar da fartura do repertório. A vontade de homenagear a família paterna e a materna através de nomes compostos parte do mesmo espírito de conciliação, síntese ou simbiose, capaz de abafar qualquer criança saudável. Os franceses durante muito tempo alinharam uma quantidade de nomes, *prénoms*, digna de uma lista de compras, que mal encaixava na carteira de identidade. Na França usam somente o sobrenome do pai, o patronímico manda às favas o sobrenome materno, pariu tá parido, chega pra lá, o segundo sexo que se dane, merece o anonimato e a amnésia. Édipo também ficou cego. Existe somente um deus *ex machina*, Freud, e Lacan é o seu profeta. Por essas e outras não há mais dois sexos, agora tem vários, pelo bem e pelo mal, feitos sob medida, *prêt-à-porter*. Todas as denominações, com ou sem Y, revelam modas, modelos e expectativas. O mimetismo russófilo e o desprezo em relação aos *bolos* coexistem com o discurso anti-imperialista e a ansiedade de aderir ao sonho norte-americano. Amor e ódio entre vizinhos próximos ou distantes. *A maldita circunstância da água por todas as partes*, começa Virgílio, o Cubano, seu poema *A Ilha em peso*. Se não fossem os tubarões, não tinha ficado ninguém, o último nem precisava apagar a luz porque a eletricidade cai toda hora. Basta ver o êxodo bíblico dos venezuelanos. Ame-o ou deixe-o. O castrismo adotou a dupla moeda, implantou a dupla moral e ensinou a dupla linguagem. Pátria ou morte, fórmulas binárias, oposição e equivalência, socialismo e morte. As palavras escondem os envolvimento, os sentimentos escurecem os pensamentos. A razão rejeita a emoção, a paixão afoga a convicção. A família é foco de neurose, a sociedade é fonte de atritos. Adoro te odiar.

Detesto te amar. Não suporto teu amor. Não posso viver sem teu ódio. Quero mais é morrer de amor. *Ódiame por piedad yo te lo pido, ódiame sin medida ni clemencia.* Tem piedade de mim. Pare de sofrer. A gente sofre sem querer. Tenha fé.



MADRI

Jesus é o título adequado para minhas Memórias, falava Jesús Díaz. A cabotagem era puro bafo, ele não tinha a menor intenção de descrever sua existência, mesmo porque havia escrito o essencial no primeiro romance, *As iniciais da terra*, o melhor romance da Revolução cubana, tantos anos censurado, arquivado, meditado, guardado, ponderado, reescrito. O personagem narrador enfrenta o *cuéntametuvida*, o inquérito biográfico e autocrítico para destrinchar os meandros da sua trajetória e ter assim a honra de ser recebido entre os eleitos, os militantes do Partido Comunista de Cuba. Escrever Memórias? Somente quando esquecer tudo. Inventar é preciso. Jesús participou da efervescência política e cultural dos anos sessenta, a redação do irreverente *Caimán Barbudo*, a bem denominada revista *Pensamiento Crítico*, o departamento de filosofia da Universidade de Havana. Na virada da década de setenta, as utopias intelectuais e sociais foram enterradas. O departamento foi fechado, a filosofia foi substituída por manuais soviéticos, a crítica foi desterrada pelo partido único, a sociedade foi lobotomizada. Depois da fracassada safra de dez milhões de toneladas de açúcar, Jesús encontrou refúgio no Instituto de cinema, o ICAIC. Era mais arejado fazer documentário do que carregar pacotes na Biblioteca Nacional. O segundo romance de Jesús, *As palavras perdidas*, registra essas venturas e desventuras ideológicas no tom leve da picaresca. Além das malas artes de um bando de jovens românticos, o livro integra uma lenda urbana: as páginas arrancadas ao diário do patriarca da independência, o poeta José Martí, equivalentes ao testamento de Lênin, com advertências sobre o perigo de autoritarismo, mais conhecido entre latinos pelo nome de caudilhismo. O nosso relacionamento foi um caso de amizade à primeira vista, raro numa sociedade vigiada onde reinam a desconfiança e a dissimulação, inclusive diante de familiares. Rum, *tabacos* e boleros desanuviaram

a atmosfera. Danem-se os *segurosos*, os agentes da *Seguridad del Estado*. O mestre do desenho animado, Juan Padrón, *Padroncito* para os amigos, tinha uma reserva inesgotável de anedotas. Conhece aquela dos *bolos* que beberam uma garrafa de aguarrás encontrada no carrinho da limpeza, num corredor do hotel Habana Libre, acreditando que era álcool? E a dos *bolos* que destilaram óleo diesel dos tanques em Angola porque não aguentavam mais a falta de bebida? *Padroncito* sonhava com fazer um desenho animado sobre Santos Dumont, adorava a imagem do aviãozinho dando a volta na torre Eiffel durante a Belle Époque. Jesús e *Titón*, Tomás Gutiérrez Alea, lideravam a contestação nas assembleias, apostando no próximo congresso do partido. As expectativas de reformas foram frustradas pela enésima vez. *Perestroika* era palavrão, *glasnost* é o cacete, Fidel proibiu as revistas soviéticas. *Llegó el Comandante y mandó a parar, y se acabó la diversión*. *Titón*, que nunca aderiu ao partido, escreveu seus filmes testamentos, *Fresa y chocolate* e *Guantanamo*, que Fidel detestou, mas tolerou. Jesús e outros militantes do partido escreveram *Alicia no povo das maravilhas*, que Castro odiou e proibiu. *Titón* me falou dos documentários de Sarita Gómez e Nicolasito Guillén Landrián, seus discípulos, censurados, *arquivados* segundo a *novilingua* castrista, expurgados das filmografias. A maldita circunstância da água por todas as partes. Jesús saiu de Cuba. Em Berlim, denunciou *os anéis da serpente*, o embargo americano e as barbaridades políticas e econômicas cometidas pelo regime cubano, a intransigência e complementaridade da direita e da esquerda. Passou na mesma hora de militante do PCC à categoria de traidor, mercenário e outras pragas. Naquele ano, o verão na Alemanha caiu numa quinta-feira. Apesar de escrever um romance passado na Sibéria, Jesús conseguiu asilo climático e idiomático em Madri, onde lançou sua maior aventura intelectual, a revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, uma ponte entre a ilha e a diáspora. Minha relação com Quevedo azedou depois do primeiro número da revista, que continha um ensaio meu sobre Gutiérrez Alea, recém falecido. Não duvidei em participar, confiei inteiramente no critério do amigo, nunca me

arrependi. Para o regime cubano, passei a ser *persona non grata*, sem resposta aos pedidos de visto, sujeito a comentários do tipo *o senhor não está se portando bem*, em tom de professora de escola primária, ou *o senhor está numa enrascada migratória, obteve um visto de dois dias para acompanhar a presidenta em Havana e ficou duas semanas, não podia, o assunto é sério, como vamos fazer?* Outros se encarregaram de engrossar e me arrolar na CIA, para incrementar a potência das infâmias. Com o tenente-coronel Hugo Chávez na presidência da Venezuela, a guerra fria tropical esquentou. As ameaças e a agressividade aumentaram. O companheiro Quevedo tomou um chá de sumiço. Acabaram-se os charutos. Deve ter encontrado outras fontes. De qualquer modo as peripécias das esquerdas brasileiras saíram da clandestinidade. Esquerdistas e nacionalistas a fim de manter uma relação sentimental ou ortodoxa com o castrismo eram uma multidão. Veteranos e novas gerações de militantes estavam dispostos a engolir sapos como o fuzilamento do general Arnaldo Ochoa, herói de Angola, depois de um show televisivo de dar inveja aos promotores dos processos de Moscou. Ou a *primavera negra*, que condenou 75 dissidentes pacíficos a penas de vinte anos de cadeia. José Saramago disse para mim chega, mas pelo visto não falamos todos o mesmo português. Os brasileiros engoliram em seco e continuaram abraçando camaradas cubanos nos foros de São Paulo e Porto Alegre. Petrodólar não tem cheiro. Para outros, a dose foi mortal. O coração de Jesús Díaz parou de bater aos sessenta anos. Seu filho Pablo Díaz Espí, meu xará, fundou e dirige *Diario de Cuba*, uma plataforma digital de informação e opinião, baseada em Madri, com correspondentes na ilha. Nem todas as palavras foram perdidas.



MORFEU

Sonhar é bom. Não sei se é necessário ou saudável, é inevitável, dormindo perdemos o controle sobre nossas mentes, desligamos a autocensura, encostamos o moderador, atravessamos o espelho. *Dormir, dormir nas pedras*, escreveu Benjamin Péret. Em português e em espanhol, sono e sonho são quase homônimos, nem sinônimos nem antônimos, sintomas. Um, dois, três. Sonho que sonho sonhar sem acordar. Sonho que sonho não sonhar. Sonho que sonho acordado. Acordo do sonho sonhado. Sonho sem sono, sono sem sonho. *La vida es sueño*, a vida é um sonho, título de Calderón de la Barca. A imaginação é um arremedo de sonho insatisfeito com a realidade. Imaginação é promessa de rebelião. A utopia é um sonho compartilhado, coletivo, mas sonhamos sozinhos, nunca estamos tão sozinhos quanto nos braços de Morfeu. Procura-se o autor da *Invenção de Morfeu*. Não confundir com a genial *Invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares. Aqui jaz o autor desconhecido, enterrado à revelia debaixo de uma lápide sem nome. Nenhum personagem sai à procura do autor. Autor precisa de personagens, mas a recíproca não é verdadeira, os personagens têm vida própria, suprema ingratidão, ingloria autoria. A impossibilidade de realizar a utopia talvez decorra disso, nossa irreduzível solidão diante do sonho e do sono eterno. Mesmo nas trincheiras, cada um está abandonado à sua própria sorte. A morte não tem sentido e o sentido da vida é a vida mesma. A vida é uma redundância. Que me perdoe Calderón de la Barca, a vida não é um sonho, ambos termos são antinômicos. A vida é puro *ensueño*, devaneio. Para muitos é um pesadelo sem fim. *La realidad es nacer y morir, por qué llenarnos de tanta ansiedad, todo no es más que un eterno sufrir y el mundo está hecho de infelicidad*. Humanos, demasiado humanos, não somos seres superiores nem entidades etéreas. Nascermos sem memória e passamos a existência esquecendo o que vivemos, o que experimentamos, o que sentimos e com quem. A síndrome

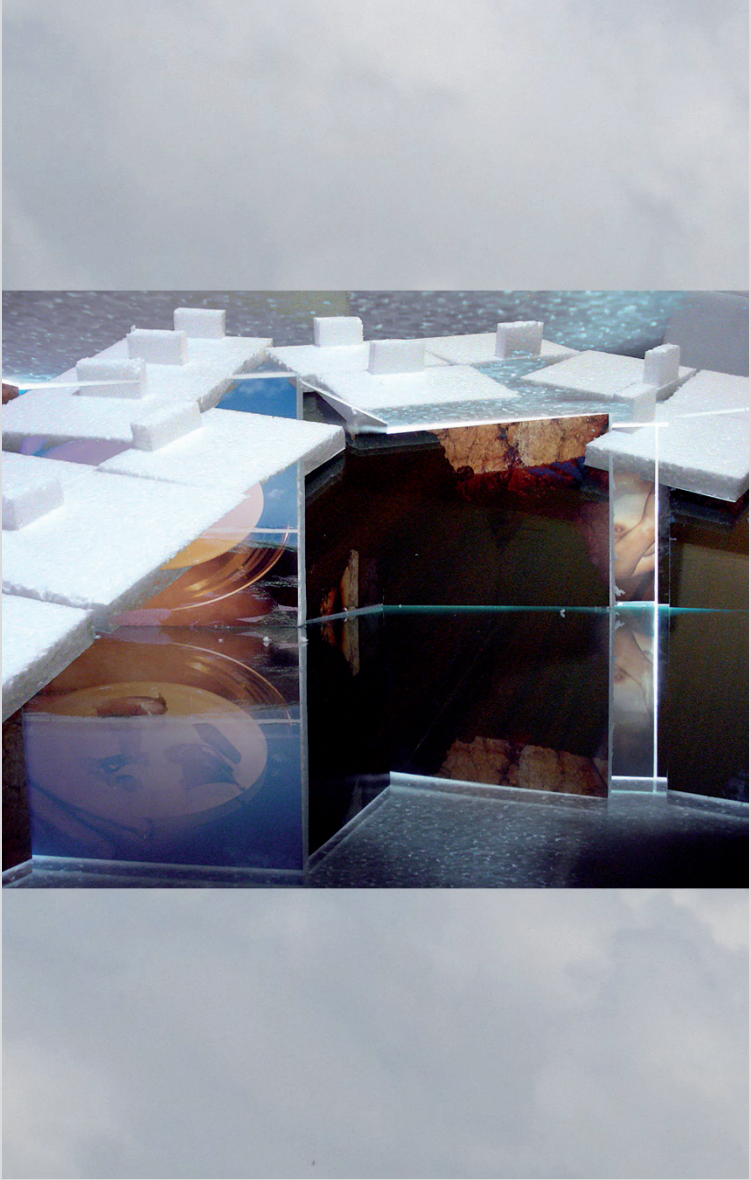
do sobrevivente: por que eu e não meu irmão? Por que morreu ele e não eu? Sobreviver é um sacrifício. Confundo pessoas vistas nas ruas, cruzo fantasmas em pleno dia. A vida não vale nada, mata-se por um sim ou por um não, por motivos fúteis. Diante de mim, tudo é passado. *Déjà vu. No future. Hoy represento el pasado, no me puedo conformar.* Morro sem fé, sem acreditar em nada, descrente de tudo, sem flores nem bandeiras, com a sensação de que nenhum proveito houve a não ser acompanhar com desajeitado afeto outras vidas efêmeras antes de que passassem a fazer parte dos fantasmas que avisto pelas ruas. *Fatigué fatigué.* Como em Álvaro de Campos, *o que há em mim é sobretudo cansaço.* A vida não é trágica, não é sublime o suficiente para chegar à tragédia, é uma miséria, uma insignificância, uma inútil eferescência antes de desaparecer no nada. *Cuan equivocado estaba yo al esperar algo de la vida,* escreveu Virgílio, o Cubano. Não estou mais aqui, sumi. Como o personagem do filme de Raul Ruiz, três vidas e uma morte só. Sem mar e sem mim, pobre de memórias, eu não sou mais eu, sou ninguém, nada sou, não nado mais, não tem nada não. Nada.

VOLONTAIRES

Em Paris, a estação de metrô Volontaires designa os Voluntários da Revolução francesa, engajados na defesa das conquistas de 1789. No Rio de Janeiro, a rua Voluntários da Pátria homenageia as unidades militares formadas às pressas para reforçar o exército na guerra contra o Paraguai. As duas designações revelam bem as referências antinômicas da França e do Brasil nessa fase de auge dos nacionalismos: os direitos humanos contra o imperialismo dos trópicos. Por algum motivo obliterado, o último encontro com Quevedo foi em Volontaires. A livraria La Joie de Lire havia fechado há muito tempo. Não descarto a comodidade ou a preguiça, Volontaires fica no mesmo distrito que a embaixada de Cuba, Paris 15^e arrondissement. Aliás foi um cubano, Paul Lafargue, genro de Karl Marx nascido em Santiago de Cuba, quem teorizou o direito à preguiça. Inesquecível reabilitação de um marxista tropicalista pelas edições François Maspero. Nunca foi traduzido e publicado na sua ilha natal, onde o Comandante em Chefe baixou uma lei contra a vadiagem. Quevedo viajava bastante, pelo que soube, raramente voltava a Paris, não tinha mais o que fazer aqui. No entanto, me procurou numa ocasião em que estava de passagem. Fazia anos que não nos víamos. Desde o século passado. A conversa foi civilizada, sem estridências, mas a tônica havia mudado. Nem um charuto para lembrar o antigo companheirismo. Tratei de explicar que a situação mudara também na ilha, numa direção contrária às expectativas de muitos amigos e conhecidos. O mundo evoluíra, o muro de Berlim caiu, a União Soviética implodiu. Um, dois, três. Nada disso adiantou. Repetiu o *teque* imutável, o discurso oficial, aprendido de cor e salteado nas páginas cinzentas do jornal *Granma*. O Brasil mudou, a abertura demorou, mas chegou, que nem o Zé Bonitinho, *Mulheres, cheguei*. Sem graça, fala sério. O abismo do nosso sentido do humor havia aumentado, agora era um mar de sargaços a nos separar, o triângulo das Bermudas, onde tudo

naufraga e desaparece. Humor e rumor *no pasarán*. Quando começou a falar no financiamento da revista de Jesús Díaz pela CIA, tentei frear a degradingolada, lembrei quantos intelectuais castristas ficaram radiantes ao receber uma bolsa ou um dinheirinho para dar umas aulas ou participar de um colóquio do outro lado do estreito da Flórida, em *Gringolandia* como dizem os mexicanos, *Yuma* como falam os cubanos. Quantos irmãos seus foram morar lá, perguntei, ciente da resposta. Todas as famílias estão divididas. Ele não gostou, também não se abalou. Agora a máfia de Miami virou a Comunidade Cubana no Exterior, ela sustenta os parentes residentes na ilha com as remessas, dólares benvindos para o governo que fica com sua porcentagem, principal fonte de divisas, mais do que o turismo e as exportações. Nada. Não havia argumento que arrancasse um sorriso ou pelo menos descontraísse o camarada. Pairava no ar uma agressividade surda, um ódio contido, embutido na discussão, dissimulado pelas palavras. Percebi que existia uma categoria pior do que o inimigo histórico, o ianque, é o traidor, o ex amigo, o sujeito que deixou de ser considerado companheiro. Parece atrito afetivo ou amoroso, melodrama, letra de bolero, o despeito agrava a desfeita, dor de corno é pior que dor de cotovelo, a racionalidade cede diante da irrupção de forças soterradas na sem-razão. De repente, o irracionalismo toma conta de sentimentos e pensamentos, a ordem dos fatores se inverte e altera sim o produto e a conduta, o que não era cabível passa a ser possível. As palavras morrem. Será que as palavras matam? As palavras ferem e contaminam. Lembrei de Roque Dalton, fuzilado pelos seus companheiros de guerrilha, treinados em Cuba. Os cubanos estrilaram porque o poeta salvadorenho era considerado um amigo, residente durante a melhor parte da sua vida intelectual em Havana. O método não foi questionado, somente a acusação grotesca de ser da CIA. Na verdade, seus camaradas guerrilheiros acharam que Roque Dalton era um agente cubano, encarregado de supervisionar a ação do Exército Revolucionário do Povo, o ERP, em El Salvador. Lembrei de Santucho, comandante do ERP argentino, que voltou de Cuba com a ordem de fuzilar dissidentes, sem saber que

descontentes e renitentes eram tão numerosos que ele ficou sem tropa para formar seu pelotão de fuzilamento. Na ilha, o *paredón* funcionou até 2003, quando três jovens negros foram fuzilados por terem sequestrado uma barcaça para fugir da miséria, sem terem derramado sangue. A pena de morte não foi abolida, foi objeto de uma moratória, como corresponde ao jesuítico Fidel, que nunca se arrependeu dos seus três mil e tantos condenados executados, mais mortos do que Pinochet. Senti um frisson, mas passou logo, raciocinei que do anátema à condenação há enorme distância, sem falar nas dificuldades logísticas e nos inconvenientes políticos e diplomáticos de uma ação no exterior. *Parole parole parole, parole soltanto parole*. Palavras apenas. O raciocínio aguentou vários anos. Dormi tranquilo. As agressões verbais recrudesceram quando a Venezuela chavista entrou em parafuso. À medida que os venezuelanos desciam ao inferno, os jornalistas começaram a ser testemunhas indesejáveis. Como tantos, fui expulso do paraíso. Até aí, ossos do ofício. Porém, meu raciocínio tranquilizador ruiu quando russos e chineses começaram a acertar contas com traidores e dissidentes em qualquer parte do planeta, usando armas sofisticadas, incluindo o envenenamento por simples contato. Sem palavras. Foi-se a época das armas rudimentares e improvisadas, como a picareta que rachou o crânio do Velho de Coyoacán e estraçalhou o coração de Natalia Sedova. Símbolo poderoso, pensando bem. Adequado para o esquisto cadáver jogado numa piscina de Paris. O cadáver flutuante era trotskista? Picaretagem, tudo se explica, deve haver motivos, tudo bem, sem dúvida foi merecido. Quem sabe à beira do Sena, berço de estruturalistas, o significado sobrevive ao significante. Apesar do competente treinamento recebido para matar, Quevedo não foi o executor, tenho certeza, é preciso achar um voluntário. Patriota ou revolucionário? *Patria o muerte*. Eu sou contra essa ideologia da agonia. Claro que o golpe fatal veio por trás, não vi quem foi o assassino. Afinal, por que o Quevedo escolheu o metrô Volontaires? Acaso involuntário? E cadê a picareta? O destino brinca de esconder. De braços nesta piscina, inanimado, fatigado, desalmado, cadavérico, não estou para brincadeira.



FILOSOFIA

Tive um sonho. *I had a dream*. Estava numa aula de filosofia em alemão. Está provado que só é possível filosofar em alemão. Ora, não falo essa língua. Não entendo patavina. No sonho, não estou na Filosofia, ao lado da Maison de France, estou na rua Duvivier, numa sala da Aliança Francesa. Lugar inapropriado para aula em alemão. Percebo que o assunto é o tempo cíclico e o tempo linear. Discordo, sou do contra. O futuro está atrás, o passado está na minha frente. Na minha compreensão, o tempo é sólido, feito de camadas geológicas superpostas, que soterram as antigas sem deixar de conservá-las bem exprimidas. Algumas são densas, outras mais finas, a matéria é diferente, tem de tudo, pedregulho, minerais e areia, fosseis animais e vegetais. O contato entre camadas propicia metamorfoses. O relógio da parede está se desmanchando, derrete como se fosse mole, começou a pingar no chão. As gotas produzem um som regular, irritante. Fico aflito porque assim não consigo ver a hora de acabar a aula e sair para o recreio. Ouço daqui a barulheira da criançada alvissarada. O inimigo rumor me distrai. O tempo está parado, congelado, como se eu estivesse numa ilha perdida, em Cuba isso aconteceu, o tempo parou. Apesar da aflição, o sonho não é desagradável, não é um pesadelo, prefiro continuar dormindo, não tenho pressa em acordar, porque aí vou esquecer tudo, nunca lembro. A memória é como os carrinhos de choque dos parques de atrações. Na cena seguinte, estou sentado sozinho num desses carrinhos, tentando manter a direção, controlar o rumo, conservar o aprumo. Os demais carrinhos estão todos ocupados por gêmeos, crianças do mesmo sexo ou de sexo diferente, diversas idades, gêmeos verdadeiros ou falsos. Sou o único adulto, é uma dedução, porque não vejo o meu próprio corpo, é como se estivesse desmaterializado, sei apenas que estou ali, sou o olhar câmera que tudo registra e projeta em três dimensões na minha mente adormecida. Doutor, é grave? De quanto tempo dispo-

nho? Os gêmeos não expressam agressividade, não me conhecem, nem eu a eles, mas a graça do jogo dos carrinhos consiste justamente em bater no outro. Cada choque desvia meu carro, perco o controle. Assim é com as lembranças. O choque de frente, de lado ou de trás, me faz perder o fio da memória. Quando o choque é mais forte, meu carrinho vira para trás completamente ou fica dando voltas em círculo, como as recordações, sem respeitar nem ordem, nem cronologia, nem calendário. Procuo retomar a direção e deslizar sem bater nos demais. Missão impossível, os outros são muitos, é um contra todos, estou acossado, assediado, perseguido, assombrado. Paranoia. Pânico. De desvio em desvio perdi a noção de orientação, ignoro as dimensões e a localização do espaço de jogo. Os franceses chamam os carros de choque de *auto-tamponneuses*, como se fossem tratores destinados a tampar uma brecha, fissura ou buraco. Cada choque do meu carrinho arrolha minha memória, impactada, fragmentada, desorientada. Estou triturado, extraviado. A terra treme, terremoto. Não sei se o trauma é a lembrança ou o esquecimento, tudo se confunde, na minha frente o passado é fugidio, atrás de mim o futuro é esquivo, um toma o lugar do outro, troca de lado porque giro em círculos, atizado sem trégua pelos gêmeos. De repente surge outro carrinho ocupado por um adulto, é o Quevedo. O que é isso, companheiro? O que faz aqui? Precisa de ajuda? Perdeu o rumo? O partido aponta a direção certa, o partido tem um departamento de orientação revolucionária, o partido é vanguarda, o partido é nosso guia, o partido sabe, o partido é infalível, o partido se fundamenta em si mesmo, o partido é o máximo, o partido é inconfundível. O partido conhece e reconhece, o partido é o dono da verdade, o partido é insofismável, o partido controla, o partido corrige, o partido sanciona, o partido decide. O partido é puro raciocínio, o partido é a encarnação da razão. O partido é passado, presente e futuro, o partido é profético, o partido é revolução, o partido é inalienável, o partido é incorruptível, o partido é inconquistável, o partido é indomável, o partido é invencível, o partido é história. Os homens morrem, o partido é imortal. Fora do partido não há salvação, existe ape-

nas o inferno das boas intenções, manipuladas pelo famigerado imperialismo. Partido sim, império não. O partido é tudo, sem o partido ninguém é nada. Sem partido, sem sentido, sem tom nem som. O partido é de todos, sem ser de alguém, o partido é todo-poderoso. Pelo sim e pelo não, o partido é dialético, o partido tem seu próprio dialeto, o partido fala em alto e bom tom. O partido é o intelectual coletivo, o partido é o senhor das vontades, o partido é o mestre dos mestres, o partido mostra o caminho, o partido é irrefutável. O partido parte e reparte, o partido é indivisível, o partido resolve, o partido é irresistível, o partido manda e a gente obedece, sem discutir, sem desvios. Toda dissidência é traição. Dissentir é pecado mortal, aderir é uma redenção. O sangue não mente. Perplexidade é mera afetação. Participe. Colabore com o partido, consinta, confesse, obtempere, ouça a voz do seu dono, faça sua autocrítica, ajoelhe, baixe a cabeça, arrependa-se enquanto é tempo, pare de sofrer, cuidado que o tempo é uma noção fluida, flutuante, está se esgotando, deixe de ser hipercrítico, intelectual inorgânico não presta, faça sua penitência, salve-se, bata no peito e reze o credo do partido, dessa maneira sua pena será mais leve, diante do pelotão de fuzilamento você sentirá a insustentável futilidade do ser, a eternidade do instante supremo, a infinita leveza do dever cumprido, o amor correspondido e o sagrado revelado. Você poderá inclusive fumar um último charuto cubano, dos bons. Com certeza, porque a dúvida foi definitivamente erradicada. Dúvida é para os fracos, os frouxos, os invertebrados, as bichas, os vermes. Homem novo não vacila, não hesita, não discute. A verdade é uma só e Fidel é o seu profeta. Marxismo-leninismo, massismo-unanimismo, adesismo-voluntarismo. Vamos bem. Comandante em Chefe, ordene. Seremos como o Che. Pátria ou morte, venceremos. Mais fortes são os poderes do povo.



SAMBÓDROMO

Eu tinha um sonho, mas o sonho acabou, ficou a sonolência. Caiu a temperatura. Sinto uma friagem. Estou quase seco. Devo estar na morgue. Silêncio. Fede a formol e a decomposição cadavérica. Suspiro. Estão apalpando meu crânio. Alívio. Sobreviver foi um sacrifício. Um bisturi rasga a primeira camada, não dói, mas a sensação é aflitiva. Estão começando uma trepanação, talvez para descobrir vestígios do estilhaço. Picareta, cadê você? Assim vão acabar com meus fragmentos de memória maltrapilha. Desse jeito esvaem-se as chances de identificar o meu derradeiro encontro, o encontro indesejado, é o fim da picada. Quem foi? Quantos eram? Por quê? O companheiro Quevedo estava perto? Foi você, Quevedo, te vi ou foi apenas um pesadelo? Tinha mulher no meio? Não podemos descartar nenhuma hipótese, por mais absurda que pareça. Ciumeira é um monstro. Ressentimento mata. A ficção fica sempre aquém da realidade. Cadáver flutuante, corpo sem gravidade, narração imperfeita, realidade híbrida, colagem aleatória, devaneio sem rumo, sombras e fantasmas, memória e esquecimento. Sem elucidação, impunidade garantida, incentivo ao crime. Onde enterraram ou jogaram o corpo de Roque Dalton? Quem assassinou o poeta salvadorenho? Quais foram suas últimas palavras? Escreveu versos? Por que foram perdidas essas palavras? Na certa pensou nos filhos. Eu também, Neginho. *Drumi negrito*, embala no sono. Respeitem minha derradeira vontade: nada de padre, pastor ou rabino; a *Internacional* em versão instrumental (nunca decorei a letra em língua alguma), *Ay, Carmela!* e Caetano Veloso em espanhol (talvez *Vuelvo al sur*). Não vou poder conferir, o inconveniente da morte é que o defunto perde os cinco sentidos, assiste ao funeral sem participar. Quem matou a poesia? Palavras morrem. Palavras matam? *Gusano*, verme, escória, *vendepatria*, apátrida. *Al enemigo, ni agua*. Por que amanheci nesta piscina? Palavras boiam ou afundam n'água? Como convencer alguém de que o crime não

compensa se o assassino anda solto? Lição de veras inadequada para a juventude, fica proibido divulgar essa história repleta de buracos, que nem queijo gruyère, onde já se viu cadáver insubmersível. Fora. Proibido proibir. Anarquista extremista niilista idealista ateuista laxista narcisista utopista tabagista inconformista egoísta irrealista internacionalista badernista onanista trotskista pessimista reformista maniqueísta pacifista dirigista proselitista esquerdista amatorista capitalista paternalista panfletista catastrofista elitista hedonista surrealista individualista budista artista machista jornalista vigarista esteticista exibicionista hibridista voluntarista masoquista experimentalista cabalista sensualista sionista populista farrista coletivista saudosista alquimista apolo-gista beletrista passadista direitista sulista formalista parodista diversionista equilibrista papista otimista sexista tribalista isolacionista tropicalista fetichista indigenista subjetivista abstencionista tabaquista intelectualista centrista sofista cineclubista voyeurista ritualista historicista banhista materialista personalista jansenista absolutista europeísta consumista frentista alarmista terceiro-mundista primitivista relativista casuísta umbandista ilusionista agnosticista internista dogmatista possibilista turista solipsista malabarista triunfalista sentimentalista comodista intriguista monarquista nominalista decadentista contrabandista positivista contorcionista desenvolvimentista sincretista mecanicista terrorista absentista fantasista oportunista reducionista bonapartista nepotista memorialista politeísta epicurista unanimista... Facetas de uma vítima propiciatória, cada uma merece sanção severa. Sujeito volúvel, versátil não, instável, flutuante, hipercrítico, do contra, invertebrado, fluido, homem só, bicho do mato, sem raízes, esquisito, fugidio, desafinado, desalmado, sobrevivente, cadáver em sursis. Por que não morreu na hora certa? O eterno atraso. Falta de caráter, mau-caratismo, picaretagem, negação permanente. Você abusou de mim. Basta de contemplações, chega de saudade, nada de complacência, desiste. *Ya es muy tarde para remediar todo lo que ha pasado.* Palavras matam, palavras não morrem, palavras ferem, palavras somente palavras não são não. Desde o início esta é a história de um morto que fala,

um morto-vivo, fala e não para de falar, um acinte, papo furado, prosa prosaica, conversa sem tom nem som, baboseira, defunto não fala nem gesticula, finado não especula, presunto cala e pa-dece em silêncio, logo cremado ou logo enterrado, surdo-mudo, cala-te boca, fecha os olhos, tagarela. Falatório, palavrório, mic-tório. Péssimo exemplo, exige todo o rigor da lei suprema, lei é lei, pena máxima, exemplar, máxime nas circunstâncias dramáti-cas que atravessa a humanidade à espera de um salvador, uma luz no final do túnel ou pelo menos uma lanterninha, um smartpho-ne. Em épocas apocalípticas, máxima dureza, exemplaridade, ri-gor mortis. Aplique-se, execute-se. *Arráncame la vida de un tirón*. Lá vem o homem bomba. Quem foi o carrasco encarregado de executar a sentença e de restabelecer a paz de espírito dos confor-mados? Foi você o voluntário, Quevedo? Custa a acreditar. Que-ro saber. Preciso saber. Direitos não tenho, sei disso, não temos mais, somos despojados cada dia um pouco, mas desejo saber. Curiosidade profissional. Curiosidade intelectual. Curiosidade moral. Curiosidade ponto. Tanto descaso com a verdade parece até Brasil, paraíso da impunidade, da evasão e da leviandade. Ma-ta-se por motivos fúteis. Futilidade, veleidade, ferocidade. Aos inimigos, a lei. Homicídio, genocídio, feminicídio. A vida não vale nada. A única coisa séria naquele país é o carnaval. *Quem não gosta do samba bom sujeito não é, é ruim da cabeça ou doente do pé*. Cuidado, senão dança. O dragão da maldade comeu São Jorge. Iemanjá sumiu no mar. Indignidade, falsidade, arbitrarie-dade. A lei não vale nada. Mera invenção. A realidade nacional, objeto de tantos desvelos, é pura ficção. Nem futuro nem passa-do, amnésia, desmemoria, abolição do tempo, um presente eter-no, um presente lânguido, arrastado, evanescente. Imobilismo secular, negação permanente. Persistente presentismo. História para que? Estórias, histerias, estroinas. Lembro, deslembro, re-lembro. Gigante adormecido, sedado, apatetado. Ame-o ou dei-xe-o. Pra quê? Para uma morte tropicalista numa piscina fria da França. Triste trópico de Paris. Valeu a pena? *No hay que llorar, hay que saber perder*. Data de vencimento, caducou, fim de linha. Salve-se quem puder. Que história é essa? Ficção impura. Triste,

solitário e final. Três tristes tigres trazem trigo num trigal. Um dois três. Estudo, trabalho e fuzil. *Branca Branca Branca, Leon Leon Leon*. Três trotskistas trocam tiros no quintal. Mi fa sol. Trinca, trio, trindade. Estrume, estrondo, estrago. Estropio, rodopio, sem pio. Saturno, soturno, Saturnino. *Stress es tres, tres. Reloj detén tu camino porque mi vida se apaga*. O destino é mais forte do que o preconceito, o dever e a honra. Um dois três. Texto, pretexto, subtexto. Uni duni tê. Terrâneo, conterrâneo, subterrâneo. Atrabiliário destino. *Regálame esta noche, retrásame la muerte*. Noite fria, noite triste, última noite. Nem contigo, nem sentido, sem tino. Sem mim, sem mais ninguém. Um dois, feijão com arroz. *Humpty Dumpty sat on a wall*. Cai aqui na minha mão. Tupi or not tupi. Toupie or not toupie. *Sursum corda*. Come o bispo, come. Um, dois, três indiozinhos. A benção, Mário, Oswald, Joaquim. Benção Paulo, Nelson, Coutinho, benção todos os que partiram do mundo. Benção, Mãe, benção meu irmão, por que você furou a fila? Travessura sem nome. Não acorda não. Sem a tua companhia. Acordei de madrugada. Atirei o pau. Afasta de mim. Não posso nadar. Marinheiro só. Bosque solidão. Morrerei de paixão. Eu não sei dançar. Bota aqui o seu pezinho. Aos sessenta, cê senta; aos setenta, cê tenta. A morte? Sou contra. Não adianta nada, não vem que não tem. Um vezes um, um, um vezes dois, dois. Dois tá bom, três é demais. Dançou. Tarde, tique taque. Desaparece, some, afunda. Noite sem fim, noites confins. Alá Bibi e os quarenta patrões. Chega de dor, para com isso, me acuda. Quem, ninguém. Sofrimento e tortura nunca mais. Nem confissão faço, nem absolvição peço. Conheço o desespero em grandes linhas. Um vezes três, três. Maldita trindade, santíssima nada, santa coisa nenhuma. *Ite*. Diga adeus e vá-se embora. Sem rumo, sem rota, derrota sem volta. Nas últimas ninguém, sozinho. Cala a boca, não amola, não enche mais. Desiste, não resiste, esquece, abandonai toda a esperança. Lugar ruim, espeto quente, sabor a mim, o mar secou. Escuridão sofreguidão coação, calor suor feodor. Sacanagem. Puta que pariu. Put ta riu que u a put par que iu p p p p...

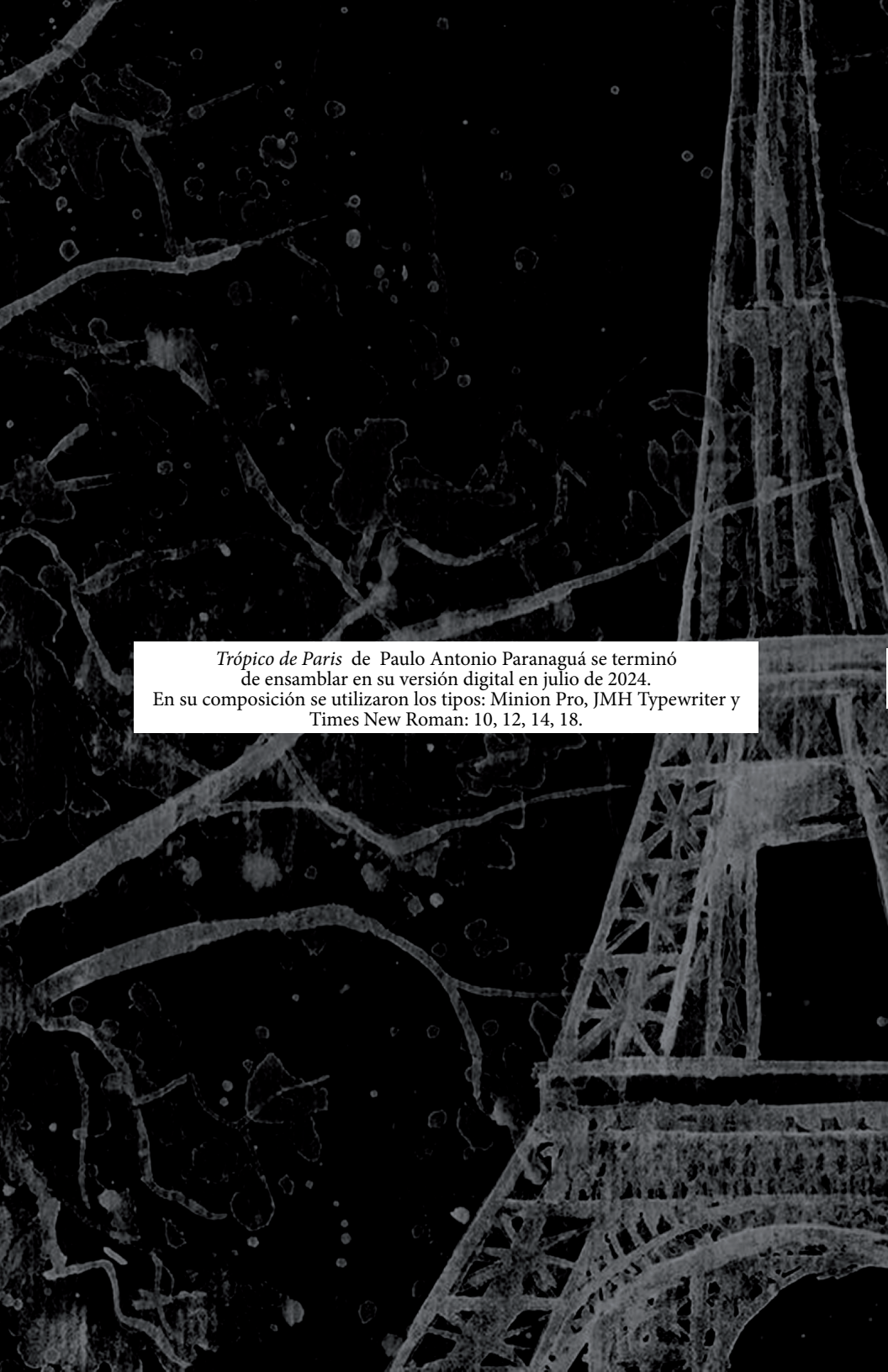
Paris-Rio de Janeiro, 21 de maio de 2018-20 de agosto de 2019

O AUTOR SOBRE ELE MESMO



Nasci no Rio de Janeiro em 19 de novembro de 1948, Dia da Bandeira e ano do Golpe de Praga. Depois de padecer três ditaduras (Espanha, Brasil e Argentina), resolvi morar na França, onde nasceu meu filho Simon. Participei do movimento surrealista em São Paulo e Paris. Fiz cursos de cinema no Museu de Arte Moderna do Rio e o curta-metragem *Nadja* (1966). Por causa da militância trotskista estive preso uns dois

anos na Argentina. Estudei sociologia nas Universidades de Nanterre e Paris VIII, obtive o diploma da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris) e o doutorado em história da arte na Sorbonne. Fui correspondente do *Jornal do Brasil*, crítico de cinema da revista *Positif*, jornalista do *nanico Rouge*, da Rádio França Internacional e do diário *Le Monde*. Ganhei as bolsas Guggenheim e Vitae para minhas pesquisas. Em encontros de pesquisadores e publicações, nas Américas e na Europa, defendi a necessidade de uma história comparada. Trabalhei como curador para o Centro Georges Pompidou e diversos eventos. Sou o autor de vários livros: *Cinema na América Latina: Longe de Deus e perto de Hollywood* (L&PM, Porto Alegre, 1985), *Le cinéma brésilien* (Centro Pompidou, Paris, 1987, prêmio literário da crítica francesa), *Le cinéma cubain* (Centro Pompidou, Paris, 1990), *Le cinéma mexicain* (Centro Pompidou, Paris, 1992, tradução inglesa ampliada *Mexican Cinema*, British Film Institute, Londres, 1995), *Arturo Ripstein* (Cátedra, Madri, 1997), *Le cinéma en Amérique latine: Le miroir éclaté, historiographie et comparatisme* (L'Harmattan, Paris, 2000), *Luis Buñuel: El* (Paidós, Barcelona, 2001), *Tradición y modernidad en el cine de América Latina* (FCE, Madri-México, 2003), *Cine documental en América Latina* (Cátedra, Madri, 2003), *Olhares desinibidos/Miradas desinibidas: O novo documentário ibero-americano/El nuevo documental iberoamericano* (Ministério da Cultura da Espanha, Madri, 2009), *A invenção do cinema brasileiro* (Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2014), *História da América Latina em 100 fotografias* (Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2024).



Trópico de Paris de Paulo Antonio Paranaguá se terminó de ensamblar en su versión digital en julio de 2024.
En su composición se utilizaron los tipos: Minion Pro, JMH Typewriter y Times New Roman: 10, 12, 14, 18.



2024



**COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES
2024**